

**REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO DE GOIÁS**

REVISTA **1989**
DO INSTITUTO
HISTÓRICO E
GEOGRÁFICO
DE GOIÁS

12



**Revista do Instituto
Histórico e Geográfico
de Goiás**

Nº 12

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás
Ano 16 N.o. 12 1989
Goiânia Goiás

Aceitamos permuta com publicações de cunho cultural.

Endereço:
Rua 82 n. 455 - Centro Fone: 224-4622
74.010 - Goiânia - Goiás - Brasil

**Revista do Instituto
Histórico e Geográfico
de Goiás**

Nº 12

JULHO - 1989
**ACERVO
AMÁLIA HERMANO**

DIRETOR: GERALDO COELHO VAZ

Colaboradores:

Todos os sócios do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

Publicação: Secretaria da Cultura do Estado de Goiás/
Governo Henrique Santillo.
1989

8
381.73
HER
545

AMÁLIA HERMANO
ACERVO

EDITORIAL	9
GABINETE LITERÁRIO - (Rosarita Fleury)	11
O MONSTRO SAGRADO - (Nelly Alves de Almeida)	17
O PRIMEIRO POETA CATALANO - (Coelho Vaz)	29
NAVEGAÇÃO ENTRE PALMA E BELÉM DO PARÁ NO SÉCULO XIX/ - Diário de Viagem de Vicente Ferreira Go- mes (1858-1859)-(Carlos Francisco Moura)	33
JOSÉ PEIXOTO DA SILVEIRA- (Ursulino Leão)	47
AGRADECIMENTO -(PX SILVEIRA)	59
BARÕES E CORONÉIS - (Cornélio Ramos)	61
À MEMÓRIA DE GUIMARÃES LIMA - José Dilermando Meireles	65
A "JORNADA" A GOIÁS DE LUIS DA CUNHA MENEZES EM 1778- (Paulo Bertran)	75
UM PINGO DE HISTÓRIA E RELAÇÃO PÚBLICAS NA POLÍCIA MILITAR (Cristovam Francisco de Castilho)	81
A NATUREZA E A PALAVRA: CRESCIMENTO OU DE- SENVOLVIMENTO?-(Itaborai Velasco Nascimento)	85
SOBRE AS FONTES DOCUMENTAIS PARA A HISTÓRIA DE GOIÁS - (Lena Castelo Branco Ferreira Freitas e Nancy Ribeiro de Araújo e Silva)	91
POEMA	113
DISCURSO	115
DIRETORIA	121
RELAÇÃO DOS SÓCIOS	124

Diagramação e Arte Final:

Elismar de Oliveira

Composição:

Antonia de Deus Silva

Este livro foi confeccionado nas oficinas da
GESP - Gráfica e Editora S. Paulo - 233-5533.

EDITORIAL

Embora o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás tenha sido fundado a 15 de junho de 1933, sua Revista não tem a periodicidade que deveria ter em razão da falta de recursos, tão comuns às instituições culturais do nosso país.

É claro que o Instituto é um patrimônio cultural dos mais respeitados de nosso Estado e que, com brilhantismo, tem crescido, graças aos nomes dos historiógrafos que fazem parte de seus quadros.

Agora, com o auxílio do Governador de Goiás, Doutor Henrique Santillo, volta a circular a nossa Revista, em sua décima primeira editoração, graças, também, ao esforço e apoio recebidos do Secretário da Cultura, poeta Kleber Adorno.

Mas, não pára por aí a atenção do governo goiano. Reconhecendo a necessidade de restaurar o prédio, a pedido do companheiro da Entidade, professor Colemar Natal e Silva, de pronto, determinou que se fizesse o reparo requerido.

Hoje, depois de diversas reuniões, onde acaloradas discussões entre os pares, sempre levantando a questão da necessidade de prestigiar, valorizar e cultuar a memória histórica dos nossos cidadãos, o governo goiano, sensibilizado, achou por bem investir em benefício dos historiadores, que vão, paulatina e pacientemente, escrevendo para os anais da nossa historiografia, bem como pesquisando, nos baús da saudade, as relíquias do passado.

Recebemos, do Governador Henrique Santillo, a restauração total do velho casarão edificado à Rua 82, número 455, Centro, bem como todo o mobiliário para o melhor conforto de seus membros e dos que procuram a Instituição para tirar dúvidas e incertezas.

Procuramos manter a mesma orientação do eminente escritor e homem público, José Peixoto da Silveira, que vinha dirigindo nossa Revista com brilhantismo, entusiasmo, lucidez, dedicação e que, infelizmente, sem se despedir, sem aviso-prévio, nos deixou, legando-nos sua luz e seu nome gravados no mármore de nossa saudade.

Sei que é de suma responsabilidade dirigir nossa Revista. Sei, também, que não quero decepcionar, de maneira alguma os nossos companheiros que vêm cooperando e partilhando da vida cultural do nosso Estado e do Brasil, a exemplo de nosso Presidente, Professor Colemar Natal e Silva, que preside o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás já por muitos anos, com grande amor e serenidade.

Goiânia, 1^o de agosto de 1989.

— Coelho Vaz —

GABINETE LITERÁRIO

— Rosarita Fleury —

(Considerações sobre o extrato das atas publicado na Revista no. 10 do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, de autoria de Elder Passos).

A começar pelo nome, englobando esperança e permitindo sonhos: Gabinete Literário. Ora, no dizer de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, em seu sempre consultado *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, a palavra *gabinete* tem um significado profundo e não deve ser lida sem maiores reflexões. Gabinete é o “*apartamento ou compartimento mais ou menos isolado do uso geral do resto da edificação, destinado a determinados trabalhos ou usos*”. Juntando-se a ele a palavra *Literário* tem-se explicado o pensamento de quem idealizou a fundação do Gabinete Literário de Goiás.

Planejava para sua cidade uma sala mais que simples biblioteca, que fosse reservada não só à leitura e consultas, mas englobasse também encontros, palestras, debates, conferências, um Gabinete Literário que fosse ponto obrigatório das inteligências da época, para que ali desabrochasse e dali partisse a evolução cultural da cidade.

Acreditamos ter sido esse o pensamento do senhor Raymundo Sardinha da Costa quando, em 10 de abril de 1864, reuniu 100 de seus melhores companheiros, conclamando-os a assinarem com ele a Ata de fundação do Gabinete, na qual ficava estabelecido a necessidade de um pagamento inicial de 5\$000 (cinco mil réis). Isto, para as despesas de compra de livros, assinatura de jornais e outras novidades que fossem surgindo com o correr do tempo. Nesse primeiro encontro de amigos que marcou a fundação, foi eleito para Presidente o senhor Raymundo Sardinha da

Costa, que passou ao secretário um projeto de Estatutos, deixando bem claro que a idéia da fundação do Gabinete estava amadurecida e começava a tomar forma. Nota-se pelas leituras das Atas, que naquele distante 10 de abril de 1864, havia entusiasmo, euforia., os 100 membros que se haviam disposto a colaborar, assinando sua primeira Ata, desejavam, sinceramente, levar a bom termo a fundação do Gabinete e, para tanto, trabalhavam com garra. E nos primeiros anos o entusiasmo prosseguiu. Houve assinaturas de jornais e revistas, sendo os primeiros: A Cruz, Biblioteca Brasileira, Correio Mercantil, Jornal do Comércio, Diário do Rio de Janeiro, Revista Médica, Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Le Brezil, Jornal das Famílias. Providenciou-se a aquisição de novos livros, registros de doações, pedido à Assembléia Provincial de uma subvenção de hum conto de réis e compra de móveis como 3 mesas e 12 tamboretos forrados de palhinha. Estabeleceram-se prazos para a leitura de jornais e livros. Houve, ainda, compra dos primeiros livros constantes de 1 Bíblia, 1 História do Brasil, 4 Dicionários e 1 Gramática Filosófica da Língua Portuguesa.

Bom gosto e bom senso na escolha desses primeiros livros, semente de uma biblioteca que viria dessedentar as inteligências sequiosas de uma cultura, de uma sociedade em desenvolvimento.

Em 2 de outubro de 1864 em reunião dos sócios, Silveira Pinto pediu que, por gratidão, se colocasse na parede da sala do Gabinete, uma foto de seu fundador Raymundo Sardinha da Costa, sugestão aprovada por unanimidade.

E a cidade de Goiás continuava em seu bucolismo, com os senhores entabulando palestras nas pontes do Carmo, Lapa ou à sombra das cajazeiras, enquanto as senhoras só se viam nas poucas reuniões familiares e visitas domingueiras. E nos comentários sobre a fundação do Gabinete, havia sempre uma risonha esperança de que ele abrigasse, a espaços, seus sócios para amistosos encontros.

Passam-se os meses, as sessões se sucedem, o entusiasmo arrefece e, em 9 de fevereiro de 1868, a Entidade procura solucionar o problema do pagamento do bibliotecário, uma vez que não dispõe de recurso algum por se haverem retirado quase todos os sócios.

Qual o motivo de tamanha indiferença por uma obra iniciada com tamanho entusiasmo?

De 1868 a 1871 fica o Gabinete fechado por absoluta falta de recursos. Por onde andariam os 100 primeiros sócios que assinaram a sua Ata de fundação? Da publicação dos extratos das

Atas consta apenas um desligamento: Dr. Ignácio Soares de Bulhões, sem comentários, em 19 de maio de 1866. Dessa data até 1899 nada houve de interessante para a cultura, no entanto, em 24 de dezembro de 1865, ano e meio após a fundação, novo pedido para a colocação do retrato do fundador Raymundo Sardiinha da Costa, já agora falecido, e em 16 de abril de 1871 Ignácio Antônio da Silva volta ao assunto: era preciso que se fizesse justiça ao fundador do Gabinete colocando na parede sua fotografia. O tempo passava e a fotografia não ia para a parede, fato explicado em uma reunião como sendo necessário buscar a dita fotografia em casa de seus familiares. Foi também na gestão de Ignácio Antônio da Silva mandado acrescentar aos Estatutos o seguinte artigo: *“As senhoras que forem sócias do Gabinete e não puderem vir, não quiserem concorrer pessoalmente às sessões, podem fazer-se representar por uma terceira pessoa expressamente autorizada para isso”*.

A situação do Gabinete agravou-se tanto que em 10. de março de 1868, estando na Presidência Ignácio Antônio da Silva, convocou este uma reunião a fim de decidirem se o Gabinete devia ou não continuar. Com o comparecimento de apenas 7 sócios, deliberou-se ficar tudo suspenso até a ocasião dos trabalhos da Assembléia Legislativa. Quanto aos livros, deveriam pedir ao Presidente que designasse um lugar em que pudessem ser eles depositados, ficando sua leitura restrita aos sócios que se dispusessem a continuar contribuindo para a associação.

E as Diretorias do Gabinete se renovaram. Havia um cuidado especial na compra de livros, que era feita na Corte e dava trabalhos para chegar até Goiás, transportados que eram, a cavalo. Fez-se sinete para carimbar os livros pertencentes ao Gabinete e foi pedido o estabelecimento de multa para quem ultrapassasse o prazo de entrega do livro retirado: pagamento da mensalidade de 2\$000 (dois mil réis) para quem retirasse o livro e o levasse para casa e 1\$000 (hum mil réis) para quem preferisse fazer a leitura na sala do Gabinete.

As idéias eram as melhores possíveis, discutia-se o que de bom podia vir em benefício do Gabinete e, em 7 de agosto de 1898, no extrato da Ata publicada na Revista do Instituto Histórico e Geográfico surge, pela primeira vez, o comentário: *“O Sr. Luiz Guedes D’Amorim entregou saldo da comissão encarregada de erigir o busto de Félix de Bulhões: 365\$851”*. Silêncio sobre o assunto, nenhum registro no extrato das atas até 14 de maio de 1901 quando,

“Foi lido um ofício do tesoureiro da Associação “Monumento Félix de Bulhões” ao Sr. Torquato Ramos Caiado versando sobre uma ação cível que alguns cidadãos promoveram contra o mesmo, para reaver a importância doada ao Gabinete pela referida Associação pedindo por isso para depositar em mãos do 3o. S. a dita quantia a fim de ser entregue a quem de direito no caso de ser declarado ilegítimo o ato da referida associação.

“Observando-se que em todas as Diretorias eleitas apenas havia dois Secretários, designados nos extratos das Atas com um S., é de supor um engano tipográfico, sendo então pedido que o dinheiro fosse entregue ao 1o. ou ao 2o. Secretários, no caso, Vicente Miguel da Silva Abreu ou Manoel Luiz da Silva Brandão”.

Em 27 de maio de 1901, em nova reunião, *“ordena que a quantia doada referida na Ata anterior, seja entregue ao Tesoureiro, à espera do veredito”.*

Novo silêncio, novas eleições, outras diretorias e afinal em 5 de julho de 1903, sob a Presidência de Luiz Gonzaga Jayme houve a reunião extraordinária do Gabinete e Associação “Monumento Félix de Bulhões” em que ficou resolvido, com dinheiro das duas Entidades, a compra de um terreno e construção de um edifício para a sede do Gabinete, tendo na frente uma parte ajardinada, e nesse jardim um busto ou estátua de corpo inteiro de Félix de Bulhões, nosso grande poeta de “Só”. Claro que a Capital de Goiás ganharia muito em suas formas de cultura, ao ostentar em local público a estátua de seu ilustre filho!

Foram idéias maravilhosas, em parte levadas a efeito uma vez que o prédio foi construído. Lamentável, no entanto, que em seu jardim nunca tenha chegado a ser colocado o busto de Félix de Bulhões. E o Gabinete continuou sem a estátua e sem ostentar, na parede, o retrato de seu fundador. Após tantos anos, ao ler as velhas atas, tem-se a impressão de que a política local, astuciosamente interferiu nos planos, adquirindo para o Gabinete uma sala sem jardim e sem condições de ostentar estátua alguma. E a importância colhida para tal fim?

Afinal, depois de muitas lutas, intercaladas de período improdutivo, vai eleita para o Gabinete Literário uma diretoria composta só de mulheres. Não é que eu seja feminista ou queira valorizar minhas companheiras de sexo. Quem quiser ver de perto, pode manusear os livros de ata, que lá estão ao inteiro dispor do povo, e constatarão que foi esse o período em que o Gabinete Literário cumpriu realmente sua finalidade, promovendo palestras, conferências, recitais, de sorte a fazer dele ponto de en-

contro obrigatório de uma sociedade sequiosa de cultura. E essa multiplicidade de afazeres não atrapalhou a secretaria de adquirir novos livros, fazer empréstimos, anotar entradas e saídas, tudo dentro de um esquema de levar a sério a responsabilidade a lhe pesar sobre os ombros.

Esse comentário que fiz sobre os trabalhos da diretoria feminina, não quer dizer depreciação às demais Presidências. Sei que todas trabalharam dando o melhor de si, todas procuraram que sua gestão fosse produtiva e mantivesse em alto nível a Entidade fundada por Raymundo Sardinha da Costa. Prova isso o atual Presidente Elder Passos, que dotou o Gabinete de estantes e prateleiras de aço a fim de melhor evitar o cupim e desenvolve grande atividade no sentido de conservar bem o que já encontrou. Foi ainda de Elder Passos o levantamento de todas as Atas, trabalho monótono, cansativo, publicado na Revista Nº 10 do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, propiciando a quem desejar, um contato maior com o passado, visão mais clara e sucinta de quanto se fez.

Cito em comovida homenagem, o nome da diretoria feminina eleita em 20 de abril de 1929 e cuja maioria de membros não cheguei a conhecer. Presidente: Consuelo Caiado; Vice-Presidente: Anita Perilo; 1a. Secretária: Noeme L. de Castro; 2a. Secretária: Carlota Guedes; Oradora: Genesy de Castro; Tesoureira: Argentina Monteiro Guimarães.

E, formulando votos para que o Gabinete Literário volte a ter dias movimentados como em 1929, aqui ficam meus aplausos a Raymundo Sardinha da Costa, seu fundador e demais diretorias que se revezaram na difícil arte de reunir sócios e pessoas interessadas em contribuir para o Gabinete.

Que o retrato de seu fundador ocupe seu espaço em uma das paredes da sala principal, não será pedir muito e que não só a estátua de Félix de Bulhões, mas a de seus filhos mais ilustres venham enfeitar as praças e ruas da cidade de Goiás, será um ato de justiça que engrandecerá todo o Estado.

O MONSTRO SAGRADO
Nelly Alves de Almeida

“Gelmires Reis, fiel enamorado de sua terra, repositório vivo das mais lídimas e autênticas tradições do Planalto, monstro sagrado do culto e da reverência de seu povo.

José Dilermando Meireles.

Como Cora Coralina, ele veio do século passado e, como a grande poeta, trouxe, consigo, o carisma do eterno, do sensível, do verdadeiro, em tudo o que produziu. Amou sua terra e sua gente e perpetuou-as com seu canto de entusiasmo de lealdade, cheio de romântico encantamento, de lírica admiração. Ambos autodidatas, sublimaram-se em sabedoria, graças às lições tiradas da “escola da vida” que aliás são as mais profundas, as mais importantes, as mais sábias.

Historiador, contista, cronista, genealogista, seu nome sempre recebeu aplausos e respeito como “o decano dos jornalistas brasileiros”.

Em sua longa e bem vivida existência, marcada, constantemente por interrupto trabalho intelectual, inúmeras foram suas produções, chegando mesmo, segundo pesquisa feita pelo ilustre Acadêmico, Dilermando Meireles, e outros que se interessaram por sua grande atividade intelectual, a escrever mais de nove mil artigos. Isto sem se referirem às outras obras de inestimável valor e marcante versatilidade.

Homem de grande força intelectual e moral, nascido e “marcado” para vencer, jamais se deixou intimidar pelos reveses da vida, aceitando-os com a mesma serenidade com que soube colher louros e aplausos.

Conheci-o pessoalmente em 1974, quando de minha eleição para a Academia Goiana de Letras, em que me honrou com seu voto. Antes, por carta, já entrara em contato com ele.

Quando, em 1969, lhe enviei meu livro, **Estudos sobre Quatro Regionalistas**, recebi dele a melhor e mais lisonjeira impressão sobre o meu trabalho. E, daí para frente, tornamo-nos amigos, para minha grande alegria.

Ligado física, intelectual e espiritualmente à sua Luziânia de tantas riquezas e tradições, não se pode mencioná-la, falar de sua importância na geografia goiana e brasileira, sem dele se lembrar dentro de sua grandeza, que se torna maior, quando recordamos sua simplicidade, sua visão do mundo e sua extraordinária atividade no campo de um trabalho que foi claro e constante, até o momento de sua morte, a 11 de novembro de 1983.

As referências que dele se fazem, sua história, sua vida, são iguais às de todos as grandes personalidades que nascem com o destino de engrandecer épocas e gerações.

Homem de espírito lavado nas águas do bem, soube plantar boas sementes que germinaram como exemplo de sabedoria, deixando em todos com os quais conviveu, a definição de um conhecimento harmonioso, cheio daquela sabedoria que se fixou no testemunho de suas ações, na solidez moral e intelectual que engradece os homens de espírito e de pensamento.

Jamais viveu de expectativas, mas de realizações, e sempre procurou, dentro de inequívoca simplicidade, ampliar seu mundo, o mundo dos que o rodeavam. Colheu, por isso, o que semeou.

Grande, constantemente, foi seu ideal. Um ideal baseado na justiça, no amor, nas coisas válidas da vida, na verdade que as pessoas de bem buscam para aprimorar as virtudes do espírito. Cristão convicto, sempre teve voltadas para Deus, não apenas a essência das aspirações, mas ainda a condução dos deveres de chefe de família e de cidadão.

UM POUCO DE SUA VIDA

Filho de João Paulo dos Reis e de Hermínia Mendonça, nasceu a 14 de julho de 1895. Os primeiros estudos foram feitos com o Professor Josué da Costa Meireles. Na vida, experimentou vários tipos de trabalho. A casa comercial de seu pai, situada na Rua do Rosário de sua cidade, teve-o como balconista e contador, em época ainda quase de jogos e brinquedos, em virtude de sua pouca idade.

O curso secundário, fê-lo com o mesmo Professor. Sempre soube o que queria e sempre se guiou por caminhos certos.

O mundo dos livros, que conduz à luminosidade da inteligência e do espírito, também o condicionou às possibilidades de

uma vida correta. A vivência nesse universo permitiu-lhe alcançar a largueza necessária para a precisa amplitude intelectual. A coragem para aceitar a luta pela vida tinha a mesma dimensão da capacidade de que se dotava para enfrentá-la. Altruísmo, compreensão, nobreza de sentimento eram características de suas aspirações.

Do ofício de balconista, passou ao de trabalhador braçal, (a casa de comércio fora vendida) na Fazenda Aroeira, propriedade de seus pais. Apesar de tudo, encontrava o tempo preciso para, diariamente, dedicar-se aos estudos.

Viajando a cavalo para Bonfim, hoje Silvânia, foi ser aluno do grande Professor, Antonio Euzébio de Abreu, pai do imortal Antonio Americano do Brasil (1915). Ali, recebeu o atestado dos exames finais de diversas matérias. E sua cultura, tanto pela atenção aos estudos, como pela vivência em um meio rico em possibilidades para alcançá-la, ia-se acelerando, cada vez mais fortemente.

Enfrentou a luta do magistério, tornando-se, em 1915, professor de um curso primário municipal para meninos, cargo que, pouco depois, deixou, buscando outras atividades, aliás múltiplas e variadas. Dentre elas, atraiu-o o jornalismo. Iniciou seu aprendizado nessa área na tipografia do **Semanário O PLANALTO**, então dirigido por Evangelino Meireles e Plácido de Paiva. Mais tarde, (1918), a parte tipográfica do referido jornal passou à sua inteira responsabilidade, com a ajuda de José Irineu de Melo. A carreira jornalística, embora interrompida com a sua ida para a fazenda, não se estagnou: dirigido por Irineu, Delfinho e José Brasil, havia o **Semanário O MARIMBONDO**, em que, mesmo de longe, passou a colaborar. **O MORCEGO** e **CINEMA**, periódicos literários, embora de curta duração, contaram, também, com seus trabalhos.

Aderindo à política, por duas vezes, (1924), foi eleito Conselheiro Municipal (Vereador), ocupando, ainda, diversos postos de relevo como o de Intendente Municipal, (Prefeito), prestando relevantes serviços à sua cidade. Em 1930, porém, por motivos políticos, perdeu o cargo. Transferiu-se, então, para Vianópolis, como fiscal da Sub-Prefeitura, cargo que ocupou por mais de um ano, retornando, depois à terra - berço pelas mãos do saudoso Tenente Públio de Souza. Na Escola Normal Americano do Brasil, (1932), foi Professor de Português, Francês, História de Goiás e Educação Moral e Cívica. Quando da mudança da Capital para Goiânia, esteve sempre presente nos jornais da época, expressando sua adesão ao movimento, através de artigos inflamados.

De Promotor Público, nomeado pelo Interventor Pedro Ludovico, (cargo em que se aposentou), a fundador, ao lado de outros intelectuais, da Academia Goiana de Letras, onde ocupava a Cadeira 12, foi um passo. Tudo, em sua vida, era um acontecer, um fazer rápido e constante, andando por muitos caminhos, bebendo de muitas fontes, em todas deixando o sinal de sua passagem.

Do criar, com o concurso de muitos companheiros de sentimentos iguais aos seus, a Associação de São Vicente de Paulo, em Santa Luzia, com a finalidade filantrópica de dar assistência à Maternidade e à Infância, a chegar até Goiânia, para assistir ao 1o. Congresso de Educadores Goianos, marcando o acontecimento com sua importante presença, foi outro acontecer de realce em sua vida, como o foi, também, o estar, em 1954, presente ao 1o. Congresso de Intelectuais em nossa Capital, com sua efetiva colaboração.

Para ele, não havia tropeços, não havia distâncias nem dificuldades: quando se propunha realizar algo ou participar de algo, ia de cabeça erguida e decisão tomada.

Como no tempo da mudança da Capital goiana, sua pena não parou à época da construção de Brasília: com artigos inteligentes, em favor da nova Capital Federal, esteve sempre presente nos jornais do Triângulo Mineiro e nos do interior de São Paulo. Com o intuito de propagar o grande acontecimento, fundou o jornal FOLHA DE LUZIÂNIA, tarefa em que o auxiliaram os colegas - jornalistas, Sebastião Guimarães Leme e Ernesto Nápoli, de Campinas, São Paulo, e o saudoso Joaquim Gilberto, de Luziânia.

A 21 de abril de 1960, assistiu à inauguração de Brasília - estupenda realidade de Juscelino Kubitscheck. Para trazer sempre claras a presença, a história e as tradições de sua cidade, sustentou, ali, por algum tempo, excelente programa na Rádio Alvorada. Também de suas mãos, de sua iniciativa, coadjuvado por outros colegas intelectuais, fundou, em Luziânia, a Academia de Letras do Planalto. A Instituição, hoje, por sugestão do Acadêmico Guimarães Lima, chama-se Casa Gelmires Reis. Foi seu primeiro Presidente, ocupando, posteriormente, a função de Vice.

Seu arquivo particular, com mais de seis mil artigos cuidadosamente guardados, é rico, sobretudo, em matéria histórica sobre Goiás e sua cidade, com anotações diárias.

Além de pertencer a duas Academias de Letras, era, também, Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Re-

cebeu, das mãos do Presidente Wenceslau Braz, nomeação de Tenente da Guarda Nacional, em 1916.

O que nele, entretanto, se apresenta mais rico é o amor à terra - berço, em suas tradições e belezas que fazem dela um dos pedaços mais importantes de Goiás. Louvada pelo ilustre irmão, Professor Baltasar dos Reis, em seu belo livro POEIRA DE MINHA ESTRADA, por Guiomar Grammont Machado, sua saudosa, lírica e terna cantora, e imortalizada nas magníficas telas de D. J. Oliveira, Luziânia é, ainda, a cidade que hospedou Saint Hilaire, dando-lhe oportunidade de assistir, da janela de um dos seus mais importantes casarões, ao espetáculo das famosas Cavalhadas, por ocasião da festa de Pentecostes. Foi, sobretudo, a terra de Gelmires Reis. Por isso, terá sempre alta importância pela memória de seu filho mais ilustre. Seu nome, que foi lume para os que o conheceram e amaram, será sempre bandeira, notável lição de amor, de sabedoria e de humildade para as gerações futuras.

Seu trabalho sobre os homens ilustres de Luziânia é subsídio definitivo para a história de Goiás, dentro do importante perfil daquela região. Não apenas na cultura ele se sobressaiu, mas, também, na política, em virtude de seu grande prestígio pessoal. Adversário político do imortal Americano do Brasil, continuou, graças à recíproca lhanza de trato, seu grande amigo.

Um fato em sua vida, que comove a todos e o dignifica cada vez mais, é conhecer a profunda dedicação com que preparou para a vida seu ilustre irmão Baltazar. Aliás, quando o conheci, Professor de Português do Liceu de Goiás, através de um de meus filhos, seu aluno, que chegava a casa entusiasmado com suas lições, não contava vir a conhecer o alicerce de sua grande cultura: ela lhe veio das mãos enérgicas do irmão Gelmires, que cuidou de sua formação moral e intelectual, iniciada em Itaberaí (antigo Currealinho), no famoso Colégio Novais, em 1917. Depois foi confiado ao Professor Antonio Euzébio de Abreu, de quem já falamos. Embora autodidata, Gelmires era a própria sabedoria, conduzindo-o ao caminho certo, procurando dar-lhe cultura multiforme e lições de vida, umas engrandecendo as outras, e fazendo valer sua grande força de vontade.

AS OBRAS

Inúmeras, e enfocando assuntos vários, tiveram princípio com :

ALMANAQUE DE SANTA LUZIA, 1920, organizado por ele, com a parceria de Evangelino Meireles;

EFEMERIDES LUZIÂNAS - 1925;
GENEALOGIA LUZIANA - 1929;
DICIONÁRIO GEOGRÁFICO DE SANTA LUZIA - 1929;
EFEMÉRIDES GOIANAS (em parte) - 1942;
MIL SESSÕES DA C.S.V. DE PAULO - 1942;
PÁGINAS DA ROÇA - 1945;
PUBLICADOR DAS PUBLICAÇÕES GOIANAS - 1946;
DEZ CONTOS DESORDENADOS - 1947;
HERÓIS LUZIANOS NA F E B - 1947;
O POMBO BRANCO - 1942;
EFEMÉRIDES BRASILIANAS - 1960;
LUZIANIDADES - 1969;
ESTRELA DO PLANALTO - 1974;
O BOM CANDANGO - 1978;
EVOCAÇÃO DE BALTASAR DOS REIS - 1978;
100 CONTOS - 1978;
EFEMÉRIDES GOIANAS (completas) - 1979, e diversas outras para serem encaminhadas ao prelo, incluindo FOLCLORE LUZIANO e LUZIÂNIA DE OUTRORA. Muitos dos títulos revelam o conteúdo da obra, o amor, a admiração por sua cidade.

EFEMÉRIDES GOIANAS

Com respeito à publicação de EFEMÉRIDES GOIANAS (completas), (1979), tivemos, para nossa grande alegria, certa participação. Livro havia muito concluído, trazia toda a gama de imenso esforço. Para a realização completa do autor, faltava-lhe o essencial — a publicação. Como é comum e amplamente notório entre nós, não contamos, para esse fim, na maioria das vezes, com o auxílio dos poderes competentes. E temos que arcar sozinhos ou lutar muito para conseguirmos nosso intento. Assim é que, atendendo a seu justo pedido, intercedemos, pela sua pretensão, junto a Humberto Ludovico de Almeida Filho, então Secretário da Educação e Cultura, na época. E conseguimos ajudá-lo.

Eis uma de suas cartas que me fala sobre o assunto:

Luziânia, 16 de agosto de 1978.

À ilustre Acadêmica Dona Nelly Alves de Almeida.

Atenciosas saudações.

Peço-lhe encarecidamente ser a defensora de meu volumoso livro "Efemérides Goianas", perante o competente

Secretário de Educação e Cultura, seu digno filho, Dr. Humberto Ludovico de Almeida Filho, em vista da douta Comissão, nomeada por ele, para emitir parecer, estar exigindo "um índice de nomes e de assuntos", coisa impossível de ser feito em trabalhos dessa natureza.

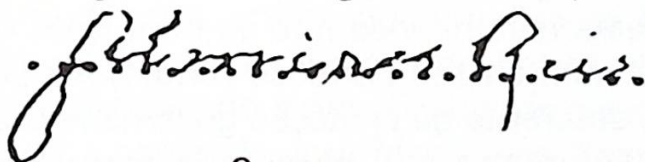
Desde já lhe agradeço, sincera e profundamente tudo o que fizer para mim neste assunto de magna importância - a publicação da obra - pela qual vivo lutando, há mais de vinte anos, sem resultado algum.

Necessito aproveitar o momento de boa vontade do Senhor Governador do Estado e de seu evoluido Secretário de Educação e Cultura com os admiráveis planos deste, para a Fundação Cultural de Goiás, que virá revigorar definitivamente as letras de nosso caro Estado, palidamente bafejadas pelos Governos anteriores. A confortadora entrevista por ele concedida ao jornalista Rafael Moreira e publicada em O Popular de 5 deste, representa o maior estímulo para os escritores em geral, e destaque especial para os que vivem no interior.

Por este motivo, ele merece as nossas mais calorosas congratulações e votos de permanente felicidade, à frente do elevado cargo que exerce com tanto brilho, na patriótica administração do clarividente Engenheiro, Irapuan Costa Júnior, verdadeiro estadista da atual geração.

Para a Senhora, DONA NELLY, um vigoroso DEUS LHE PAGUE

De seu agradecido amigo e confrade,



Rua do Santíssimo N.º 163
Luziânia - Goiás

Obviamente, conhecendo-lhe a obra, cujo valor é inestimável, intercedemos em seu favor junto a Humberto que, assim, se expressou, ao lhe escrever:

Goiânia, 9 de outubro de 1978.

Prezado Professor Gelmeires Reis

Comunico-lhe que esta Secretaria, numa decisão justa, autorizou a publicação de seu livro - EFEMÉRIDES GOIANAS.

Afiânço-lhe que, ao fazê-lo, sinto estar realizando não apenas um ato de justiça, mas homenageando, também, sua cultura e sua capacidade de trabalho.

Quero científicá-lo, ainda, de que essa homenagem, estendo-a à memória de meu inesquecível professor, Baltazar dos Reis, seu digno irmão e uma das glórias do magistério goiano.

Cordialmente, com admiração,

Humberto Ludovico de Almeida Filho.

Secretário de Educação e Cultura

Assim, veio a público sua importante obra, Prefaciada pelo Acadêmico José Mendonça Teles, em 1979, em alentado volume de 1.288 páginas. Comovente foi seu agradecimento:

Luziânia, 29 de julho de 1980.

Prezada amiga D. Nelly,

Saúde e paz.

Sua estimada carta de 22 deste me trouxe uma deliciosa notícia: a publicação de meu livro - **Efemérides Goianas**, graças à sua valiosa proteção e boa vontade de seu ilustre e digno filho Humberto.

Durante vinte longos anos lutei como um bravo, para conseguir esse desiderato. Hoje me considero vencedor nessa batalha, pedindo ao bom Deus que a recompense por mim e a seu bondoso filho. Sofri períodos de desânimo, descrente da proteção governamental.

Interessante: o horóscopo sempre me diz que serei protegido por mulheres de valor. Isto foi confirmado agora, confirmando a predição de meu signo de câncer, visto ter nascido em 14 de julho de 1893. Sinto o peso dos 87 anos nas costas e estou vivendo por uma mercê especial do Criador.

Se Deus quiser, talvez vá a Goiânia no dia 6 de agosto próximo. Minha esposa lhe envia abraços de saudades e eu, recomendações a Humberto - pai e filho meus bons e dedicados amigos.

De seu velho confrade, amigo e constante admirador.

Ass.

Salomão Reis

Para homenageá-lo, após o livro pronto, Humberto (pai), em excelente trabalho de encadernação, dividiu-o em três volumes, mandando grafar, com letras de ouro, o nome do autor e da obra. Ficou preciosamente rico e valorizado como merecia. Enviei-lho com grande satisfação e, por coincidência, ele o recebeu em data muito especial como veremos na carta que me escreveu.

Luziânia, 4 de outubro de 1983.

Prezada Acadêmica D. Nelly Alves de Almeida,

Maravilhei-me de entusiasmo quando o irmão espiritual José Mendonça Teles me entregou o trabalho primoroso de nosso incomparável Humberto, com o delicado cartão de oferecimento da Senhora. Confesso que duas lágrimas de alegria me rolaram pelas faces. Ver meu volumoso livro dividido em 3 tomos, com letras de ouro, tem inspiração divina, glorificada pelos anjos da corte celestial. Um pecado que não posso esconder do Padre no confessionário: sou vaidoso e sei dar o devido valor aos presentes que recebo, o maior de minha vida, no decorso de noventa anos. Sucedeu que, ontem, minha querida neta Magda comemorou 23 anos de preciosa existência, enchendo nossa casa de parentes e convidados. Depois do "parabéns para você", mostrei-lhes o magnífico presente recebido. Todos se entusiasmaram e dividiram as congratulações com a aniversariante e comigo, louvando a perfeição do grande artista goiano. Graças às amizades que adquiri na Academia Goiana de Letras, estou com o meu nome imortalizado e glorificado, destacando-se a Senhora e o caro confrade José Mendonça Teles. Felizes os momentos em que nos conhecemos, abençoados pela bondade infinita de Cristo. Diante de tudo isso, abro de par em par as cortinas de meu coração, para lhe agradecer e ao generoso amigo Humberto, sincera e profundamente, essa glorificação terrena. Peço ao Deus Todo Poderoso que os recompense por mim. Além de ser péssimo datilógrafo, perversa catarata pretende lançar-me na escuridão das trevas. Desculpe-me.

Recomendações ao genial Humberto, de par com a eterna gratidão para ele e para a Senhora, consolidando a venturosa amizade que nos une.

Respeitosamente,

Ass.

José Mendonça Teles

Sinto-me feliz por lhe ter proporcionado, pouco antes de sua morte, tamanha alegria.

Sua importância no contexto de nossa cultura é imensa, mas isso jamais lhe afetou a simplicidade. Notável pelas idéias e pelas ações, o tempo vai caminhar levando sempre, sem ofuscá-lo, seu grande nome: ele viverá infinitamente, conhecido por todas as gerações, envolvido pelas características que lhe definiram o espírito, a coragem, a humildade, o saber ser dentro de sua grande filosofia de vida.

Faleceu aos 90 anos de idade, levando, na alma, a grande certeza do dever cumprido. Era casado com Escolástica Benedita Carneiro, de tradicional família luzianense. Seu busto, na praça que tem seu nome, é o sereno guardião da cidade. Vela por ela e por sua gente nos dias de sol, nos dias de chuva, nas noites de lua, brincando com as estrelas.

Continuará a ser exemplo, luz e inspiração para notícias, memórias, poemas, como este de José Mendonça Teles que, em nossas letras, segundo já afirmamos, tem força de um hino de ternura em torno de sua lembrança:

CANTO PARA O MENINO DE LUZIÂNIA

Cadê, Gelmires, a velhice que não veio?
Cadê, Gelmires, seus oitenta anos e meio?

Seu cabelo cor de prata
é o mesmo da infância
bola de neve rolando
pêlos olhos da criança!

Seu sorriso de menino
onde o tempo não passou
reflete a vida vivendo
intensamente com amor.

Cadê, Gelmires, o tempo que não veio?
Cadê, Gelmires, seus oitenta anos e meio?

Essa mão trêmula - tremenda
que tantos versos escreveu
engatinha pelo quintal
da infância - não morreu!

Filhos, netos, bisnetos
e que árvore genealógica!
A gente pergunta, assustado:
a lógica, onde a lógica?

Cadê, Gelmires, a noite que não veio?
Cadê, Gelmires, seus oitenta anos e meio!

Seus olhos miúdos assistindo
e vendo e crendo no céu
Gelmires Reis é um poema
que a própria vida escreveu.

Cadê, Gelmires, a velhice que não veio?
Cadê, Gelmires, seus oitenta anos e meio?

BIBLIOGRAFIA

- | | |
|-----------------------------|--|
| Felício - Brasigóis | Luziânia Perde Seu Maior Genearca: Ficou Órfã a Cultura de Goiás.
Caderno 2 de O Popular, 12 de novembro de 1983. |
| Lima - José Júlio Guimarães | O Bonzo da Historiografia de Goiás - Necrológio de Gelmires Reis, Academia Goiana de Letras, 15/05/84. |
| Gilberto - Joaquim | O Amigo e o Mestre - Gráfica Editora Independência Ltda. SIG, Q4, L.75 - Brasília, 1982. |
| Teles - José Mendonça | Um Rio Dentro de Mim Gráfica Oriente - Goiânia Goiás, 1979. |

O PRIMEIRO POETA CATALANO

— Coelho Vaz —

O mais antigo poeta Catalano de que se tem notícia é o lírico e mordaz Roque Alves de Azevedo, nascido no dia 23 de janeiro de 1838, na cidade de Catalão e, faleceu na mesma cidade no dia 17 de maio de 1869, vítima de um colapso cardíaco.

Era filho adotivo do Coronel Roque Alves de Azevedo, então chefe político local.

Iniciou seus estudos em Catalão. Denotando-se desde cedo predileções para a literatura e a pintura, seguiu para o famoso colégio mineiro de Caraça, onde o poeta teve uma educação esmerada, ao lado de muitos brasileiros que mais tarde ajudaram a fazer a história de Minas Gerais e também a do Brasil.

Retornando a seu berço natal foi professor, ensinando as primeiras letras e nas horas de lazer, versejou dentro de um romantismo lírico e satírico, tão comum naquela época.

Foi amigo pessoal do Juiz de Direito de Catalão o famoso escritor Bernardo Guimarães, que exerceu a profissão de magistrado na década de sessenta, do século passado, dando pareceres e exercendo com real dignidade as suas funções, agindo sempre dentro do humanismo peculiar de sua formação cultural. Do político e deputado da Província Antônio da Silva Paranhos - mais tarde Senador da República, ao lado de Antônio Amaro da Silva Canedo e José Joaquim de Souza, de Bomfim de Goiás e Vila Boa, respectivamente, do Padre Luiz Antônio da Costa, este último deixando uma descendência de filhos ilustres.

Foi através desses quatro intelectuais que Catalão passou a conhecer o lirismo das serenatas, dos saraus, das poesias declamadas nos salões e salas das casas das famílias tradicionais, uma vez que eles tinham uma formação cultural invejável e, coincidentemente, encontravam-se perdidos numa pequena cidade de Goiás, esquecida pela distância do mundo.

Deixou um livro manuscrito com mais de cem folhas, todas elas desenhadas à aquarela pelo próprio autor e que lamentável e misteriosamente desapareceu no seio de sua família, em Catalão.

Grande parte de sua produção literária foi divulgada após sua morte, no primeiro jornal nascido em Catalão, sob o título de "GOYAZ - MINAS", no início deste século.

Segundo os pesquisadores e historiadores a primeira metade do século XIX foi um período morto na literatura goiana, a não ser os jornais que nasceram, como o primeiro periódico goiano, "Matutina Meia-Pontense", em 1830, na tradicional cidade de Meia Ponte, hoje, Pirenópolis; "Correio Oficial", em 1837; o "Goiano" em 1846; "Gazeta Oficial", em 1855 e "O Tocantins", no mesmo ano.

Ainda esse período foi marcado pelas visitas de ilustres viajantes como Saint-Hilaire, Phol, Van Martius, Castelnau, Aires do Casal, Cunha Matos e outros escritores que registraram os hábitos, os costumes e a formação tradicional do povo goiano.

Roque Alves de Azevedo nasceu exatamente nesse período em que a literatura goiana permanecia numa inércia total. Pouca atuação por parte dos intelectuais em Goiás. Apenas Catalão e alguns focos isolados, deram início a produtividade cultural, na Província, na primeira metade do século passado.

É, portanto, o mais antigo poeta dessa fase.

Era ele um poeta clássico, formal, mordaz, lírico, com uma influência bem acentuada e forte à moda de Bocage. Sobretudo nos temas satíricos.

Outra característica da poesia picante de Roque Alves de Azevedo era a preocupação com os aspectos morais tão comuns na época. Se não, vejamos as "Epigramas", datado de 1866, que relata fatos pitorescos da velha Catalão.

"Quando Anibal e Sansão
buscaram praias imigas,
foi com medo das intrigas
de Bocage e Catalão.

Para as ilhas de Japão,
levadas por sorte horrenda,
prá viver fazia rendas
que vendiam poucas vezes,
pois ninguém tinha fregueses
quando Ovídio teve venda".

Foi um poeta de grandes conhecimentos históricos e tinha facilidade na armação poética das palavras, quer como satírico ou como romântico.

Roque Alves de Azevedo, que também era conhecido carinhosamente pelo apelido de Roquinho, deixou uma obra prima - soneto - sob o título de "O Retrato", num belo efeito estilístico e influência camonianiana e, de grande expressividade lírica, como também muito conhecida nos meios intelectuais do nosso Estado:

"O RETRATO"

Lindos, longos, finíssimos cabelos,
Pelos quais o fogueiro amor só jura,
Face em que a rosa à neve se mistura
Uns olhos garços por mortais mais belos.

Colo de neve por que ardo em zelos,
Mãos que vencem do mármore a condura,
Coração, oh! desar de pedra dura,
Uns tesouros de amor quem pode vê-los?

Uns lábios de rubi, um rir divino
Boca a que dão às pérolas ornato,
Voz angélica, um gesto peregrino...

Alma em tudo insensível, gênio ingrato,
Um corpo, enfim, de Júpiter só dino,
Aquele por quem morro - eis o retrato.

O poeta Roque Alves de Azevedo faleceu muito jovem, antes de completar os seus 32 anos, em estado de solteiro e sem deixar descendentes.

Diversas homenagens já foram tributadas ao poeta Catalano, dentre outras, a de patrono da Academia Catalana de Letras, Cadeira n. 13, ocupada pelo brilhante jornalista Jaime Câmara; patrono da Academia Anapolina de Letras, Cadeira ocupada pela poeta Elenaide dos Santos Martins, e deram-lhe em Catalão, uma Rua com o seu nome, reconhecendo os elevados serviços prestados dentro da literatura do nosso Estado.

BIBLIOGRAFIA

- CÂMARA, JAIME - "Cadeira n. 13", Gráfica "O Popular, Goiânia - GO., - 1978.
- CAMPOS, MARIA DAS DORES - "Catalão - Estudo Histórico e Geográfico", Tipografia e Editora Bandeirantes, Goiânia - GO., - 1977.
- NETTO, VEIGA - "Antologia Goiana", Revista dos Tribunais, São Paulo - 1944.
- RODRIGUES, GASTÃO DE DEUS VICTOR - "Páginas Goianas", Tipografia Paulicéa, São Paulo 1917.
- RAMOS, CORNÉLIO - "Letras Catalanas", Editora Oriente - Goiânia - GO., - 1973.
- TELES, GILBERTO MENDONÇA - "A poesia em Goiás, "Imprensa da UFG - 1964.
- VAZ, COELHO - "Vultos Catalanos", - Editora Zebu, Uberaba - MG. - 1959.

NAVEGAÇÃO ENTRE PALMA E BELÉM DO PARÁ NO SÉCULO XIX O Diário de Viagem de Vicente Ferreira Gomes (1858-1859)

- Carlos Francisco Moura -

Temas como viagens através de Goiás, embarcações e navegação pelo Tocantins, têm merecido nossa atenção e alguns trabalhos já publicados. Ao longo dos anos a coleta de elementos possibilita o desenvolvimento e o aprofundamento desses estudos. Entretanto, de par com o aumento do acervo dos materiais de pesquisa, diminui o tempo disponível para trabalhá-los, o que vai adiando a data de sua utilização. E só a solicitação do Ilustre Amigo, Prof. Colemar Natal e Silva, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, tem o condão de tornar possível, apesar da falta de tempo, o aproveitamento de material bibliográfico do século XVIII referente aos temas citados.(1)

Vicente Ferreira Gomes, juiz de direito da comarca da Palma, obteve do Governo Imperial uma licença de três meses "para gozar onde lhe conviesse", e, convencido de que uma viagem por terra até a Corte consumiria quase todo o tempo da licença, e talvez mais, o que não sucederia se optasse pelo trajeto fluvial e marítimo e, ao mesmo tempo, desejoso de ver os núcleos de povoação que existiam ao longo das margens do Tocantins, resolveu descer da sede de sua comarca até Belém do Pará pelo citado rio.

De nada adiantaram as admoestações que muitos lhe fizeram sobre os perigos e desconfortos dessa navegação. Segundo Ferreira Gomes, o desejo de "experimentar uma viagem que oferece tantos objetos de curiosidade e admiração" e "o amor da observação, o desejo de ser útil ao País, dando notícia de sua riqueza (...) fizeram-me ter em pouca monta as dificuldades e perigos da viagem".

Partiu ele de Palma a 27 de dezembro de 1858 e chegou a Belém do Pará a 6 de fevereiro do ano seguinte. Sobre a viagem escreveu um trabalho datado de 14 de março de 1859, dedicado ao Imperador D. Pedro II, e que foi publicado na Revista do Ins-

tituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo XXV com o título Itinerário da Cidade da Palma, em Goiás, à Cidade de Belém no Pará, Pelo Rio Tocantins, e Breve Notícia do Norte da Província de Goiás.

O trabalho é dividido em 6 capítulos, todos eles com informações de grande interesse, e em especial os de números IV e VI, que tratam respectivamente da viagem e dos meios de melhorar a navegação no Tocantins. Estes dois capítulos, pelo interesse que têm para a história da navegação em Goiás vão aqui transcritos, o primeiro na íntegra, e o segundo em parte (só o diz respeito à navegação).

Nos outros capítulos também há algumas informações que são de interesse para a história da navegação.

Falando sobre os habitantes da cidade de Palma, "o maior povoado do norte da província de Goiás", diz que

é habitada por fazendeiros, negociantes, artistas, empregados públicos, e pessoas que se empregam na navegação, etc".

Quanto às atividades econômicas, salienta que

"o comércio nesta cidade se aumenta de dia em dia, e fornece os gêneros importados do Pará aos habitantes das comarcas limítrofes, Cavalcanti e Paraná, e ao município de Natividade da comarca do Porto Imperial".

Em outro parágrafo o autor fornece mais informações.

"O lugar em que o comércio mais floresce é a cidade da Palma: a sua situação topográfica para isso concorre: É o último ponto a que chegam os botes que conduzem mercadorias do Pará, e está no centro de muitas vilas e povoados, como São Félix, Cavalcante, Arraias, S. Domingos, Conceição, Santa Maria, S. José do Duro, Peixe, Natividade, etc. todos os habitantes destes lugares e seus subúrbios vão se prover na Palma do sal, de ferro, louça, vinho, tec. importados do Pará. Poucos artistas há, especialmente os mais necessários, como ferreiros, pedreiros, carpas".

Falando sobre os apinajs, informa que

"Estes indígenas, assim como os de outras tribos se prestam a todo gnero de trabalho, especialmente o de campear, o de caçar, pescar, remar, etc., sendo, como é certo, que até 1855 grande parte das tripulações dos barcos, que

navegam da Boa Vista para o Pará, era indígenas, o que não sucede atualmente, por causa da mortandade causada pelo - cholera morbus - nesse ano, o qual ceifando quase todos os indígenas, que desceram ao Pará, fez crer que ali achavam eles sempre a morte”.

Com relação aos barqueiros em geral, diz o juiz de direito que comiam desmedidamente, e, no mesmo parágrafo, cita um costume que lhe pareceu prejudicial à saúde.

“Os barqueiros, especialmente, parece que vivem para comer, porque, além da comida sem medida que lhes dão patrões na viagem, consomem a maior parte de seus salários em comer e beber. Há um costume entre as pessoas grosseiras que me parece mui prejudicial à saúde, e vem a ser o de lançarem-se no rio logo que acabam de comer, principalmente no tempo de calor: daí talvez provenham algumas enfermidades como o pleuriz, a febre, a febre intermitente, etc.”

De Baião em diante, informa Ferreira Gomes, só se viajava com as vazantes das marés porque até ali as águas do Atlântico represavam e faziam retroceder as do rio. Daí porque ninguém sabia quantas léguas havia Belém, e as viagens regulavam-se pelas marés. Devido a isso, diziam: “daqui ao Pará tem tantas marés”. E referindo-se ao trecho Baião-Belém, diz:

“Desde esta vila até o Pará se encontram os pequenos barcos onde viajam os quitandeiros, que vendem víveres, ou famílias que vão de uns para outros sítios; ali conduzem a comida, o fogareiro em que cozinham, o paneiro para amassar o assaí, coco muito miúdo, do qual fazem uma beberagem muito nutriente e muito apreciada pelos habitantes do Pará”.

Com relação às embarcações usadas na navegação de Palma ao Pará, Ferreira Gomes cita botes e igarités. Bote era “o nome embarcações que empregam no comércio, e que tendo pouco mais largura que as faluas, têm muito maior comprimento”. As igarités eram menores que os botes, e foi numa delas, de seis remos, que fez a viagem até ao Pará. (2)

Depois de Porto Imperial algumas horas, informa que teve que aportar em uma espessa mata

“Para renovar toda a tolda da canoa, a qual é feita de folhas de palmeira ligadas com talas e vimes, e assim preparada constitui um teto em semicírculo, ou abóbada, impermeável à água.”

Passemos entretanto a palavra ao Juiz de Direito Vicente

Ferreira Gomes, para que nos transmita, por extenso suas impressões da viagem e sua opinião sobre os meios de melhorar a navegação.

TRANSCRIÇÕES

CAPÍTULO IV

Modo de viajar, tempo que se costuma gastar em cada viagem, nome das cachoeiras e suas distâncias

Cumpre-me dizer que na viagem da Palma ao Pará costumam gastar os que navegam em botes (esse é o nome das pequenas embarcações que empregam no comércio, e que tendo pouco mais largura que as faluas têm muito maior comprimento) costumam gastar, digo, vinte a trinta dias, e quando remontam, gastam seis meses e mais, por causa da demora que há no descarregamento e carregamento dos generos nas cahoeiras; eu, porém, descendo em uma igaritê de seis remos (embarcação menor que os botes) gastei vinte dois dias podendo gastar menos se viajasse à noite, como costumam fazer os viajantes desse rio nos lugares em que não há cachoeiras, e mais dezoito dias de falha para poder observar o que havia de mais interessante nas vilas, povoados, cidades e aldeias.

Saí da cidade da Palma a 27 de Dezembro do ano próximo passado (1858) pelo meio dia, sendo acompanhado até à margem do rio por quase todos os homens residentes na cidade; igual procedimento teve um grande número de senhoras, que, não me acompanhando, foram assistir à minha partida postando-se debaixo das árvores que ornam a margem do rio; esta demonstração de estima e amizade muito me penhorou, e se algum motivo de descontentamento tive na Palma, ficou esquecido nessa ocasião na margem do rio. Saí a 27, como disse, da Palma, e a 28, pelas duas horas da tarde, aportei na povoação do Espírito Santo do Peixe, cuja distância é de vinte e quatro léguas por terra e talvez mais de trinta pelo rio, por causa das sinuosidades; tendo-

se consumido duas horas em descarregar minha bagagem e conduzi-la por terra para salvar a cachoeira do Tropeço, que fica na distância de três a quatro léguas do Peixe; as pedras da cachoeira no canal, como o grande volume d'água que então havia estavam todas cobertas, e por esse mesmo motivo tinham desaparecido os pequenos saltos; a cachoeira neste estado é um plano inclinado, em cuja extremidade superior lança-se o frágil batel e este pela inclinação natural pelo impulso das águas e pela força dos remeiros, desce com uma velocidade incalculável; em um momento dado manda o piloto (o homem do leme ou práctico) atacar, e à essa voz os remeiros empregam toda a força, e fazem uma gritaria, como ameaçando o perigo, e nesse mesmo momento a embarcação está abaixo da cachoeira; então essa gente larga os remos e mostra-se tão contente como se tivesse vencido uma batalha. A razão por que se emprega na descida das cachoeiras toda a força é por que, estando a embarcação muito leve, muito na superfície d'água, seria levada precipitadamente pela força da mesma água, sem que o leme pudesse dar direção, o que não sucede quando se emprega toda a força, força igual em ambos os bordos. Eu descí por terra e coloquei-me em posição de poder ver essa manobra, que nunca tinha visto, e depois desta observação considerei que, havendo muito água, estando todas as pedras cobertas, sendo conhecida a tortuosidade do canal, não havia perigo em descer embarcado, e deliberei passar algumas cachoeiras na mesma embarcação, passei sem receio algum e algumas vezes com prazer.

Partindo do Peixe das 4 para as 5 horas da tarde do dia 28, navegando todo o dia 29, passei o ribeirão de Santa Theresa, o rio Manoel Alves Pequeno, e à noite cheguei à povoação das Ipoeiras, onde dormi; a 30 viajei até 1 hora da tarde, e chegando à cachoeira denominada Carreira Comprida, aliviou-se a embarcação da carga e passei a cachoeira embarcado. Esta cachoeira é mais extensa que a precedente, porém forma o mesmo plano inclinado e não tem salto. Passado esse embaraço, segui viagem, e duas léguas depois cheguei à villa do Porto Imperial (que mais merecia o título de cidade do que outras) que dista da povoação do Peixe 30 léguas; aí hospedei-me em casa do capitão Mathias Ferreira Lemos, negociante e fazendeiro; fui visitado pelas pessoas mais gradas do lugar, que me deram provas da maior simpatia e estima, tais que eu não merecia nem esperava; ali estive no dia 31 vendo a villa, e seus arrabaldes; no dia 1o. de Janeiro do corrente ano demorei-me para ouvir a missa, e depois desta fui convidado para um almoço (um banquete) dado pelo negociante Severino Ignácio de Macedo, em obséquio a seus amigos, as pessoas melhores do lugar.

Aí observei o que já tinha observado na comarca da Palma, que seus habitantes se tratam como irmãos, com muita amizade, franqueza e sem cerimônia, e que, apesar do excesso das bebidas, todos os divertimentos principiam e acabam em paz.

No dia 2 de janeiro não consentiram o meu hóspede e outros que eu continuasse a viagem, por ser domingo, e pareceu-me que fizeram com que parte da tripulação não aparecesse: no dia 3 pela manhã saí do Porto Imperial, sendo acompanhado, até a margem do rio pelo meu hóspede, o vigário, o capitão Sebastião e outros que me queriam acompanhar até duas léguas de distância, em cujo obséquio não consenti. Depois de viajar algumas horas aportei em uma espessa mata para renovar a tolda da canoa, a qual é feita de folhas de palmeira ligadas com talas e vimes, e assim preparada constitui um semicírculo, ou abobada, impermeável à água.

A 4 continuei a viagem pelas 6 horas da manhã; às 10 transpôs-se a cachoeira de Santo Antônio sem descarregar, e assim passou-se às 11 horas a cachoeira dos Pilões, que dista do Porto Imperial 18 léguas, pouco depois a dos Mares, que é bastante longa, depois a do Lageado, e às 6 horas da tarde aportou-se na boca do Funil (Cachoeira). A 5 só pude principiar a navegar às 8 horas do dia, porque tinha de passar essa cachoeira do Funil, sendo que estas passagens só se fazem quando o sol está alto, para se poder ver as pedras, que formam os baixos do canal; nesse dia passei a primeira aldeia dos Chavantes, povoação do rio do Somno, ou de Pedro Afonso, e, viajando sem mais obstáculos nos dias 6 e 7, no dia 8 pelas 8 horas do dia cheguei a Carolina, contando 90 léguas de viagem em quatro dias e meio.

Em Carolina fui hospedado pelo juiz de direito Antonjo Buarque de Lima, que, com o juiz municipal Dr. Carlos e outros seus amigos, esmerou-se em obsequiar-me, e fez que houvessem em algumas noites reuniões de famílias as mais civilizadas do lugar, onde contra a minha expectativa houve música, dança e cantoria das não comuns no interior do país.

Passados 6 dias aí em observar o que havia de mais notável, os costumes, etc., parti para Boa Vista às 5 horas da tarde do dia 13, em companhia do proprietário e negociante da Boa Vista José Joaquim Severino, natural de Portugal, e de um advogado Seixas, natural do Maranhão, os quais tinham ido a Carolina para tratarem de seus negócios, e por me obsequiarem demoraram-se mais alguns dias: a viagem tornou-se mais agradável, porque estes homens davam notícias de tudo: no dia 14 viajei todo o dia, passou-se quase sem perceber a cachoeira de Sant'Ana, e no dia 15,

pelas 8 horas da manhã, cheguei à Boa Vista, isto é, viajei 40 léguas em 18 horas. O negociante não quiz que eu tomasse outra casa senão a dele, e os habitantes desta cidade muito me penhoraram com seus oferecimentos e agrados. O dia 16 passei na cidade, os outros foram consumidos em ver o que havia de mais notável, em visitar as aldeias dos indígenas, em arranjar provisões, etc. até que no dia 24, pelas 6 horas da manhã, continuei a viagem e venci nesse dia talvez 40 léguas, viajando sem cessar até alta noite: no dia 25 saí do pouso às 5 horas da manhã, e tendo feito 10 léguas, cheguei a Santa Thereza (hoje Vila da Imperatriz) das 8 para as 9 horas; aí estive com o missionário franciscano Fr. Manoel, que mostrou-me a vila e a aldeia: ao meio dia continuei a viagem até às 6 da tarde; a essa hora tomei porto, jantei e viajei toda a noite. Neste lugar, assim como em todos os outros em que não há cachoeiras, viaja-se à noite, sem remos, nem governo do leme, navega-se como eles dizem, a borbulha, ou a fervor das águas, e como quer que eu observasse que não só o piloto, como os remeiros dormiam a sono alto, e não acostumado a essa navegação, temesse que o batel fosse de encontro a algum dos muitos paus e árvores, que as águas conduzem, ou fosse encalhar em alguma praia, deixei de dormir toda a noite, e por este motivo, e mais porque observei, que não havia bom cômodo para os remeiros e piloto dormirem e que assim mal trabalhavam de dia, deliberei-me não mais viajar de noite, apesar de conhecer que não há perigo algum nessa viagem: nesse dia e noite venceu-se talvez mais de quarenta léguas.

No dia 26 continuei a viagem às 5 da manhã, e às 8 aportei no sítio denominado - Tico - aí almocei, e às seis horas da tarde aportei em uma ilha contando trinta léguas. No dia 27 principiei a viagem às 4 horas da madrugada, às 5 passei as duas ilhas da barra do Tocantins, depois passei a foz do Araguaia, e adiante aportei no presídio, aí almocei com o comandante, e depois de ver o que havia na povoação, ao meio dia deixei esse primeiro povoado do Pará: viajei até às 5 horas da tarde, em que tomei porto para jantar; depois continuei a viagem, até que às 7 da noite sobreveio um temporal, depois do qual dormi com tripulação em uma praia: depois de meia noite continuou-se a viagem a remos: adiantou-se quarenta ou mais léguas.

A 28, pelas 8 horas do dia, principiou-se a passar as cachoeiras do Itaury, pela margem que dá lugar a fazer-se esta passagem sem ir sobre as cachoeiras; viajando-se todo o dia sem cessar, tomei porto às 5 e meia horas da tarde e calculei ter feito mais de 30 léguas: é justamente neste deserto onde o rio muito se espraia

no tempo das enchentes e onde as árvores parecem nascer no meio do rio.

Na margem ocidental há um aborto na família das palmeiras, isto é, um pé de tucum com hastes.

A 29 principiei a viagem às 6 horas da manhã na cachoeira da Itaboca, às 8 aportei na ilha que tem o mesmo nome da cachoeira, e depois do almoço entrei no igarapé do arrependido, aí trabalharam os da tripulação constantemente até à noite, passando por lugares apertados e outros obstruídos pelas pedras e madeiras, sendo às vezes necessário carregar, por assim dizer, a igarité nos ombros. A 30 continuei a navegar nesse igarapé do arrependido, onde há um apertado bem difícil de transpor: por vezes me pareceu que o frágil barco se despedaçava nas pedras, porém outras tantas me convenci de que todas as dificuldades são vencíveis; ao meio dia saí do igarapé e entrei no rio para passar a última cachoeira denominada do - arrependido: - aí foi de mister descarregar duas vezes, e em uma destas ocasiões, em um remanso, vi um jacaré ou crocodilho de mais de dez palmos de comprimento: este animal, que acomete com muita facilidade qualquer outro, tendo saído d'água para tirar carne seca, que estava na beira do rio, fugiu logo que nos aproximamos dele, e desapareceu: para poder transpor esta última cachoeira ainda foi preciso recuar, isto é viajar contra a corrente, como quem quer subir, para poder descer a salvo; aí a prôa toma o lugar da popa: um cabo preso nas argolas da prôa e com a outra extremidade presa no tronco de uma árvore, contém o barco e o deixa descer pouco a pouco: quatro dos remeiros tomam varas mui grossas de diâmetro de mais de duas polegadas, lançam-as no rio no sentido inverso da navegação, afim de também conterem a precipitação do barco, e o piloto no leme vai dando a direção como se viajasse para a parte inversa ao seu norte; chegando o barco ao lugar onde se podia viajar do modo comum, foi encostado à praia para poder-se dar nova direção à proa, e nesse interim os dois remeiros, que tinham ficado junto à árvore para ir dando o cabo, largaram-se na corredeira, e com a rapidez de uma balla chegaram ao lugar em que estava a igarité; ao ver-se estes homens nadarem em uma corredeira tão forte dir-se-ia que eram dois peixes voadores, cujos corpos estavam metade na água e metade no ar. Feita esta manobra, tomando cada um dos quatro remeiros seus assentos, os dois chamados poupeiros, lançando mão das varas, tomaram seus lugares na pôpa e aí, em pé, e dando a face para o piloto, esperavam sinal deste

para darem a direção ao batel, para desviarem-o das pedras que se acham no meio do canal: as ordens que dá o piloto, as recomendações que faz, anunciam perigo, porém o resultado demonstrou que, havendo perícia, conhecidos os entraves e os meios de desviar-se deles, não há perigo; e com efeito remando os quatro remeiros com toda a força, obstada pelos dois proeiros a pancada na pedra, ou pedras, que se acham no meio do canal, bem dirigida a canoa pelo piloto, quando menos se espera, está-se livre desse último obstáculo.

O igarapé de que falei serve de desvio às cachoeiras de José Corrêa, do Tortinho e da do Arrependido; não desvia porém a parte mais baixa desta última cachoeira, que é reputada o lugar de maior perigo.

Não é possível calcular bem a distância que compreendem estas cachoeiras; o certo é que gastei o dia 29 e 30 até o meio dia; dado o descanso necessário para um trabalho tão árduo, e tomada a refeição; continuei a viagem até 5 horas da tarde, fazendo dez léguas pouco mais ou menos.

Nessa noite houve um grande temporal, porém nenhuma avaria sofreu a embarcação, nem incômodo algum a gente, que toda dormiu em terra, como em quase todos os dias de viagem.

No dia 31 principiei a viagem às 6 horas da manhã; depois de andar dez léguas passou-se a pequena cachoeira da Guariba, e continuando até 5 horas da tarde venceu-se talvez trinta léguas nesse dia.

No 1o. de Fevereiro viajei todo o dia, aportando em diferentes sítios; onde vi as casas ou barracas dos colhedores de castanhas, e, aproveitando parte da noite, fui dormir em terra perto de Baião: desta vila para o Pará gastei cinco dias ou dez marés, chegando à cidade a 6 de fevereiro pelas oito horas do dia.

Nunca me faltou mantimentos, porque trazia a provisão necessária; nem nunca me foi negado agasalho quando eu o procurava, porque todos os habitantes do Tocantins são hospitaleiros

CAPÍTULO VI

Meios de melhorar a navegação e a condição dos povos do Tocantins

Agora cumpre-me dizer quais são os meios que me parecem mais adequados para fazer prosperar aqueles lugares, de aproveitar grande parte das riquezas, que hoje são inúteis.

A via de comunicação, de transporte mais fácil e vantajosa é a fluvial; um bote pequeno de custo de 500\$ carrega mais de seiscentas arrobas, que é a carga de cem bestas, cujo custo é 10:000\$; a tripulação de um tal bote é de dez a doze pessoas, e tantas são precisas para guiar as cem bestas de carga; o salário dos remeiros é de 40\$ a 50\$ e equivale ao dos camaradas que conduzem as bestas; o do piloto do bote é de 200\$, equivalente a do arreeiro das tropas; a diferença que há a favor da viagem de terra é a do tempo; nas viagens redondas da Palma e Porto Imperial para a Bahia, de Cavalcante para o Rio de Janeiro, gasta-se quatro até seis meses, nas fluviaes da Palma e Porto Imperial para o Pará seis a oito meses; porém as viagens de terra têm contra si a despesa que se faz com milho para os animais e com a substituição dos que se estropiam e morrem: na viagem de terra um doente grave entorpece-a e às vezes paralisa-a; na fluvial assim não sucede, porque no bote há abrigo, há cômodo para o doente continuar a viagem.

O que obsta o desenvolvimento da navegação do Tocantins são as cachoeiras, não só pelo risco que há na descida, como na dificuldade da subida, não sendo possível destruir as cachoeiras, porque são consequências de elevação ou declinação do solo, porque são os diques naturais que represam as águas no leito do rio, sem os quais deixaria de existir água para navegar, porque sem elas a corrente das águas seria mais precipitada e então impossível seria remontar; não sendo possível destruir as cachoeiras, digo, o meio que é a primeira vista parece a muitos ser o único de evitar esses obstáculos, é aprofundar os igarapés, ou abrir pequenos canais que, desviando parte das águas, passem por terrenos baixos, e não pedregosos; porém esta medida, além de ser muito dispendiosa, em pouco tempo se tornaria inútil; porque logo que a força das águas descobrisse as pedras, este novo canal seria uma nova cachoeira, ou a continuação daquela, que se quisesse evitar. Os meios únicos que me parecem ser proveitosos são os seguintes: primeiro destruir algumas pedras, e remover outras que se acham no meio do canal, e que obrigam os botes a fazer um zig-zag, em cuja manobra, por qualquer descuido ou pouca perícia do práctico, podem perder-se; em outros lugares alargar o canal, cortando as pedras laterais que as vezes obstam a passagem dos botes de maior porte, cuja operação se pode fazer no tempo em que há poucas águas; porque então a maior parte das pedras perniciosas estão fora d'água.

Por este meio, conservados os diques naturais, se destroem esses tropeços e fantasmas, que desanimam a navegação e o co-

mércio, que tem obrigado a muitos abandonarem o comércio do Pará, e não haverá mais o risco de perder um bote. Esta operação não me parece mui difícil; não serão necessários os socorros da engenharia para ser levado a efeito. O segundo meio é fazer estradas na margem do rio junto as cachoeiras para facilitar a condução das mercadorias do ponto em que se desembarcam para o em que tem de ser de novo embarcadas atualmente existem estas estradas, isto é, uns trilhos, em que apenas pode passar um homem com o saco de sal, ou outros volumes nos ombros: estas apertadas estradas, muitas vezes são obstruídas por troncos de árvores que caem, por espinhos e pedras, o que tudo dificulta o trânsito, sendo que em alguns poucos lugares um pequeno regato impede a passagem, de quem anda com o peso às costas. Abertas as estradas a ponto de que o sol as possa conservar, feitas algumas pontes de um só pau que tenha a largura necessária para nele se passar com facilidade, destruídas as pedras que ameaçam perigo, a viagem do Tocantins será feita em metade ou duas terças partes do tempo que atualmente se gasta, será feita sem perigo, que hoje esmorece a muita gente.

Sendo cômoda e menos perigosa a viagem, muitos que receiam atualmente aventurar seus gêneros, seus capitais e expor suas vidas, se empregarão nessa navegação e comércio com o Pará; tomando esse incremento, os habitantes das margens do Tocantins terão consumidores para seus produtos e obterão em troca os gêneros de que precisarem, assim melhorarão sua condição, e com essa navegação e comércio prosperarão as três províncias Goyaz, Maranhão e Pará, banhadas por este rio.

Se os cofres públicos comportar as despesas, seria mais conveniente fazer carris de ferro nessas estradas das cachoeiras, porque então a condução das mercadorias seria feita em carros de mão (e não nas costas dos remeiros), carros apropriados, e que os negociantes ou viajantes conduziriam em suas canoas, fazendo desta arte em poucas horas a condução dos volumes que atualmente fazem em muitos dias.

Algumas pessoas que nunca viajaram o Tocantins (como se vê em uma representação feita à assembléia geral pela assembléia provincial de Gojyás), entendem que ali podem navegar navios à vapor, porém se viajassem, se tivessem observado com seus olhos, ou tido as devidas informações, veriam que se este rio corre longos espaços, quarenta e às vezes cinquenta léguas em leito profundo, em que poderiam navegar os vapores de grande calado, é em outros muitos lugares cortado em sua carreira pelas cachoeiras: além disto a pouca população e comércio não poderiam manter

essa navegação, e a prova desta verdade na navegação a vapor estabelecida do Pará até Baião, (vila que dista da capital do Pará cinquenta léguas mais ou menos) que se não pôde sustentar, sendo que essa navegação chega hoje somente à vila ou cidade de Cametá.

NOTAS

- 1— V. do autor, *Viagem Através de Goiás e Mato Grosso em 1772 — O Diário do Governador Luís de Albuquerque e a Toponímia e a Ecologia da Região* (Rev. do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, n. 6, de dezembro 1977). *Figuras de Proa do Tocantins e Carrancas do São Francisco* (Rev. Navigator, SDGM, Rio de Janeiro, 1975). V. também *Boats Used by the Settlers of Mato Grosso in the 18th and 19th Centuries*, comunicação apresentada ao The 4th Meeting of the International Symposium on Boat and Ship Archaeology, Porto, outubro 1985 (inédita) e a *Contribuição Naval à Formação Territorial do Extremo Oeste*, Rio de Janeiro, 1987.
- 2 — Sobre as características das embarcações utilizadas tanto em Goiás como em Mato Grosso, v. *A Contribuição Naval à Formação do Extremo Oeste e Boats Used by the Settlers of Mato Grosso in the 18th and 19th Centuries*.

Topónimos Citados no Diário de Viagem

Araguaia, Rio
Arrependido, Cachoeira do
Arrependido, Igarapé do
Baião, Vila de
Boa Vista
Boca do Funil, cachoeira
Carolina
Carreira Comprida, Cachoeira
Espírito Santo do Peixe
Guariba, Cachoeira da
Imperatriz - v. Santa Teresa
Ipoeiras, povoação
Itaboca, Cachoeira de
Itauiri, Cachoeiras do
José Correia, Cachoeira de
Manuel Alves Pequeno, Rio
Mares, Cachoeira
Palma, (cidade)
Pedro Afonso - v. Rio do Sono, povoação
Peixe - v. Espírito Santo do Peixe
Pilões, Cachoeira dos
Porto Imperial, Vila
Rio do Sono, povoação, "ou Pedro Afonso"
Sant'Ana, Cachoeira de
Santa Teresa, ribeirão
Santa Teresa, "hoje Vila da Imperatriz"
Santo Antônio, Cachoeira de
Tiç o (sic) - "sítio denominado do Tiç o" (Sítio do Tição?)
Tocantins, Rio
Tortinho, Cachoeira do
Tropeço, Cachoeira do

JOSÉ PEIXOTO DA SILVEIRA

- Ursulino Leão -

Penso como RUI BARBOSA: “a morte não extingue: tranforma; não aniquila: renova; não divorcia: aproxima”

Por isso,

não julgo se contraponham: meu sentimento de pesar pelo falecimento de José Peixoto da Silveira e o orgulho ou prazer que encontro ao homenagear-lhe a memória, em nome do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

Se contradição existir entre a recordação da morte — que sempre doerá — e meu contentamento (relâmpago que arreda por instantes as trevas possessivas), ela se resolve pela simples enunciação de um fato: deve seguir o itinerário biográfico de um grande homem, o qual, em alguns passos, meu próprio trajeto renteou

Assim,

começo por louvar e festejar os 74 anos de Peixoto da Silveira que transcorreram no dia 6 de maio, próximo passado. Não disse **teriam transcorrido**; pois, acolhido recentemente numa das moradas da casa do Pai, ele vive. É Cristo mesmo quem nos afiança esta jubilosa certeza: “quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá”.

Recordemos portanto a festiva data com um pensamento de afeto e saudade.

Prossigo,

lembrando que o Dr. Peixoto — como era comumente chamado — e eu fomos bons amigos, embora não tenha sido dos que (diria o magnífico RUI), “o respiraram de perto”, como, entre outros, PAULO FLEURY, CLOTÁRIO DE FREITAS, JOSÉ ANDRADE e AUGUSTO RIOS, que lhe dedicou vários poemas.

Somos praticamente da mesma geração. Todavia, uma guerra mundial separa seu nascimento em Cristais, do meu, em Crixás

Ou,

dizendo de outro modo: ele nasceu em 1913 para um mundo que, a curto prazo, iria sofrer radicais transformações. E eu nasci dez anos depois num mundo que estava afrontando todas essas mudanças: alteravam-se regimes políticos e economias; costumes sociais e sistemas de forças se modificavam; e estado de espírito e os ideais da humanidade se renovavam sob a influência do terrível conflito.

Mais,

pertencíamos a partidos políticos antagônicos que muitas vezes retiravam a disputa pela realização do bem comum — como ainda as retiram os de agora —, dos altiplanos das idéias e dos programas de ação para situá-la no atascadeiro das ofensas pessoais ou na labirinto dos interesses inconfessáveis.

Ora,

— estais perguntando por certo — como foi possível a amizade medrar neste jardim de cardos?

Foi possível, porque Peixoto da Silveira era uma criatura modelar. A correção, o equilíbrio, a mansuetude dominavam seu caráter. Sensibilidade, inteligência, franqueza e educação lhe determinavam o procedimento.

Outrossim,

reconheço meu pai, Thomás Leão da Silva, como a pedra angular de nosso relacionamento, que a Academia Goiana de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás estreitaram, nos últimos anos.

Comerciante na região, meu pai emprestou a SEBASTIÃO PEIXOTO DA SILVEIRA, que trabalhara com ele, uma mula boa de arreo (cuidadosamente ajuizada), cuja tarefa era trazer, de Jaraguá às matas do São Patrício, seu irmão José, recém-formado em Medicina. O jovem doutor viajava com o amoroso objetivo de visitar seus pais e parentes (que há bastante tempo não via), fixados naquela dadivosa floresta, onde estavam fundando um arraial que é hoje a aprazível cidade de Itapaci.

Peixoto da Silveira, discursando na Assembléia Legislativa em 17/01/1963, ao receber o título de cidadão goiano, se refere a esta viagem, mas confessa — com certo pudor — que “trazia no íntimo o plano comodista de regressar” a Belo Horizonte, onde estudara.

Contudo,

o inexperiente viajor dessa cavalgada histórica, que já sentia por Goiás — como afirmou então — um “amor lírico sem desejo de posse”, tocado pelas condições difíceis em que la-

butava sua família, mudou imediatamente o sigiloso propósito: abraçando o velho pai que descalço (como sempre gostou de andar) capinava uma roça de milho, lhe anunciou: viera para ficar, para lutar a seu lado ...

Acredito no entanto que o moço de canudo na mão, lúcido a arguto, havia percebido também ao visitar Goiânia, que suas amplas avenidas, salpicadas de auspiciosas construções, estavam abrindo ao futuro não apenas uma nova Capital, mas o Estado inteiro.

É ainda neste episódio que se origina a amizade de papai por Dr. Peixoto, de quem foi admirador constante e eleitor ...dele e meu!

Envaidece-me recordar, por fim, que Peixoto da Silveira escreveu sobre o meu primeiro livro, assim que a Pongetti o lançou, um estudo crítico, bem apurado, que "O Anápolis" de 17/11/49 e o "Diário de Minas", em Belo Horizonte, divulgaram.

Sua categórica afirmação — "Maya é uma estréia arrojada" — ecoou na alma jovem do escritor como um refrão de incentivo ao combate pela realização literária; que acabara de travar e eu não venci ainda ...

Este seu pendor para a análise de livros e autores alcança mais tarde a dimensão que o faz atilado crítico literário. Sua monografia "Relembrando Augusto Rios", editada em 1974, é preciosa obra sobre a poesia do lembrado juiz de Jaraguá que mereceu processo por haver cometido um crime inominável: o crime de ser poeta ...

Pois bem, Senhores,

convivem em José Peixoto da Silveira: o médico, o político e o escritor. Estas três configurações porfiaram o domínio exclusivo de sua personalidade. Não obstante os fortes argumentos de cada qual, nenhuma delas conseguiu vitória: Peixoto da Silveira foi, ao mesmo tempo e pelo tempo todo, escritor, médico e político. Ora, mais médico que é político, ora mais político que médico. Ultimamente, mais escritor que político e médico

Quando veio a Goiás em 1938 — ano em que foi lançada a pedra fundamental do prédio de nosso Instituto pelo eminente e querido Prof. COLEMAR NATAL E SILVA — para cumprir um dever filial e onde permaneceu por força de uma destinação, não sei se trouxe consigo os instrumentos básicos de sua profissão. Mas certamente tinha na bagagem os dois pequenos livros de poesia que já publicara: "Versos que a gente faz ..." e "Perfis". Portanto, chegou médico e poeta. Aqui em Goiás é que se tornou político.

Entretanto, Peixoto da Silveira nunca tentou a exploração cabal do fabuloso veio poético de sua alma. Seus livros de versos denotam um poeta que reluta em assumir a condição de poeta: estou pensando nas reticências dos títulos “Versos que a gente faz ...” e “Versos ... esquecidos”. Entremostam certa hesitação ou dúvida, que a introdução por ele redigida para “Versos que a gente faz...” acaba avigorando: Peixoto da Silveira entende que precisa explicar seu estranhável relacionamento com a poesia ... e trava com amigo imaginário este diálogo:

“ — Versos ... Ora, não sabia que você gostava disso. No borborinho da vida, trabalhando para manter-se nos estudos de Medicina, como me aparece você com essas rimas, essas ...

— Essas (complementa Peixoto) tolices nefelibatas. Sim... Concordo, amigo. Sinceramente. Parece, mesmo, que Poesia devia ser para aqueles que têm tempo de sobra. Mas, não sei porque, quando vejo estou com um papel rabiscado nas mãos. Quero rasgá-lo. Mas fico com pesar. Guardo-o. E assim sucessivamente. Sempre não querendo escrever, sempre escrevendo sem querer”.

Quanto a “Versos ... Esquecidos”, publicado escondidamente (informa o poeta) por sua esposa em 1955, com uma edição de 100 unidades, contém apenas 8 poemas. Mas sempre foi, para Peixoto da Silveira, o inesquecível presente de Natal de Dona Galiana...

Todavia,

sua poesia, se é exígua em quantidade, é elevadamente significativa em qualidade. O escritor JOSÉ LUÍZ BITTENCOURT lhe compôs justo elogio perante a Academia Goiana de Letras:

“A sua poesia — narra o ex-Vice-Governador do Estado — não verte eloquência, mas sentimento de alto poder evocativo. Nem é romântica, parnasiana ou simbolista, pois é feita ao gosto da inteligência e do coração; ao largo portanto de qualquer influência. O que equivale a dizer que se trata de uma literatura sem retórica e sem malabarismo de linguagem. Sua poesia reflete e traduz gestos de humanidade, tem acentos juvenis e está fora do parâmetro de movimento ou de força que possa desafinar a sonoridade dos ritmos e a melodia das palavras. Ela se dirige principalmente à mulher que lhe acompanhou a vida toda, à família que constituiu, aos amigos queridos que estimava com a mais sincera afeição”.

No volume em que traça o perfil dos seus colegas de Faculdade — 76 ao todo — sob o pseudônimo de K. Mões, Peixoto da

Silveira usou quase sempre o soneto clássico e manejou admiravelmente a sátira. Observo que dos perfilados, dois eram goianos (FRANCISCO DA CUNHA BASTOS e LUIZ NUNES DE AZEVEDO) e quatro, de outros Estados, também vieram para Goiás: ALDEMAR DE ANDRADE CÂMARA, MANOEL DA CRUZ MARINI, ALUÍZIO RIBEIRO DA SILVA e FIDELMINO SCARPELI. Sobre o Dr. ALDEMAR, esclarece à maneira de o verdadeiro CAMÕES:

“Em terra nunca dantes tão falada,
Nasceu este rapaz (em Montes Claros...)
E pelo seu talento e dotes raros,
Galga do curso a última escalada”.

Descreve nosso Dr. CHIQUINHO DA CUNHA BASTOS, abandonado o decassílabo:

“Alto, gestos comedidos,
É um gentleman perfeito
(Que o digam muitas meninas
Como é justo este conceito...)

Ao CRUZ MARINI sapecou este terceto magistral:

“Inteligente é sim; mas traz no peito
Uma inveja recôndita do rio
Que faz seu curso sem sair do leito!

Às vezes o feitiço se volta contra o feiticeiro... Sucedeu isto ao poeta que pacientemente revelava as características de cada doutorando de sua turma pela magia das rimas: seu colega TALES GONZAGA DE BARROS, em 14 versos bem bons, que se lêem sob o n. XLIII no livro dos “Perfis”, retratou fielmente o Dr. José Peixoto da Silveira:

“O seu perfil traçar, K.Mões, quem há-de?
Fazer, quem há-de, em versos, o retrato
De sua tripla personalidade
De médico, poeta e literato?...

Estudioso, quieto, timorato,
Parece triste. Mas na realidade
É sonhador apenas. É gaiato.
Alegre e brincalhão na intimidade.

Com o nome de K.Mões se disfarçando,
A turma tapeou. E perfilando
Mudou o próprio estilo de repente.

Ninguém pensou, de fato, que o rapaz
Autor de *Versos que a gente ... não faz*
Estivesse a fazer versos pra gente”.

Como escritor, Peixoto sobressaiu no ensaio e, como RUI BARBOSA, no jornal e no discurso. Seus trabalhos escritos, quer versem sobre administração pública e política partidária, quer cuidem dos problemas da saúde e educação, quer enfoquem a mudança da Capital do Brasil ou uma simples formatura de ginasianos, são elaborados com perfeita aplicação do tempero literário.

Estudioso e ilustrado, escreveu com ciência e arte, o que transforma em leitura atraente seus estudos e pronunciamentos, reunidos nos livros “A Nova Capital”, “Discursos e Conferências” “Saúde e Educação” além de os volumes já mencionados e opúsculos, em boa cópia: somam 19 títulos, com mais de 20.000 exemplares.

“Não há exemplo” — di-lo NELSON WERNECK SODRÉ — “de grande escritor, dos que superaram os tempos, que não tivesse sido homem culto, bem informado, senhor dos elementos que a ciência e a arte de sua época podiam proporcionar”.

Filho de lavrador (ele próprio fazendeiro no Vale de São Patrício) havendo declarado repetidas vezes que nem a profissão médica conseguira matar nele o gosto atávico pela agricultura, Peixoto da Silveira assegura validade ao conceito de SODRÉ.

Discorrendo sobre a cafeicultura em Goiás, na Assembléia Legislativa, numa linguagem de estilista, demonstrou conhecer profundamente o assunto. É mesmo interessante reparar que este discurso, recheado de citações literárias, lida com XENOFONTE, MADAME DE SEVGNÉ, VOLTAIRE, RACINE, STEFAN SWEIG e com deuses mitológicos ...

Conforme salientei,

o literato veio de Belo Horizonte com o médico, coube a Jaraguá produzir o político Peixoto da Silveira. É verdade que Peixoto resistiu muito em desprender-se da clínica trabalhosa e rendosa para ingressar no emaranhamento viscoso da política. Ao justificar esta atitude que lhe transfigurou a vida, explicou: “Se a compaixão pela dor alheia e o desejo de minorar o sofrimento humano em escala individual inspiravam o clínico, esses

mesmos sentimentos em escala coletiva deram origem ao político”.

Para mim,

na circunstância de haver escolhido Jaraguá como seu domicílio profissional, quando decidiu morar perto dos pais, está a causa imediata de sua conversão à atividade predominante da “lendária terra”, que AUGUSTO RIOS cantou interminavelmente, como uma cigarra no estio. Famosa pela rivalidade eleitoral de duas importantes famílias, Jaraguá respirava menos ar que política.

Uma das filhas de Peixoto da Silveira, a LÚCIA, que é poetisa, impressionada com esta singularidade, a exprimiu em lindos versos do poema JARAGUÁ, que me parece um cântico de desencanto ante o saldo de tantas lutas:

“A serra esconde a cidade
e o velho rio com lembranças de ouro lambe seus pés.
Duas ruas principais, gordas e bem tratadas,
as outras se espremem entre as velhas casas
esperando pacientemente o trator que não vem.
Casarões rangem histórias bolorentas
e se recolhem púdicos
tentando esconder as cicatrizes do tempo.
Respeitáveis tradições dormem nos telhados
enquanto o barulho da fábrica de manteiga
se mistura com serenatas românticas
de uma noite que se embebedou no bar da esquina
O sino bate três vezes acordando os fiéis.
Velhas velhinhas passam embrulhadas.
Logo a manhã se debruça do verde da Serra
e os primeiros eleitores bocejam nas janelas
(lá não há homens, há eleitores).
Na rua um moleque briga com outro.
Porque? Política.

Se Jaraguá, quando lá chegou o médico mineiro, era — como ele a descreve — “uma cidade parada no tempo e insulada no espaço”, também era (será ainda?) um fervedouro de moças bonitas, onde uma delas, Galiana chamada, logo o enfeitiçou nas aulas de Inglês de um professor canadense que ambos frequentavam ...

Em vinte anos de atividade política, Peixoto da Silveira conquistou pelas urnas os cargos de deputado estadual (1947/1951), deputado federal (1962/1966) e disputou o governo de Goiás em 1965, perdendo a eleição para o Engenheiro OTÁVIO.

LAGE DE SIQUEIRA, um político de Goianésia, cidade que Peixoto da Silveira viu emergir das matas da fazenda "Calção de Couro" ...

Por nomeação, desempenhou as funções de Prefeito Municipal de Jaraguá (1946), Secretário da Saúde e Assistência (1951/1954), Secretário da Fazenda (1955/1956), outra vez Secretário da Saúde (1959/1960) e Secretário da Educação e Cultura (1961)

Assim,

prestou serviços de Líder a todos os governos do PSD que administraram Goiás depois de COIMBRA BUENO, até 1964: PEDRO LUDOVICO TEIXEIRA, JOSÉ LUDOVICO DE ALMEIDA, JOSÉ FELICIANO FERREIRA e MAURO BORGES TEIXEIRA.

De acordo com ORTEGA Y GASSET, "a obra do intelectual aspira, com frequência debalde, a esclarecer um pouco mais as coisas, enquanto que a do político sói consistir, pelo contrário, em confundi-las mais do que estavam". Em Peixoto da Silveira, à frente das pastas citadas — as mais trabalhosas do organograma administrativo — o intelectual precede o político.

Na verdade,

não seguiu rotinas, criou organismos novos, como o Serviço Itinerante de Saúde que deixou marca de utilidade nas páginas da ousadia benfazeja; não sancionou velhos métodos de atendimento, mas os retraiu sob critérios justos; não se assentou, como muitos, no muro das lamentações: como poucos, ampliou os horizontes do Estado, construiu diques às necessidades mais opressoras, ensinou a prática da Justiça e exigiu o cumprimento da Lei.

Ardoroso defensor da mudança da Capital do país para o Planalto Goiano — como único meio de se vencerem a pobreza, o isolamento e os azares que a burocracia, o imobilismo e a miopia de agentes do governo federal, sediados nos confortos do Rio de Janeiro, sustentavam nesse Brasil vastíssimo do interior — foi membro da Comissão de Planejamento da Construção e da Mudança da Capital Federal, presidida pelo Marechal JOSÉ PESSOA; da Comissão Estadual de Cooperação para a Mudança da Capital Federal, dirigida pelo patriotismo do confrade ALTAMIRO DE MOURA PACHECO e, posteriormente, integrou o Conselho Fiscal da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (Novacap).

Seu descortino e sua enérgica devoção à causa sugeriram aos governantes de Goiás diretamente envolvidos na campanha mudancista, como JUCA LUDOVICO, medidas de efeito impac-

tual que, acolhidas e implantadas, foram de importância fundamental para a concretização da transferência, secularmente reclamada pela História. Por exemplo: a aquisição da fazenda Bananal com 23.000 hectares (onde hoje resplende a Capital da Esperança) que custou a Goiás — Cr\$ 3.870.000,00 — vultosa quantia paga religiosamente pelo Secretário da Fazenda, Peixoto da Silveira.

Após tudo isso, só restava lhe acontecer o que quase aconteceu: cogitado para Ministro da Saúde no governo parlamentarista de JOÃO GOULART — TANCREDO NEVES, frustraram-lhe a indicação certas injunções partidárias advindas de Pernambuco ou, segundo versão do lance, publicada em “Folha de Goiás” pelo jornalista DJALMA LUSTOSA, por que “faltou à bancada goiana no Congresso Nacional aquilo que sobrou aos representantes pernambucanos: coesão, firmeza nos pontos de vista, agilidade de pensamento e, sobretudo, ação”.

Contudo,

em 1985, Peixoto da Silveira viveu a emoção de presenciar a posse de seu filho FLÁVIO como Ministro do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, escolhido pelo Presidente eleito. Pode-se dizer que FLÁVIO PEIXOTO foi, 24 anos depois, o Ministro de TANCREDO, que o pai andou perto de ser ...

Agora,

me bastam duas palavras para definir Peixoto da Silveira no exercício da Medicina: era médico humanitário e competente. Sábio no diagnóstico, rigoroso no tratamento da doença, respeitou sempre a dignidade do enfermo, fosse ele branco ou negro, Freitas ou Castro Ribeiro, grego ou troiano.

Dona Galiana;

Maria José, Maria das Graças, Jacinta Bernadete, Lúcia, Fernando, Júnior, Otávio e Flávio:

existência de incontáveis brilhos e numerosos acertos — vimos, vistes — vosso marido, vosso pai num ponto esteve enganado ...

Foi ao escrever estes versos tristes:

Quando eu morrer, ninguém há de saber...

Pois ninguém sabe

Quando a planta pequena chega a fenecer.

Enganou-se, vede, vejamos: Goiás inteiro lhe chorou a morte! E, não como a planta pequena que julgou ser, mas como a luz imperecível de uma estrela extinta, as lições de sua vida jamais deixarão de nos guiar a noite dos caminhos.

BIBLIOGRAFIA:

- | | |
|--------------------------------|--|
| 01 - Peixoto da Silveira | - Discursos e Conferências. |
| 02 - " | - Saúde e Educação. |
| 03 - " | - A Nova Capital. |
| 04 - " | - Goiás e a Cafeicultura. |
| 05 - " | - Versos que a gente faz ... |
| 06 - " | - Perfis. |
| 07 - " | - Versos ... esquecidos. |
| 08 - " | - Depoimento perante o Conselho Estadual de Cultura. |
| 09 - José Luiz Bittencourt | - Discurso na Academia Goiana de Letras. |
| 10 - Lúcia Peixoto da Silveira | - Verso e Vida. |
| 11 - Augusto Rios | - Ramallete. |
| 12 - Teonil Antônio Batista | - Quem é Peixoto da Silveira. |
| 13 - José Ortega Y Gasset | - A Rebelião das Massas. |
| 14 - Romeu de Melo | - Os Intelectuais e a Política (antologia). |
| 15 - Nelson Werneck Sodré | - Ofício do Escritor. |
| 16 - Humberto Crispim Borges | - Retrato da Academia Goiana de Letras. |
| 17 - Rui Barbosa | - Coletânea Literária. |

AGRADECIMENTO

— PX Silveira —

(Pronunciamento de José Peixoto da Silveira Jr., o PX, no auditório da OAB, dia 12 de junho de 1987, em noite de Homenagem a José Peixoto da Silveira, realizada pelo Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

Queremos crer que a nossa presença neste recinto e nesta hora não seja tão somente porque a afeição a alguém que nos foi querido aumente ainda mais em sua ausência.

Não.

A razão desta nossa presença creio ser um dos atos mais sublimes, humildes e dignos que o homem traz latente dentro de si, que é, sem favores, a exaltação da memória de um outro homem.

José Peixoto da Silveira, uma memória histórica, entre nós, uma memória afetiva, uma memória artística e humana ...

Memória que é porção da eternidade e que cada qual aloja e delimita em seu intelecto, em seu coração.

Dizem que é preciso primeiro aprender com nós mesmos para só então podermos aprender com os outros.

Se assim é, temos, ao menos, meio caminho andado, nós que já aprendemos um pouco com os outros.

Aprendemos um pouco, hoje, com o Professor Colemar Natal e Silva, idealizador desta grata solenidade, através do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

Aprendemos um pouco, esta noite, com o escritor Ursulino Leão, que a nós transpareceu sua alma, através de simples e belas palavras.

E creio, sem modéstia, que também aprendemos com o hoje memorado José Peixoto da Silveira.

Que seja inevitável a vida, com suas incontestáveis belezas.

Que inevitável seja, também, a morte, com seus mistérios.

Aos 74 anos, se mais não foi possível a Peixoto da Silveira viver fisicamente, isto foge-nos à compreensão.

Mas a verdade é que, agora em sua ausência, compreendemos ainda mais o homem que ele foi; sempre e sobretudo íntegro. Sempre e sobretudo aprendendo com os outros.

E o homem que ele foi, de certa forma, continuará sempre a ser, porque amanhã e depois poderemos dizer que estávamos aqui.

Eis a magia e graça deste instante.

Dr. Colemar Natal e Silva, Dr. Ursulino Leão, autoridades, amigos e parentes, quero agora, como filho de José Peixoto da Silveira, e junto de minha mãe Galiana e meus irmãos Lúcia, Otávio, Flávio, Maria José, Maria das Graças, Fernando e Jacinta, queremos dizer que as palavras de sincero agradecimento por esta homenagem a nosso pai e companheiro são muitas, são todas, em apenas uma: obrigado.

BARÕES E CORONÉIS

— Cornélio Ramos —

Os títulos de nobreza eram concedidos no tempo do Império a pessoas muito importantes, que de posse deles passavam a gozar de inúmeros privilégios, inclusive a isenção de pagamento de tributos; mordomias conservadas até hoje, privilegiando membros dos poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário, quando nossa constituição prescreve que: "Todos são iguais perante a lei". Lei que quando determina obrigações, isenta os poderosos e quando estabelece benefícios, marginaliza o povo de um modo geral. São privilégios que sempre existiram e nunca se extinguirão! ...

Antigamente eram designados com pomposos epítetos como: Marquês, Conde, Visconde, Duque, Barão; vassalos agraciados pelo Imperador, distinguindo dessa forma, grandes proprietários de terras, grandes fazendeiros, bravos militares, políticos poderosos e intelectuais importantes. Hoje estão eles por aí com nomes diferentes.

Dessa poderosa casta de nobres que atravessaram incólumes o tempo, os regimes e as constituições, ficaram na memória dos goianos, três notáveis personalidades detentoras dos antigos brasões: o fidalgo português, Marcos de Noronha e Brito, o Conde dos Arcos, cuja memória é ainda conservada no antigo palácio dos governadores na cidade de Goiás. O segundo é o famoso escritor carioca Alfredo D'Escagnolle Taunay, o Visconde de Taunay, deputado pela província de Goiás, eleito em 1872 e reeleito em 1875, quando recebeu significativa votação na cidade de Catalão. E o terceiro é o não menos notável Duque de Caxias, (Luiz Alves de Lima e Silva), cuja lembrança continua sendo guardada pelos políticos catalanos, por mérito ou bajulação, os quais além de denominarem com seu nome uma das mais belas praças da cidade, ainda mandaram colocar no centro dela um magnífico busto de bronze do velho Duque.

Digno de ser lembrado é o fato de o popular escritor mineiro Bernardo Guimarães, ex-Juiz de Direito na cidade de Catalão, onde exerceu também o cargo de Delegado de Polícia, ter recusado o ambicionado título de Barão.

Em 1881, quando o Imperador D. Pedro II esteve em Ouro Preto, cidade em que residia Bernardo Guimarães com sua família, fez o Monarca uma visita de cortesia ao escritor, e querendo prestar-lhe uma homenagem, ofereceu-lhe o nobiliárquico título de Barão, título que foi cortesmente recusado pelo autor de ESCRAVA ISAURA, o qual acrescentou numa frase cheia de gratidão um sibilino fundo de ironia:

— Majestade, de que me adianta ser Barão, sem ter baronato? ... Três anos mais tarde morria Bernardo Guimarães sem o nobilíssimo título de Barão, mas, consagrado pelo povo brasileiro como um dos mais queridos e admirados escritores de nossa terra.

Os títulos de nobreza se extinguiram com o advento da República, mas, ainda ficaram os não menos famosos pergaminhos de Oficiais da Guarda Nacional.

O CORONELISMO

A GUARDA NACIONAL era um corpo paramilitar, criado em 1831, pelo padre Diogo Antônio Feijó, quando Ministro da Justiça; patentes semelhantes com as dos militares da ativa, eram fornecidas às lideranças políticas mais expressivas em várias partes do País, escolhidas dentro dos municípios; artifício que transformava esses oficiais da Guarda Nacional, na realidade, em meros agentes do poder central, para garantirem e apoiarem o Governo.

Gozando de regalias militares e muitos outros privilégios, mandavam e desmandavam nas comunidades em que viviam, sempre com apoio oficial. Foi quando surgiu no Brasil o regime do "Coronelismo". Tempo em que o Governo não perdia eleições. Todos os candidatos apoiados pelo coronelismo, eram eleitos tranquilamente. Muitas vezes graças ao artifício das atas falsas e do voto a bico de pena.

Essa famigerada entidade foi extinta no Governo de Hermes da Fonseca, em 1914, mas, sua influência continuou ainda por muito tempo. Em 1930, com a Revolução de Outubro, o coronelismo sofreu um rude golpe, mas, não foi contudo, liquidado completamente.

Em 1923, abundavam no município de Catalão e seus Distritos, os folclóricos oficiais da Guarda Nacional. Era Coronel,

Major, Capitão, Tenente e tudo quanto posto havia com honrarias militar, ostentados com luxo por prestigiosos chefes políticos do interior.

Em nosso município ficaram conhecidos nomes importantes engajados nessa famosa Ordem. Pessoas que apareciam nas festas cívicas e até mesmo religiosas, vestidas com vistosas fardas de cor azul marinho, tendo nas pernas da calça um listão vermelho colado, na parte externa, da cintura ao tornozelo, com um boné bem armado na cabeça, enfeitado com um florão contendo as armas da República, nos ombros as dragonas douradas e no braço esquerdo a divisa indicativa da patente, e, na cintura, também do lado esquerdo, uma comprida espada com bainha de prata ou de níquel, conforme as posses de seu dono.

Nas publicações da época, pudemos encontrar uma lista enorme de nomes de pessoas famosas na região, que faziam parte da Guarda e que julgamos de interesse histórico citá-los pelo menos em parte, para conhecimento dos leitores. Os mais conhecidos eram os coróneis: Pedro Ayres, João Cerqueira Netto, Augusto Netto Carneiro, Alfredo Paranhos, Augusto Pimentel Paranhos, Bento Xavier Garcia, José Netto Carneiro, Salomão de Paiva Rezende, Isaac da Cunha; majores: José Rodrigues Rezende, Mário Cerqueira Netto, Luiz Sampaio, Miguel José da Costa, Eduardo de Sousa Tavares, Antônio de Paiva Sampaio, Irineu Francisco do Nascimento Pereira, Paulino Ribeiro Guimarães; capitães: João Pedro do Nascimento, Abdão Vieira Leite, Antônio Ribeiro, Joaquim Carlos de Rezende, José Barbosa de Mello, Carlos Antônio de Andrade; tenente coronel: Levino Lopes Coelho; tenente: Teotônio Ayres da Silva; alferes: Vigilato Evangelista Pereira.

Em três Ranchos, liderou o povoado o tenente coronel Levino Lopes Coelho, em Ouvidor, o major Irineu Francisco do Nascimento Pereira, o tenente Teotônio Ayres da Silva e o alferes Vigilato Evangelista Pereira. O restante da relação operava mesmo na sede do município.

À MEMÓRIA DE GUIMARÃES LIMA

José Dilermando Meireles

Os vínculos afetivos que prendiam **GUIMARÃES LIMA** ao Estado de Goiás eram tão fortes e marcantes, que levaram o seu amigo e confrade Desembargador **MILTON SEBASTIÃO BARBOSA** a observar ter sido ele um ilustre goiano nascido em Minas Gerais. "Minha imagem de Goiânia, antes de conhecer Goiânia, era a de **FERNÃO DIAS PAIS LEME**, em busca das esmeraldas" ..., — afirmou.

Fazia o último ano do curso jurídico em Belo Horizonte, no passado ano de 1937, quando conheceu o Professor **VENERANDO DE FREITAS BORGES**, responsável direto por sua "goianização."

Esse encontro e os lances seguintes são narrados pelo próprio **GUIMARÃES LIMA** em depoimento magnífico, recolhido pelo Presidente da Academia Goiana de Letras, Acadêmico **JOSÉ MENDONÇA TELES**, em seu útil e recente livro "MEMÓRIAS GOIANIENSES".

"Meu encontro com o prof. **VENERANDO DE FREITAS BORGES** se deu no hotel em que ele estava hospedado, em Belo Horizonte, quando fazia um curso de especialização, realizado pelo Governo Mineiro, de Administração Pública. Tornamo-nos amigos. Como ele era visita e eu veterano na capital das Gerais, procurei aproximá-lo de outros amigos, apresentá-lo à imprensa e levá-lo aos lugares que frequentava, inclusive aos estabelecimentos em que lecionava, pois fiz meu curso de Direito com muita dificuldade financeira, lecionando, para conseguir sobreviver. Estava no último ano do curso. A sua presença naquela capital (e

* Texto do pronunciamento feito em sessão da Academia Goiana de letras, no Auditório "GILSON ALVES", em Goiânia, a 22.X. 1987.

através das suas entrevistas) despertou a atenção dos mineiros para Goiânia, que muitos pronunciavam Goiania, com acento agudo no i. Falar em Goiânia, ou, mesmo em Goiás naquela época era como se falasse em Tibé ou algum país remoto do Extremo Oriente. O VENERANDO, contudo, atualizou Goiás, integrando-o ao território nacional, e transformou Goiânia numa espécie de Eldorado. Uma conferência que fez causou sensação, de modo que a imprensa escrita e falada deu novas cores à novel capital de Goiás. O mais novo prefeito da mais nova capital brasileira ficou sendo o homem do dia em Belo Horizonte”.

E prossegue:

“Tão logo regressou a Goiânia, escreveu-me recordando os bons momentos da terra mineira e me convidava para secretariar a Prefeitura, fazendo sentir que os vencimentos não eram de encher os olhos: 400\$00 por mês, sem mordomias, neologismo desconhecido, à época. Como percebia cinco mil réis (5\$000) por aula dada (três, por noite) de segunda a sábado (e sem domingo remunerado), aceitei a proposta, que estava acima da carne seca... Assim, antes de terminar o curso, mas já no 5o. ano, vim para Goiânia”.

Como a ALAP e o Instituto dos Advogados, enluta-se a Academia Goiana de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, em razão do passamento de seu grande luzeiro que foi o pranteado e inesquecível acadêmico, **JOSÉ JÚLIO GUIMARÃES LIMA**.

Intellectual notável, cintilava nas letras do Brasil Central como um astro luminoso a espargir, pela força do talento, pela fulguração da inteligência, pela verticalidade da conduta e pela energia da dedicação, uma esteira de luz que, por certo, jamais se apagará.

Ainda nos albores da juventude, **GUIMARÃES LIMA** foi atraído pela bandeira cívica de PEDRO LUDOVICO, que fincava os alicerces da fundação de Goiânia. Transferindo-se para Goiás, aí modelou-se profissionalmente, formando-se ao lado de ilustres figuras que construíram a nova história política, econômica e cultural do Estado mediterrâneo, que mais tarde se tornaria hospedeiro da nova Capital do Brasil.

Após haver passado pelo magistério superior, por diretorias administrativas e pelo Ministério Público Goiano, como Promotor de Justiça das Comarcas de Catalão e Anápolis, **GUIMARÃES LIMA**, em razão de atitude desprendida e corajosa, narrada por ele próprio em livro polêmico, intitulado “Caso Michel”. é con-

gado para exercer o cargo de Advogado de Ofício, no Rio de Janeiro.

Ali conhece a jovem, bela e prendada musicista e professora ALVEAR BASTOS, gaúcha de Bagé, que fazia curso superior de música na então Capital de República e encantava a sociedade carioca com seus dedos mágicos sobre o teclado. Dela irresistivelmente se enamora e, em apenas três meses, com ela se casa e forma um casal amigo e feliz até o dia final de sua existência.

Zã, como os íntimos a tratam, deu-lhe dois filhos: o Professor ALENCAR BASTOS GUIMARÃES LIMA, lente de língua e literatura portuguesa no Rio de Janeiro, e NEUSA MARIA.

Depois de casado, GUIMARÃES LIMA volve a Goiás, a convite do então Governador JERÔNIMO COIMBRA BUENO, para exercer o cargo de Secretário de Interior e Justiça. Em seguida, é eleito para a Assembléia Legislativa do Estado, onde cumpre brilhante e profícuo mandato.

De volta ao Rio, retoma suas funções no Ministério Público, até que o aceno mágico de JUSCELINO o atrai, com a mesma força irresistível da bandeira de PEDRO LUDOVICO, para o Brasil Central de seus sonhos.

Em Brasília, rapidamente vai de Promotor a Curador; de Curador a Subprocurador; e de Subprocurador a Procurador-Geral da Justiça do Distrito Federal e dos Territórios, permanecendo onze anos no cargo.

Sua presença no comando do Ministério Público marca os dias áureos dessa Instituição, em Brasília. Pode-se afirmar, com justiça, que o Ministério Público do Distrito Federal, até os dias atuais, confunde-se com a imagem de GUIMARÃES LIMA, tal a dedicação, o esforço, o entusiasmo e o ardor cívico com que o modelou e consolidou. É, na feliz expressão de um dos nossos colegas, o Dr. NICODEMOS ALVES RAMOS, o seu verdadeiro e autêntico Patriarca.

O mesmo, ou mais ainda, se pode dizer do Ministério Público dos Territórios Federais. Antes de GUIMARÃES LIMA, nenhum outro Procurador-Geral havia visitado aquelas paragens, que quedavam isoladas e desassistidas, sem orientação nem comando, entregues ao destino de sua própria sorte.

De sua primeira viagem aos Territórios, após assumir a Procuradoria-Geral, nasceu um livro — “O Ministério Público e a Realidade dos Territórios Federais” — através de cujas páginas ele deu um grito de alerta em favor dos que ali militavam, fazendo com que o centro das decisões políticas do

País tivessem sua atenção despertada para os problemas do nosso Judiciário de fronteira.

Sobre esse trabalho, o jornal "ALTO MADEIRA", edição da época, fez o seguinte comentário. "O Ministério Público e a Realidade dos Territórios Federais é um lábaro de fogo que um bravo soube empunhar, derrubando a indiferença de muitos. É uma bandeira de luta que deve ser levada ao cimo da vitória. É uma cartilha cívica que ensina a amar o Brasil. Pelos contrastes enormes que apresenta. Pelos sofrimentos dos irmãos que gemem na selva bruta, vivendo e morrendo relegados ao negro abandono curtindo as misérias do mais atroz desamparo. Na sua peregrinação pelo Vale Verde, GUIMARÃES LIMA veio cumprir seu destino, abrir um roteiro, que dinamizará a máquina oficial". (*)

Foi em razão desse feito, igualmente, que o Dr. JOSÉ AUGUSTO CÉSAR SALGADO, cognominado o Promotor das Américas, conferiu a GUIMARÃES LIMA o título de "Bandeirante do Ministério Público".

Em junho de 1964, GUIMARÃES LIMA foi nomeado para exercer, cumulativamente, as funções de Presidente do Conselho Penitenciário Federal, o que lhe dava a condição de Inspetor Geral Penitenciário no Brasil, de cujas funções somente veio a despojar-se também onze anos depois, em 1975.

Como penitenciariasta, inspecionava periodicamente todos os grandes estabelecimentos prisionais do País, levando orientação, arregimentado os estudiosos e vocacionados desse ramo da ciência do Direito, que se aglutinavam em torno do seu comando, sobretudo do seu entusiasmo e de sua liderança.

Fundou em Brasília, e dirigiu durante oito anos, a "Revista do Conselho Penitenciário", que se tornou o mais importante veículo de divulgação de artigos doutrinários e noticiário de assuntos penitenciários no Brasil contemporâneo.

Por esta e outras razões, pode-se afirmar que com GUIMARÃES LIMA, o penitenciariismo brasileiro viveu dias de grande fastígio. Do seu estímulo e de sua coordenação, surgiram a atenção e o interesse que mantinham a preocupação com o problema penitenciário na ordem do dia das indagações científicas e, mais do que isso, na permanente atenção da administração pública. Graças a isso, o ambiente nas prisões era calmo e harmonioso, e a Nação não se via

(*) apud DIMAS RIBEIRO DA FONSECA, discurso na inauguração do auditório "GUIMARÃES LIMA", em Porto Velho.

perturbada pelo tumulto dos motins que hoje tão frequentemente a inquietam e sobressaltam.

Ensinava **GUIMARÃES LIMA** a sutil, porém notável diferença de visão e enfoque propedêutico entre o direito Penal e o Direito Penitenciário. O primeiro se axaure com a aplicação da pena e o encaminhamento do condenado à prisão; o segundo começa exatamente aí, no pórtico do presídio, e tende a reverter o quadro de situações que determinaram o seu encarceramento, tudo instando, daí por diante, para percorrer o caminho inverso, isto é, repreparar o condenado para pô-lo de regresso ao meio social de onde se afastou pelo crime.

É preciso tornar o mais provisória e breve a segregação do homem, quando não for possível evitá-la, para que os males da prisão não perenizem as deformações impressas pelo crime nem apaguem a chama de esperança acesa na alma humana; porém, é necessário que o cidadão retorne ao convívio da comunidade com a segurança de encontrar-se regenerado e, no trabalho de regeneração, é que está o grande desafio do penitenciarismo que **GUIMARÃES LIMA** pregou ao longo de sua vida de teórico, prático e lente dessa fascinante ciência.

Por isso, reafirmamos, com ele foi-se um dos mais devotados estudiosos e, sobretudo, um dos mais eficiente aplicadores de ciência e prática penitenciária do Brasil hodierno.

Homem inteiramente voltado para atividades de ordem cultural, **GUIMARÃES LIMA**, além de membro fundador e ex-Presidente da Academia de Letras e Artes do Planalto, pertencia à Academia Goiana de Letras, à Academia Catalana e à Academia de Letras de Brasília; à Academia Anapolina de Filosofia, Ciência e letras; ao Instituto Brasileiro dos Advogados; ao Instituto dos Advogados de Goiás; ao Instituto Luso-Brasileiro de Direito Comparado; à Associação dos Escritores de Brasília; à Academia Internacional de Jurisprudência, com sede no Rio de Janeiro; e ao Instituto de Derecho Procesual, do México, entre outras instituições.

A despeito de sua formação eminentemente urbanística, não se limitou **GUIMARÃES LIMA** ao âmbito da cultura urbana. Pelas mãos de seu amigo e compadre, ex-Governador de Goiás, **JOÃO D'ABREU**, foi levado a adquirir uma gleba de terras rurais, no Município de Arraias, e ali implantou, com economia própria, uma fazenda que se tornou modelar e a que deu o sugestivo nome de "VALE DA PECUÁRIA".

Durante uma certa fase de sua existência, dedicou-se de corpo e alma a essa paixão telúrica, que o acometeu já em idade madura, carreando para ela todas as sobras de suas economias.

No ano de 1973, promoveu uma grande confraternização no "VALE DA PECUÁRIA", entre pessoas do Sul e do Nordeste Goiano, ocasião em que ali inaugurou uma rodovia particular, com o nome de JOÃO D'ABREU, um Parque Infantil com o nome de CLÁUDIO HENRIQUE, seu filho adotivo, uma escola com o nome de MONTEIRO LOBATO, uma Capela dedicada a Nossa Senhora Aparecida, um monumento ao Bandeirante e outro ao Cafuçú.

Desse encontro festivo-cultural e sobretudo pedagógico, nasceu um livreto evocativo com a denominação de "O Despertar do Nordeste Goiano", contendo todos os discursos e o relatório completo do evento.

Páginas verdadeiramente antológicas foram produzidas, na ocasião, como esta que passarei a ler, do Procurador de Justiça JOSÉ LOURENÇO MOURÃO, declamada durante a solenidade de inauguração da Capela: "Igrejinhas como esta guardam a imagem de toda a evolução histórica do Brasil, país que nasceu à sombra da cruz de Cristo, no episódio da missa campal de Porto Seguro. Toda a romântica paisagem colonial é pontilhada de pequenas igrejas, espalhadas na solidão das matas e dos sertões, e que se vestem de branco e de luz nos dias de festa. Se diria que mais parecem virgens ajoelhadas à margem dos caminhos, ao longo das encostas, ou crianças empunhando velas na primeira comunhão, no encontro de sua alva inocência com a claridade solar da Eucaristia. Pánel do passado e do presente, a capela evoca a pureza de nossa formação. Ela haverá de acompanhar os destinos do Brasil onde quer que desperte a Nação, para o nascimento das novas bandeiras de civilização e progresso. Não será apenas um símbolo tradicional, mas uma sentinela, em defesa dos mais sadios princípios da família brasileira, que nasceu impregnada de fé e que hoje se deforma pelo agnosticismo dos dias atuais, sem Deus, sem paz e sem virtudes".

No mesmo nível, est'outra, do articulista PELUZ, do Correio Braziliense, ao discursar na inauguração do monumento ao Bandeirante: "Muitos são os vultos heróicos do bandeirantismo, onde aparecem nomes como o de Bartolomeu Bueno, o diabo velho, cultuado em Goiás; Brás Cubas, Luiz Martins e tantos outros, rasgando florestas, palmilhando as estradas dos rios e ficando marcos, embriões de futuros núcleos populacionais. Verdade é que a ambição e a sede do ouro lhes enrijecia o ânimo. Mas, suas lições ficaram e, atravessando séculos, chegaram até nós. Prova é que aqui presenciamos a realização do fruto daqueles exemplos. Um Bandeirante novo, diferente, moderno, corajoso e

valente, adentrou-se neste sertão goiano, aceitando o desafio de sua fisionomia agressiva. Estou falando de um bandeirante de 1973, do bandeirante GUIMARÃES LIMA que, deixando o conforto da metrópole, aqui veio, com o seu dinamismo, desbravar este pedaço de chão goiano, implantando esta fazenda modelo que será, com toda a certeza, a semente de uma futura cidade. Mas, ele é um bandeirante diferente. Enquanto aqueles catavam esmeraldas e procuravam ouro, o nosso bandeirante aqui sepultou o ouro de suas economias, o ouro de sua dedicação, de seus sacrifícios, de sua abnegação e das renúncias que não foram poucas, tendo sempre a seu lado o estímulo, a compreensão e o apoio desta companheira de todas as horas, Da. Alvear Guimarães Lima”.

Finalmente, o testemunho de JOÃO D’ABREU, consignado nestas reconhecidas e tocantes expressões: “Todos já sabem que o Dr. GUIMARÃES LIMA é um predestinado, um enviado por mãos invisíveis ao nosso convívio, para beneficiar a Região e cada um, individualmente, a nós todos deste Nordeste-Goiano, atendendo em Brasília as nossas necessidades, quando cada um de per si a ele se dirige. O atendimento é pronto, bem como nos casos de ordem geral para resolver problemas de necessidade pública, para os quais contamos com a sua colaboração pronta e eficiente. Para recordação, quero lembrar a ponte do Paraná, reclamada por todos como uma reivindicação. A sua falta era um sério empecílio ao progresso de nossa Zona. É preciso que se esclareça a sua ação nesse particular. A não ser a verba para os estudos da obra que, como deputado, consegui, o que era minha obrigação; a ele é que devemos o maior empenho para que ela se fizesse. Este homem tem sido um braço forte do nosso progresso”.

Conquanto homem de ação, por excelência, GUIMARÃES LIMA era um amante apaixonado das belas letras e a elas dedicou o melhor dos seus esforços.

Escreveu muito, como jurista, como literato e como jornalista. Por isso, a sua obra é vasta e, para ser inteiramente conhecida e avaliada, precisa ser pesquisada e recolhida nos arquivos, nas revistas especializadas e na imprensa.

Durante os últimos vinte anos, que acredito ter sido o período mais fecundo da vida de GUIMARÃES LIMA, estive frequentemente ao seu lado: como Chefe do seu Gabinete, na Procuradoria-Geral da Justiça durante oito anos; como seu discípulo, confrade em instituições culturais e, sobretudo, como seu amigo, a partir de 1967.

Sei, por isso, que amou profundamente a terra e a gente anhanguerina. Deixou-lhes páginas de grande lirismo e, por fim,

condensou tudo no livro de crônicas intitulado "Goyaz Terra e Alma", com o qual se credenciou a uma cadeira na Academia Goiana de Letras.

GUIMARÃES LIMA era, efetivamente, um escritor de grande sensibilidade, embora se dedicasse à literatura curta: a crônica, o conto e a narrativa - isto em razão de não se ter tornado um profissional das letras, o que lhe permitiria, certamente, dedicar-se à literatura de grande fôlego.

Apesar disso, soube colocar a pena a serviço das nobres causas e o fez com maestria inexcelsável. Na literatura, apreciava também a memorialística, como se pode ver da narrativa que fez de sua viagem de regresso a Belo Horizonte, logo após empregar-se como Secretário do Professor VENERANDO, na Prefeitura de Goiânia, lá pelos idos de 1937: "Regressei a Belo Horizonte, duas vezes; para as provas de junho e de fim de ano, por trem-de-ferro. Viagem horrível, sem qualquer conforto na 1a. classe, e que dizer na 2a., da qual me utilizava? Saía-se de Goiânia de jardineira, que mais parecia pau-de-arara, para pernoitar em Leopoldo de Bulhões. O hotel, uma espelunca, pela comida e falta de higiene. Não digo que fosse o pior de Goiás, mas não faria inveja a outros semelhantes. E não adianto essa afirmativa, louvado em viltoneteiro Lobato que, ao visitar uma cidade de Mato Grosso, deixou no livro de hóspedes: "Nunca vi tamanha porcaria; adeus, para sempre". Tempos depois, já de outra cidade do interior do Piauí, telegrafou ao proprietário da espelunca anterior: "Parabéns! Encontrei estalagem pior do que a sua". No dia seguinte, pelas 04 da madrugada, tomei a maria-fumaça, com indisposição de estômago, pelo café requentado ... Não havia pão nem qualquer trem de comer. Almoço só na estação de Pires do Rio, a cinco pratos ... Chegava-se a Araguari, ao cair da noite, quando o trem não descarrilhava. Na estação, os carregadores disputavam as malas. Dois mil réis o volume, para as pensões próximas; três mil réis, para os hotéis do centro da cidade. Eu me hospedava na "Pensão Conforto", bem ao lado da via férrea, verdadeiro atentado ao nome. Com isso, economizava o carregador, ao chegar e ao partir. Em contra-partida, pouco dormia à noite, pelas manobras do trem que, ao passar próximo da "Conforto", deixava uma nuvem de fumaça, misturada a fagulhas. Mal rompia o dia, e sem mesmo o café-requentado, voltava à estação, de mala em punho, rumo a Uberaba, onde se chegava às 15:30 hs., almoçando, antes, em Uberlândia. Na cidade do zebu, as mesmas cautelas: pensão vizinha para poupar o carregador ... No terceiro dia, também pela madrugada, e não melhor alimentado, embarquei para

a capital mineira, 24 horas de comboio, respirando fumaça, apagando fagulhas e aturando o mau cheiro dos vagões. O guarda-pó ficou tão perfurado, que dava a impressão de haver levado chumbo grosso. Em Belo Horizonte, rumo direito à "república", onde me encontrei com alegria redobrada com os antigos colegas e algumas caras novas, foi aquele abraço. Todos queriam saber o que era Goiás, se havia índios pelas ruas, perigo de vida, o diabo. Os mais otimistas já estavam fazendo cálculo de também irem tentar a vida, lá, pois a notícia que corria era que eu estava me tornando um pequeno Midas ... Com muitos lotes e até fazenda! Não desmentia nem confirmava, limitando-me a dizer: "Que Deus os ouça". Deus, porém, nunca me deu bola, neste ponto".

O pitoresco, igualmente, está presente em várias de suas páginas de saborosa leitura. Em seu livro já citado, "Goyas Terra e Alma", narra GUIMARÃES LIMA o seguinte episódio: "Contou-me o saudoso juiz de Goiânia, Celso Hermínio, que, antes da Revolução de 30, ele advogava em Rio Verde, quando foi constituído patrono de prestigioso fazendeiro do município de Jataí, denunciado por homicídio. No dia do julgamento, ele seguiu para aquela cidade, onde o prato do dia era o Júri. O Forum ficou repleto, Gente da cidade e da roça. Palpites prós e contras. Apostas. Naquela época o veredito (resultado da votação) era colhido em uma sacola, através de duas bolas (branca e preta), retiradas geralmente por uma criança, para provar a pureza da instituição. O juiz que presidiu aos trabalhos, homem bom e simples, mas parcial, determinou que o oficial de justiça (meirinho) abrisse a sessão. Expectativa geral. Tem a palavra o nobre Dr. promotor, disse o juiz. O libelo foi lido e a acusação feita à Cícero, nas catilinárias ... Em seguida a defesa, sentimental e comovente. Terminados os debates, o juiz advertiu: "Vamos colher o resultado, mas atenção! Quem quiser absolver, bola branca, quem quiser condenar, bola preta". O meirinho colheu as bolas com a sacola, da qual a criança as retirou, entregando-as ao magistrado. Resultado 5 bolas brancas e 2 pretas. O juiz, tranquilo: - Observo que dois dos srs. jurados não compreenderam a explicação, uma vez que bola preta condena. E houve duas! Vamos anular essa coleta e proceder a outra. Nova rodada. Resultado: 6 bolas brancas e uma preta. O juiz volta à advertência: "Há um jurado um pouco confuso, voltou com bola preta" ... (Ora, se a absolvição não fosse unânime, em caso de apelação do promotor, o réu aguardaria preso o resultado. Assim, aquela bolinha iria atrapalhar). O meri-

tíssimo, pela terceira vez, anulou o resultado e determinou nova coleta. Desta vez tudo branco ... O juiz, então, em confiança, disse ao defensor: "Viu, doutor, havia um filho da ... que estava doído para condenar".

Eis aí, em pinceladas ligeiras, para a estatura do biografado; o perfil do companheiro que foi **JOSÉ JÚLIO GUIMARÃES LIMA**. | Por ele se pode ver quão grande é a perda que sofre esta Academia, o Instituto dos Advogados e o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, entidades a que pertenceu e a que tanto se devotou. Seu discípulo, amigo e confrade, nos últimos vinte anos, posso testemunhar nele uma das grandes expressões da vida pública brasileira contemporânea.

A justa e merecida homenagem póstuma que hoje lhe prestamos inscreve-se nos anais da Academia Goiana de Letras como uma página de saudade. Saudade da família que constituiu e a que tanto se dedicou até o instante final de sua existência; saudade dos numerosos amigos que conquistou e aos quais tanto se devotava; saudade, enfim, daqueles a quem deu a mão amiga em horas decisivas e que hoje formam a coorte de seus reconhecidos discípulos, entre os quais me inscrevo, cheio de enternecida gratidão.

A "JORNADA" A GOIÁS DE LUIS DA CUNHA MENEZES EM 1778

— Paulo Bertran —

Em 2 de setembro de 1778, há mais de 200 anos atrás, deixava a cidade de Cachoeira, na Bahia, a comitiva de D. Luis da Cunha Menezes, vindo de Salvador para empossar-se no governo da Capitania de Goiás.

Luis da Cunha Menezes, fidalgo português da escola tecnocrática do Marquês de Pombal governou Goiás de 1778 a 1783 e deixou de sua permanência grande soma de informações geográficas e históricas sobre a então já decadente capitania aurífera, manuscritos esses que se conservam na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, onde os fomos consultar. Pertenceram esses manuscritos à coleção da Imperatriz D. Tereza Cristina, razão porque foram desconhecidos pelos historiadores antigos.

Findo seu governo em Goiás, Luis da Cunha foi nomeado para a Capitania de Minas Gerais a qual comandou até 1788, período em que já se preparava a propaganda libertária que culmina na Inconfidência Mineira. As Cartas Chilenas (provavelmente da autoria de Tomás Antonio Gonzaga, o Dirceu de Marília), salvaram-no do olvido, vergastando em Menezes o "fanfarrão Minésio" a quem dedicou Gonzaga o seguinte verso: Amigo Doroteu, se acaso vires/ na corte algum Fidalgo pobre e roto/ dize-lhe que procure este governo/ Que a não se acreditar que há outra vida/ com fazer quatro mimos aos rendeiros/ há de à Pátria voltar casquilho e gordo/.

Tão grande ironia talvez não fizesse justiça a Luis da Cunha Menezes, que, pelo menos no governo de Goiás, embora fosse antipatizado, mostrou-se um administrador razoável e preocupado em bem documentar-se sobre a Capitania, como no caso do manuscrito em exame, a "Jornada que fez Luis da Cunha Menezes da cidade da Bahia para Vila Boa, capital de Goiás, onde chegou no dia 15 de outubro de 1778".

A parte do roteiro pelo Sertão da Bahia transcrevemos aqui apenas suscintamente, no total de 26 pousos até à fronteira goiana, que são:

<i>Itinerário</i>	<i>léguas</i>	<i>Data</i>
<i>De Caxoeira a Genipapo</i>	10	2/9
<i>De Genipapo a Mangabeira</i>	6	4/9
<i>De Mangabeira a Pedra Redonda</i>	6	5/9
<i>De Pedra Redonda a Boa Vista</i>	8	6/9
<i>De Boa Vista aos Murrinhos</i>	8	7/9
<i>De Murrinhos a Palma</i>	8	8/9
<i>De Palma a Olhos d'água</i>	10	10/9
<i>De Olhos d'água a Almas</i>	7 1/2	11/9
<i>Das Almas ao Sucurá</i>	10	12/9
<i>Do Sucurá ao Carvalho</i>	7	16/9
<i>Do Carvalho a Vila Nova das Contas</i>	10	17/9
<i>Da Vila Nova das Contas à Tapera do Tenente</i>	6	18/9
<i>Da Tapera do Tenente às Quebradas</i>	10 1/2	19/9
<i>Das Quebradas à Lagoa de João Marques</i>	8 1/2	20/9
<i>Da Lagoa de João Marques aos Confins (?)</i>	7	21/9
<i>Dos Confins ao Pau de Espinho</i>	9 1/2	22/9
<i>Do Pau de Espinho ao Curralinho</i>	5	23/9
<i>Do Curralinho à Fazenda do Reacho</i>	7	24/9
<i>Da Faz. do Riacho ao Arraial da Carinhanha</i>	3 1/2	26/9
<i>Da Carinhanha ao Sacolambo</i>	7	27/9
<i>Do Sacolambo ao sitio do Meio</i>	11 1/2	28/9
<i>Do Sitio do Meio ao Presídio</i>	9 1/2	29/9
<i>Do Presídio à Vereda do Lago</i>	10	30/9
<i>Da Vereda do Lago a Forquilha</i>	14	1/10
<i>Da Forquilha ao Saco do Taquari</i>	6	2/10
<i>Do Saco do Taquari ao Formoso</i>	17	3/10

Conforme a "jornada" vinha Luis da Cunha pela estrada salinera da Bahia, atravessando o sertão do Rio das Contas até a vila de Carinhanha, na sua confluência com o São Francisco. Aqui inflete a sudoeste, atravessando os distritos do atual município de Formoso de Minas, entrando em Goiás pelo antigo Registro (posto fiscal do ouro) de Santa Maria.

É o que veremos a seguir, desta vez transcrevendo a íntegra do manuscrito:

I
Do Formoso a Santa Maria (5/10) - 10 legoas, a saber do ribeirão da Carinhanha 2 que se vai meter no Rio Ourium, boa agoa, ao Luciano 2 1/2, ao citio das Duas Pontes.

1 1/2, ao pé do morro 2 1/2 e 1 1/2 a Santa Maria por registro do ouro da capitania de Goiás. Toda esta marcha foi por excelentes caminhos de chapada, vargens e taboleiros até 1/2 legoa de distancia do dito Registro que é de uma descida muito má e citio onde ha ua fazenda que tem 1600 bezerros que é de Manoel Paes d'Assumpção.

De Santa Maria ao Feijoal (7/10) - 9 1/2 a saber, ao Tremedal 1 1/2, fazenda de 1500 bezerros, a São Roque 1 1/2, fazenda de 500, ao Boqueirão 3, ao Rio dos Macacos 1 e 2 1/2 ao Feijoal. Esta viagem se continua pelo citio a que chamam a ribeira do Paraná o qual é um pantanal ã doentio entre as serras das Mamoneiras e a do Feijoal. Cortada de muitas lagoas e corgos que em tempo de agoas inudam todo este pays.

Do Feijoal às Aguas Claras (8/10) - 9 leguas a saber, a Santa Ritta 2, a Santa Roza 1; ao Rio Paraí 1, a Boquina 3, e 2 à fazenda de Aguas Claras, que é de uma viuva, que ainda pertence à Ribeira do Paraná. Todos estes citios são fazendas de 1600 bezerros até 2000.

De Aguas Claras à Bandeirinha (9/10) - 11 legoas a saber, a Crixas 2, ao retiro 4, ao Rio Paraná 1 1/2, este corre sueste noroeste, à entrada do mato 2, ao Salgado 1, e 1 a Bandeirinha, fazenda de Antonio Pinto da Roza. Esta viagem é por taboleiros e ua matta muito fichada de 1/2 legoa de extensão cortada por cargo a leva bástante agoa a qual se passa nesta dita extenção 12 vezes por um caminho orrerozo e onde finda a ribeira do Paraná.

Vemos que a comitiva de Luis da Cunha, sempre marchando para sudoeste, atravessa vários tributários da bacia do rio Paraná, como o Macacos, o Paraim, o Crixás e o próprio Paraná, cujo vale se encontrava então todo ocupado por fazendas de gado "de 1600 a 2000 bezerros", segundo o roteiro.

No dia 9 de outubro de 1778 a comitiva de Luis da Cunha estacionava num lugar chamado Bandeirinha, que com esse mesmo nome situa-se a poucos quilometros a noroeste de Formosa. Nessa Bandeirinha houve na década de 1730 uma contagem, que depois mudou-se, parece, para a Lagoa Feia de Formosa.

Estava aqui prestes a mergulhar Quadrilátero Cruis adentro, como veremos a seguir:

Da Bandeirinha a Contage de São João das Três Barras - (10/10) - "11 legoas a saber ao Citio Novo 2 - ao Piripirao 1 1/2 ao Mestre d'Armas 2 Ao pro (?) Corgo 1 - ao Sobradinho 2 - e 2 1/2 a São João das Três Barras, citio tão frio q̃ no mez de junho q̃ hé a maior forma do inverno chega a chair neve, tem ã boas frutas principalmente de coquinho (?), um nascimento de agoa excelentes, as fazendas a maior parte delas são Rossas e Engenhos de Certão.

De São João das Três Barras à Vendinha - 9 leguas(1 1/10) a saber ao Couro 2, ao Rudiador 4 e 3 a Vendinha, agoa de fonte excelente o ar ã temperado, bons campos por taboleiros cubertos, chapadas por entre fazendas e rossas.

Por onde vinha o novo governador de Goiás? É o que tentaremos interpretar agora:

A 2 léguas, (vale dizer 12 quilômetros), de Bandeirinha, já dentro do DF., a comitiva passa por Sítio Novo no extremo do nordeste do quadrilátero, onde existe um córrego com esse nome. Nove quilômetros adiante cruza o Ribeirão Pípiripau, já com a mesma denominação que tem hoje.

Uma dificuldade com o roteiro de Luis da Cunha é saber quando se refere a um lugar específico, como parece ser o caso de Sítio Novo, ou a um acidente geográfico, como no caso do ribeirão Pípiripau, onde não sabemos se se refere ao curso d'água ou alguma fazenda que também levasse esse nome.

É a dúvida que nos assalta 12 quilômetros adiante quando registra um lacônico "Mestre D'Armas - 2 léguas", indubitavelmente nas cercanias de Planaltina, sem que se possa precisar se referente a uma fazenda ou à lagoa Mestre D'Armas. Fora de dúvida porém é que, com essa indicação, pode-se recuar o nome antigo de Planaltina para mais de duzentos anos atrás.

De Mestre D'Armas no rumo oeste, D. Luis registra dali a uma légua (6 Km) um "Próximo Corgo", talvez o atual "Corquinho". Desse ponto "ao Sobradinho, 2 léguas" e eis-no no atual sítio da cidade-satélite de Sobradinho, já com esse nome pelo menos desde 1778.

Além de Sobradinho, 15 quilômetros depois a comitiva de Cunha Menezes estacionava na Contagem (posto fiscal interno) de São João das Três Barras, cuja localização exata é um dos mistérios históricos do DF, cuja memória conservou apenas o nome de Chapada da Contagem, lindíssima paragem, uma das mais altas do Quadrilátero, entre Sobradinho e Brazlândia.

Sobre São João das Três Barras comenta Luis da Cunha na

sua "Jornada": "*citio (sic) tão frio q̃ no mez de junho q̃ hé a maior forma do inverno chega a cahir neve*".

Estava exagerando um pouco o novel governador de Goiás com essa neve caindo na Chapada da Contagem, mais provavelmente uma geada forte. Outra indicação importante é a validade da região para o cultivo de roças e para engenhos de cana e de farinhas.

D. Luis da Cunha Menezes e sua comitiva dormiram em São João das Três Barras, depois dessa viagem de 11 léguas (66 Km) atravessando toda a porção norte do DF.

No dia seguinte recomeçaram a viagem, cujo destino, 9 léguas depois de São João, era certa localidade dita Vendinha, talvez situada no atual município goiano de Santo Antônio do Descoberto.

Antes de ali chegar passaram rumo oeste, 12 Km além de São João, por um lugar chamado Couro, talvez hoje sob as águas da barragem de Santa Maria e 24 Km depois (4 léguas) chegavam ao Rodeador, ou bem córrego ou bem fazenda, situado o atual córrego Rodeador entre as cidades-satélites de Brazlândia e Taguatinga, no Distrito Federal.

E continua o relato da Jornada de Luis da Cunha:

Da Vendinha as Mamoneiras - 9 1/2 léguas (12/10) a saber aos Macacos 2 1/2 a Zeferina 4, a Contage Velha 1, ao Citio das Areias 1 e 1 às Mamoneiras, fazenda de Rossa ã boa agoa clima temperado.

Das Mamoneiras ao Arraial da Meia Ponte (13/10), a saber a Ponte Alta 1 - ao rio Corumbá 3 - a Vendinha 2 e 2 a Meia Ponte, primeiro arrayal por esta parte da capitania de Goyaz, ã calor, boa agoa e mao caminho.

Quer-nos parecer que desde a tal Vendinha até Pirenópolis percorresse a comitiva de Luiz da Cunha largos trechos da velha estrada que liga a Cidade Eclética a Corumbá de Goiás, único meio de acesso por que havia ao Distrito Federal na década de 1950, antes da abertura da atual Brasília-Anápolis. Foi quatro décadas mais tarde o caminho descrito por Saint Hilaire e pelo Dr. Pohl e fotografadas, em 1892, as citadas fazenda dos Macacos (que existia até 1980, não sei se ainda hoje) e a grande ponte do Rio Areias, pela Comissão Cruis.

Embora lhe estivesse em direitura, o itinerário de Luis da Cunha, não assinala passagem pelo então povoado de Corumbá,

assim como não lhe interessara, léguas atrás, conhecer a velha Couros (Formosa), de que esteve muito próximo.

Na própria Meia Ponte (Pirenópolis) não se deteve mais do que uma noite, embora já fosse o terceiro ou quarto mais importante arraial da Capitania. Uma atitude curiosa, pelo menos para um novel governador, esse ostensivo alheamento às povoações de sua Capitania.

Mas quanto a engenhos e fazendas de gado tudo anotava meticulosamente como leu-se antes, dando razão talvez à cupidez registrada nos versos de Gonzaga: "*Com fazer quatro mimos aos rendeiros/há de à Pátria voltar casquilho e gorda ...*"

O trajeto a seguir, de Meia Ponte a Vila Boa já é mais conhecido. Pohl e Saint Hilaire em seus livros retratam-nos minuciosamente:

De Meia Ponte a Lagoa Grande - 10 léguas (14/10) a saber ao Rio das Pedras 3 ao Roza 2 e 5 a Lagoa Grande ã calor ã mao caminho por entre matos ã altos morros e corgos frios mas boa agoa.

Da Lagoa Grande à Ponte do Ouru - 13 léguas (15/10) a saber ao Pouso Alto 3 - a casa da telha 5 e 5 a Ponte do Ouru.

Da Ponte do Ouru - neste mesmo dia pelas seis horas da tarde se continuou a marcha ao Capão 3 léguas, ao Ouro Fino 1 1/2 e 3 a Villa Boa.

E aqui nos deixa D. Luis da Cunha Menezes rumo a Vila Boa (Goiás Velho), "onde chegou pela 1 hora da noite, contando desde a Bahia 44 dias de viagem totalizando 345 léguas", a bagatela de 2.070 Km a lombo de burro, século XVIII adentro.

BIBLIOGRAFIA MIÑINA

Essencial aqui é o códice 13.4.10 da Secção de manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro em cujas páginas finais (não numeradas) se encontra a "Jornada" de Luis da Cunha Menezes. Nessas últimas páginas, conservam-se também belíssimas e detalhadas plantas cartográficas do trajeto, notando-se que as partes referentes a Goiás foram criminosamente extirpadas do códice

No mais, os roteiros de viagem de Saint Hilaire e Pohl são sobejamente conhecidos dos leitores desta Revista.

UM PINGO DE HISTÓRIA E RELAÇÕES
PÚBLICAS NA POLÍCIA MILITAR
— Cristovam Francisco de Castilho —

Justificando o título acima, com a intenção de brindar os leitores da revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, temos que citar pelo menos dois motivos: primeiramente, por pertencer ao quadro de Oficiais da reserva remunerada da Polícia Militar de Goiás e à comissão de Geografia do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, ainda mais, atendendo uma recomendação do Presidente da Instituição, Dr. Colemar Natal e Silva, diga-se de passagem, uma missão difícil, pois, o renomado Mestre Colemar tem o seu nome gravado em qualquer instituição cultural em Goiás, conforme já escreveu a respeito o escritor José Mendonça Teles, citá-las correríamos o risco de esquecer algumas. No entanto, em rápidas pinceladas UM PINGO DE HISTÓRIA, a respeito, transcrevamos um documento do século passado, que leva a chancela do então Presidente da Província de Goyaz, a saber:

“RESOLUÇÃO n. 13, de 28 de julho de 1858, relativa a criação da Força Policial.

FRANCISCO JANUÁRIO DA GAMA CERQUEIRA, Presidente da Província de Goyaz:

Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembléia Legislativa Provincial decretou e eu sanciono a seguinte resolução:

ART 1o. — O Presidente da Província fica autorizado para organizar uma Força Policial, conforme o plano que abaixo segue:

no. de graduações	vencimento mensal	anual
1 Tenente	50\$000	600\$000
2 Alferes	80\$000	960\$000
2 Sargentos	56\$000	672\$000
1 Furriel	24\$000	288\$000

41 Praças, inclusive um tambor		
a 600 réis diários	.730\$000	8.856\$000
S O M A		12.396\$000

Art. 2o. — O mesmo Presidente, expedirá o regulamento para a boa execução da presente Lei, submetendo-o depois ao conhecimento da Assembléia, a fim de ser definitivamente provado.

Art. 3o. — Ficam revogadas as disposições em contrário. Mando portanto a todas as autoridades, a que o conhecimento e execução desta resolução pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente, como nela contém.

O Secretário desta Província faça imprimir, publicar e correr.

PALÁCIO DO GOVERNO DE GOIÁS, aos vinte e oito dias de julho de mil oitocentos e cinquenta e oito, trigésimo sétimo da independência e do Império.

Ass. FRANCISCO JANUÁRIO DA GAMA CERQUEIRA.

Daí temos legalmente a primeira denominação da Polícia Militar que, pela Lei no. 5, de 12 de julho de 1892, passou a Corpo de Polícia, BATALHÃO DE POLÍCIA, pela Lei no. 364 2 de julho de 1910; FORÇA PÚBLICA, pelo Decreto 395, de 19 de dezembro de 1930, POLÍCIA MILITAR, pelo Decreto 339, de 1o. de junho de 1935, novamente FORÇA POLICIAL, pelo Decreto lei no. 3.035, de 29 de março de 1940, novamente POLÍCIA MILITAR, a 18 de novembro de 1946 com a promulgação da Constituição Federal daquele ano. Posteriormente, ratificada a denominação de Polícia Militar (PMEGO), com o advento das Constituições do Estado, datadas de 1947 e 1967, respectivamente.

Dados históricos indica, como o primeiro Comandante Geral da Polícia Militar, o Capitão Hon. Ex. JOÃO FLEURY ALVES DE AMORIM, que assumiu nos idos de 10 de julho de 1884. A exemplo do nosso Estado, as Polícias Militares do Brasil, constituem um marco histórico, tradição de bons serviços prestados em prol da comunidade, fato que não poderá ser esquecido na Próxima Constituinte, no que diz respeito as instituições Policiais Militares, pelo que representam no contexto de SEGURANÇA PÚBLICA.

A POLÍCIA MILITAR compete fazer o policiamento ostensivo, atual como força de dissuasão ou de repressão, em caso de grave perturbação da ordem. Esse estado de alerta constitui característica de sua principal atividade, que é a prevenção. Posto que

assim deve ser. Toda a atividade policial se baseará no velho conceito de conter, isolar e dispersar, fundamentada no axioma de que o emprego da força deverá ser aplicado somente na proporção da violência ou da resistência encontrada ou ao perigo antecipado. Esse emprego de força só se verificará como último recurso. O preparo do PM constitui permanente preocupação da Corporação, ele deve estar sempre voltado para os cuidados que os dias atuais impõem como normas de ação: os distúrbios civís; a disseminação de idéias contrárias aos costumes, os furtos e roubos e toda uma gama de delitos. Dentre as ARMAS mais eficientes de neutralização ou de combate às manifestações hostis a Polícia, surgem as RELAÇÕES PÚBLICAS como grande destaque, competindo-lhe erradicar da opinião pública e escoimar da mente popular o tradicional conceito de que a Polícia é uma máquina repressiva, violenta e arbitrária por excelência, interessada unicamente na execução das leis e em conduzir as barras dos tribunais aqueles que violam as normas disciplinares sociais.

Uma opinião pública adversa e hostil torna o trabalho cotidiano do policial desagradável e mais onerosas as condições em que ele o realiza. Enfrentando um público hostil, contrário a qualquer estímulo de cooperação comum, a POLÍCIA, infelizmente tem a tendência de revidar também com atos violentos, dos quais advém um afastamento cada vez mais acentuado entre ela e o povo. É isso que a POLÍCIA MILITAR DE GOIÁS não quer e luta para que aconteça, porque ela também faz parte do povo, com a diferença de que se acha investida de funções fiscalizadoras, repressivas e de vigilância.

A atitude da opinião pública em relação a Polícia, é um reflexo da atuação desta mesma Polícia. A experiência diária, os contatos, as observações, as circunstâncias de dependência e controle policial moldam a consciência popular, a sua opinião, segundo a intensidade da ação policial individual.

A cooperação pública é essencial para o pleno sucesso não só da administração policial como das espinhosas tarefas que ela normalmente tem de enfrentar. Daí concluir-se que as relações entre o POLICIAL e o CIDADÃO comum são fundamentais também para as RELAÇÕES PÚBLICAS e para o conceito da organização Policial.

Cada policial deve ser um especialista em RELAÇÕES PÚBLICAS, como decorrência de suas ações ou atitudes, ele causará boa ou má impressão a publicidade. Uma boa ação praticada por

um Policial significa muito para seu próprio conceito e o de sua Corporação.

É a única maneira de um policial eliminar a incompreensão popular estereotipada na palavra "Tira". Este deve ser o objetivo de cada PM, para criar boas **RELAÇÕES PÚBLICAS**, através do bom serviço. Ele assim estará conseguindo confiança, respeito e admiração do povo. Tem-se reconhecido que a discricão e o trato, aliado a polidez no tratamento, são atributos inestimáveis para um eficiente e respeitado policial. A **POLÍCIA MILITAR DE GOIÁS** se empenha para que isto aconteça, para que cada PM esteja também apto a cumprir o seu dever no constante contato com toda gama social, das mais variadas personalidades de diferentes condições sociais, diferentes situações econômicas e sensível diferenciação no lastro educacional.

Daí, concluirmos que o trabalho desenvolvido pelo Serviço de Relações Públicas e de suma importância para engrandecimento cada vez maior desta **TRADICIONAL, GLORIOSA e CENTENÁRIA** Polícia Militar de Goiás.

A NATUREZA E A PALAVRA: CRESCIMENTO OU DESENVOLVIMENTO?

- Itaboraí Velasco Nascimento -

Falar de conservacionismo no Brasil é, de certa forma, temeridade. Em nosso país não se conseguiu, até a presente data, formar na população a consciência da necessidade de preservação de meios-ambientes, primordial à sobrevivência das espécies e conseqüentemente, do próprio processo evolutivo e produtivo das sociedades humanas.

A criação de parques nacionais, parece mais, algo destinado a atender necessidades imediatas de resguardar áreas com possibilidades turísticas que um verdadeiro espírito de preservação de ambientes originais, resguardando espécimens da predação antrópica, natural na estruturação dos geossistemas, ou mesmo buscando atender um "modismo" deste nosso século.

Nenhum trabalho de catalogação sistemática é executado pelos responsáveis pelas áreas a serem conservadas. Tais áreas são definidas de maneira aleatória, a maioria das vezes atendendo reclamos eleitoreiros. Não se observam nenhum dos requisitos básicos que resguardem a área definida como de "preservação", requisitos tais como: Conservação de encostas e vertentes, áreas de nascentes e cabeceiras que fluam para dentro da região demarcada, técnicas de manejo da área preservada coerentes com as características de arranjo ecológico locais e quantidades de vigilantes florestais compatíveis com o tamanho do parque.

Em recente visita ao Parque Nacional das Emas, situado no extremo sudoeste do Estado de Goiás, numa equipe de professores e pesquisadores da Universidade Católica de Goiás e do IGPA, Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, pudemos constatar alguns destes "desvios estruturais" aos quais nos referimos.

O Parque Nacional das Emas cobre uma área de 100.000 ha.e conta, como pessoal efetivo à sua manutenção, com o diretor do parque, Sr. Antônio Malheiros - pessoa dotada de grande

dose de idealismo - e dos vigilantes, ambos residentes no parque. Mesmo se considerarmos que o diretor do parque também exerce ali funções de vigilância, isto faz com que toque a cada um destes uma área superior a 300 Km² de área a ser mantida e preservada, principalmente contra os predadores humanos. Tudo isto sem levarmos em consideração que a dotação orçamentária do parque não permite o tráfego permanente dos veículos do parque neste trabalho de observação.

Um outro ponto a ser considerado é o motivo mesmo da existência do parque. Presume-se que a delimitação de um Parque Nacional se proponha a preservar, a nível de espécies, tudo o que este parque contenha. Mas, para que tal objetivo se concretize, é necessário que concomitantemente à delimitação desta área seja feito um trabalho minucioso de catalogação das espécies existentes, até como forma de se ter um controle do "que" e do "quanto" está sendo resguardado. A não ser por algumas iniciativas isoladas de pesquisadores individuais, não temos notícia da execução de nenhum trabalho desta espécie executados na área do parque em seus quase trinta anos de existência. Como controlar o crescimento ou diminuição de algo que não se conhece?

Naquela visita, contamos com o concurso de especialistas em biologia, antropologia, geografia e agronomia, dentre os quais destacamos a do prof. Altair Sales Barbosa - fundador e antropólogo do IGPA -, do pesquisador Jesco Von Putkamer, ambos de renome internacional em suas respectivas áreas e, principalmente, a do Sr. Binomino Lima, pesquisador independente daquela área, morador em Jataí e descendente dos primeiros colonizadores daquela região, o qual nos forneceu relatos bastante interessantes quanto à forma "política" da definição da área do parque e quanto às espécies nativas. Tais informações são fruto de décadas de observações e pesquisas sistemáticas dos espécimens, tanto a nível de fauna quanto de flora, outrora mais abundantes e hoje a ponto de extinção. Informações estas que a administração do parque não possui.

Contrasenso? Desinteresse?

Não! Podemos dizer, talvez de maneira mais apropriada, falta de planejamento ou utilização mal feita das palavras "DESENVOLVIMENTO" e "CRESCIMENTO".

E aqui faz-se necessário exponhamos de maneira mais clara o que significam para nós estas duas expressões:

CRESCIMENTO é o elemento fundamentalmente setorial. Pode-se fazer "crescer" a produção industrial ou a produção agrí-

cola, através de implementação de novas técnicas ou da implementação de novos parâmetros que aumentem a eficiência do solo ou a produtividade do trabalhador que o manipule. Setores serão beneficiados. Áreas do conhecimento especializado serão acrescidas de novo saber, dos quais determinados grupos de nossa sociedade poderão se beneficiar.

É incontestável que o crescimento de conhecimento na área da Medicina tem trazido imensuráveis benefícios à preservação da vida e ao bem estar do ser humano. É inquestionável que a utilização de novas técnicas têm trazido aumento à produção agrícola, mesmo que muitas vezes tragam junto à superprodução uma overdose de elementos químicos que os avanços da medicina tentam sanar.

Mas isto são "crescimentos", de onde a maior parte da sociedade é colocada à margem.

Para que haja DESENVOLVIMENTO é necessário que a sociedade como um todo se aproprie destes avanços, não apenas do produto acabado - meta do consumismo -, mas do próprio processo de produzir idéias.

É necessário que aliado ao crescimento da tecnologia que aumenta a produtividade, à população seja dado crescimento de conhecimentos, através de um processo educativo compatível, para que seja entendido não apenas "o que" se consome ou produz, mas também "por que" se consome e produz.

Desta forma podemos voltar ao Parque das Emas e analisar agora, não apenas os fatores intrínsecos, aqueles que atuam de dentro para fora, mas também os que lhe são externos e que no entanto provocam laterações e interferem diretamente nesta organização, de fora para dentro.

A região é elevada e aplainada, nos bordos do Maciço Central Brasileiro. Área que vem sofrendo aplainamento pelos efeitos da própria natureza desde há, aproximadamente, 600 milhões de anos. Até há décadas recentes, suas terras não eram consideradas boas para cultura, entretanto, com o advento da lavoura mecanizada e da produção de grãos em larga escala para exportação, o grande capital descobriu que aquela área plana seria ideal aos processos de mecanização agrícola. A região, que era exclusivamente de produção de gado criado "a larga", passou em pouco tempo a ser área de produção de soja. Esta necessita, para que alcance níveis idéias de produtividade, de grandes quantidades de corretivos de solo e pulverização permanente de elementos químicos contra as pragas. Da mesma forma, a cobertura vegetal autóctone, suporte de vida de variadas espécies animais, teve de ser

sacrificada para que as máquinas melhor desenvolvessem sua atividade. Assim, temos visto a faixa adjacente ao parque pouco a pouco ser tomada por extensivos campos de plantação desta leguminosa.

Até aí, nada a objetar. É um processo normal. O homem necessita produzir para sobreviver e para evoluir economicamente, dentro do nosso sistema capitalista.

Mas o parque, em suas origens, teve sua área diversas vezes alterada para não ferir os interesses de grandes proprietários da região. Desta forma, as sucessivas reduções de sua área deixaram de fora grande parte das nascentes que demandam ao parque.

As cabeceiras do rio Jacuba - limite natural nor-oriental do parque - e seus tributários da margem esquerda estão fora da área demarcada e sujeitos ao desmatamento indiscriminado, que todos nós sabemos, é feito pelos proprietários de terra, geralmente desinformados sobre os efeitos nocivos de tal prática ao ciclo da água. Também o rio Formoso - principal rio que corta o parque no sentido noroeste/sudeste - tem suas nascentes dentro de uma grande plantação de soja, onde o processo de pulverização com defensivos químicos-tóxicos - enche suas águas de poluentes, levando-os diretamente para dentro do parque.

Outro elemento, que reúne características de agressor interno e externo, a atacar o parque é o próprio plano de manejo deste. Os planos de manejo de parques nacionais foram importados na década de 60 do Canadá. Além da inadequação de diversos parâmetros ali evidenciados (como ciclos estacionais, solos e a própria cultura, diferentes entre nossos dois povos), um nos chama especialmente a atenção: É a proibição terminante das queimadas, sob a alegação de que esta enfraquece o solo, elimina microorganismos e empobrece a flora. Ora, a vegetação de cerrado é um complexo de vegetais subxerófitos e que tem alguns milênios de adaptação às condições climáticas vigentes. As raízes são bastante profundas para buscar água nos lençóis subterrâneos, tanto nos extratos arbóreos quanto nos extratos herbáceos, e as espécies arbóreas e arbustivas desenvolveram nestes milênios uma camada bastante espessa de cortiça como proteção ao caule contra o fogo, parte natural dos biociclos da região, geralmente provocado pela queda de raios na estação seca. Dizer que no Canadá não há queimadas é, no mínimo, inocência. Sazonalmente, durante o inverno, o país é coberto por grossa camada de neve que "queima" toda a vegetação, que entretanto voltará a reconstituir-se a partir do início da primavera _

Esta incongruência pudemos também verificar na visita feita ao parque em inícios deste ano de 1987. A única área dentro do parque onde vimos concentrações de animais foi uma área onde em janeiro havia caído um raio e provocado um pequeno incêndio. Era esta a única parte de todo o parque a apresentar vegetação nova e suprir as necessidades alimentares dos animais herbívoros, já que o restante do parque está pouco a pouco sendo tomado por uma gramínea - o capim-flexeiro - de hastes duras e de pouco valor nutritivo para os animais dali, avanço este provocado pela quebra do biociclo natural da área.

Desta maneira, por não encontrar alimento suficiente dentro da área do parque, segundo depoimento do diretor do parque à nossa equipe, os animais atravessam as cercas e rios que limitam o parque para comer as folhas tenras e contaminadas por agrotóxicos das plantações de soja vizinhas, voltando, às vezes, ao parque para morrer ou sendo ali mesmo abatidos por caçadores, já que ao sair da área delimitada não estão mais defendidos pelos recursos do parque.

Bem, este é um exemplo. Temos no nosso Estado mais dois outros parques nacionais que contam com área maiores e menor número de pessoal a responsabilizar-se por eles: o Parque Nacional de Chapada dos Veadeiros - no centro leste de Goiás - e o Parque Nacional do Araguaia - parte norte da Ilha do Bananal -, onde, temos notícias, a predação se faz ainda mais desenfreada.

Da mesma forma, a construção de estradas, notavelmente a da projetada Estrada de Ferro Norte/Sul, deverá produzir efeitos devastadores à flora e fauna do Centro/Norte do Estado.

O discurso "desenvolvimentista" não considera as diferenças marcantes entre o que sejam desenvolvimento e crescimento. O crescimento desenfreado dos ganhos visados pelo capital não considera a destruição que se opera a médio e longo prazos à margem de suas instalações.

A construção desta ferrovia, prevista para dois anos, criará diversos novos núcleos de povoações ao longo de suas linhas. Estão previstas construções de conteiros de obras a cada 50 Km de seu percurso, movimentando de 1.600 a 2.000 homens cada um.

O impacto ambiental, se não for tratado a tempo, se novas áreas de preservação não forem definidas ao longo de seu traçado e se não forem educadas estas populações para conviver com a natureza, trarão um gradativo empobrecimento aos nossos biomas, provocando alterações que breve se farão sentir a nível de solos e climas.

Além disto, a natureza é um bem universal que temos a obrigação de manter para nossos pósteros. Se não, que tipo de mundo lhes legaremos?

SOBRE AS FONTES DOCUMENTAIS PARA A HISTÓRIA DE GOIÁS

Lena Castelo Branco Ferreira Freitas e
Nancy Ribeiro de Araújo e Silva

NOTA INTRODUTÓRIA - O território do atual Estado de Goiás, definido no mesmo espaço geográfico da antiga Capitania e Província de Goiás, foi anexado ao Brasil quase dois séculos após os primeiros assentamentos portugueses no litoral atlântico. Situação, em boa parte, a Oeste do meridiano histórico de Tordesilhas, ocupa posição central em relação às demais unidades federativas, estendendo-se no sentido Norte-Sul por mais de 1.800 Km.

Povoada, inicialmente, por mineradores que expulsaram os primitivos indígenas e buscavam as riquezas das míticas minas dos Goiazes, a região experimentou breve período de produção aurífera (ca, 1 730-1 780). Nessa fase inicial, povoados proliferaram na boca das minas, não mais do que apressados acampamentos que se formavam e diluíam ao sabor das levas de aventureiros atraídos pelas lendas do novo Eldorado. Pelas dilatadas solidões do Planalto Central e do Norte e Nordeste goianos, tais aglomerados multiplicaram-se, embriões de turbulentos arraiais, mas não obstante apresentando configuração urbana peculiar: Meia Ponte, Crixás, Santa Cruz, Natividade, Arraias, Corumbá de Goiás, Pilar e outros mais. Destaque especial merece Vila Boa - depois Cidade de Goiás -- implantada como sentinela avançada do mundo português, ilha de civilização em meio ao oceano de barbárie, a centenas de léguas do litoral.

Exauridas as minas, a população aventureira refluiu, em busca de novos achamentos. Despovoados, arraiais e vilarejos perderam o tónus febricitante das atividades de mineração e, quando sobreviveram ao empobrecimento, converteram-se em pachorrentos núcleos semi-rurais, enquanto que a população remanescente

distribuía-se por ermos e gerais, tendo início o ciclo agro-pastoril da história goiana. Resultantes do comércio de gado e das trocas de mercadorias essenciais não produzidas na região, surgiram entrepostos que, lentamente, converteram-se em outros tantos núcleos urbanos, nos quais a pobreza era regra geral, bem como a rusticidade e o despojamento característicos das culturas fundamentadas nas atividades de pastoreiro. Dispersas pela imensidão dos cerrados ou plantadas na franja do matogrosso goiano, as fazendas de criação extensiva converteram-se em unidades econômicas semi-autônomas, o processo de ruralização acentuado pelas imensas distâncias que as separavam umas das outras e agravado pela hostilidade das tribos indígenas.

Nesse contexto social e histórico, a áspera luta pela sobrevivência consumiu as energias e limitou a produção de bens culturais de cunho mais elaborado. Poucos foram os arraiais e vilas goianos onde existiram escolas que ensinassem além das primeiras letras. Tal era o clima de insegurança que os caracterizava que nas correspondências e relatórios oficiais, ao longo dos séculos XVIII e XIX, os problemas mais prementes eram os do funcionamento elementar da justiça, da economia e da administração, nessa ordem de preocupações.

A despeito de tais características e carências, contudo, foi decisivo o papel desempenhado por núcleos urbanos e propriedades rurais do Centro-Oeste, no sentido de definir a configuração das fronteiras e a extensão territorial do Brasil, bem como a sua unidade linguística e cultural. Se estudada em profundidade, a realidade que presidiu o processo histórico de povoamento das vastas áreas a Oeste de Tordesilhas, iluminar-se-á, seguramente, a compreensão da própria História do Brasil, não mais limitada ao conhecimento de alguns privilegiados fatos relacionados com as regiões litorâneas.

A DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA - A documentação que informa o estudo e o conhecimento da História de Goiás inclui **textos manuscritos e textos impressos**, estes compreendendo crônicas, jornais, revistas e livros publicados. Na presente informação, abordar-se-á, em primeiro lugar, a documentação oficial manuscrita, ou seja, as fontes primárias de cunho oficial e de interesse para a História de Goiás, com ênfase para aquela que se encontra guardada no seu próprio território. Em um segundo momento, serão referidas as fontes impressas.

I - TEXTOS MANUSCRITOS - encontram-se dispersos por diferentes acervos documentais, a saber:

- a) acervos localizados fora do território goiano:
- Arquivo Histórico Ultramarino - Lisboa, Portugal
 - Arquivo da Torre do Tombo - Lisboa, Portugal
 - Arquivo Nacional - Rio de Janeiro
 - Arquivo Público do Estado de São Paulo - SP
 - Arquivo Público Mineiro - Belo Horizonte, MG
 - Arquivo do Palácio do Itamaraty, com destaque para a Mapoteca, RJ
 - Biblioteca Nacional, Seção de Manuscritos - Rio de Janeiro
 - Arquivo Histórico do Pará-Belém, PA
 - Arquivo Histórico do Maranhão - São Luis, MA
 - Arquivo Histórico da Bahia, Salvador, BA
- b) acervos localizados em território goiano:
- Arquivo do Museu das Bandeiras, Cidade de Goiás
 - Arquivo do Diário Oficial do Estado de Goiás, Goiânia
 - Arquivo "Frei Simão Dorvi", Convento Dominicano Cidade de Goiás
 - Arquivos Municipais das principais cidades dos Séc. XVIII e XIX de Goiás: Pirenópolis, Luziânia, Jaraguá Corumbá de Goiás, Santa Cruz, Silvânia, Porto Nacional, Jataí, Mineiros, etc.
 - Arquivos paroquiais - idem
 - Cartórios de Registro Civil, de Órfãos e Ausentes, de Registro de Imóveis - idem
 - Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, Goiânia
 - Arquivo Histórico Estadual, Goiânia
 - Serviço de Agrimensura da Procuradoria Geral do Estado de Goiás, Centro Administrativo, Goiânia

APRECIÇÃO SOBRE A DOCUMENTAÇÃO MANUSCRITA -

Nos acervos localizados fora do território goiano, a documentação encontra-se em bom ou razoável estado de conservação, podendo ser consultada sem dificuldades, em sua maior parte. Sabe-se, contudo, que, em arquivos de Portugal, existem inúmeras caixas contendo documentos referentes a Goiás, que ainda não foram classificados; o mesmo ocorreria no nosso Arquivo Nacional. Nos arquivos do Pará, Maranhão e Bahia, os acervos reclamam tratamento condigno. Presume-se, outrossim, que documentos de interesse para Goiás existam também em Pernambuco.

Em Goiás, a situação desses documentos caracteriza-se como bastante precária. No Museu das Bandeiras, encontra-se grande número de manuscritos relativos à Colônia e ao Império, sobretudo, referentes a aspectos econômicos. A **Revista de História de São Paulo** (cf. n. 76, de 1986), publica levantamento feito por Dulce Helena Pessoa Ramos e Raquel Glezer, da Universidade de São Paulo, relativamente ao período colonial. São 459 pacotes, com cerca de 300 fólios cada um, escritos geralmente de um só lado, compreendendo: Contadoria, Armazéns Gerais, Fundação, Secretaria, Documentos Militares, Mapas, Vedoria, Livros diversos, etc. Em 1970, foi iniciado um projeto de microfilmagem desses documentos pela Universidade de São Paulo, mas não há notícia de que tenha sido concluído. Não consta que tenha sido levantado o período relativo ao Império. Particularmente, importante é a documentação existente, ali, sobre a escravidão em Goiás, cujo valor é acrescido pelo notório desaparecimento e queima de registros similares nas regiões mais desenvolvidas do País. De igual modo, são também extremamente valiosas as fontes documentais referentes à participação de Goiás na Guerra do Paraguai.

A documentação existente no Museu das Bandeiras está colocada sobre prateleiras de madeira e protegida, contra fungos de cupins, por camadas de inseticida. Os pacotes existentes são amarrados com cordão e trazem indicação externa do conteúdo. Toda a fiação elétrica do antigo prédio da Casa da Câmara e Cadeia -- que ora abriga o Museu e data do século XVIII -- é exposta; um curto-circuito que vier a ocorrer certamente reduzirá a cinzas o acervo e, talvez, o próprio prédio.

A documentação histórica sob a guarda do Arquivo Estadual (AHE), em Goiânia, tem merecido a atenção e a dedicação de técnicos que ali trabalham. Não obstante, está guardada em prédio inadequado para esse fim. Ali estão documentos dos séculos dezoito e do dezenove, sobretudo aqueles que dizem respeito à administração e à política. De igual modo, reúne jornais e revistas, bem como opúsculos de interesse histórico. Sobre a transferência dessa documentação de Goiás (antiga capital) para Goiânia, quando da instalação do governo, contava Zoroastro Artiaga que caminhões foram carregados de papéis e que a viagem fez-se em época de chuvas torrenciais, por estradas precárias. Em dado momento, um dos caminhões atolou e, como não havia socorro possível, nem sequer a possibilidade de se obter uma prancha de madeira ou pedras para servirem de calço, alguns dos fardos de

documentos foram colocados sob as rodas, até que o caminhão pôde seguir viagem ...

O acervo do Arquivo Histórico Estadual (AHE) foi levantado por Gilka Vasconcellos Ferreira de Salles, da Universidade Federal de Goiás (Cf. *Revista de História*, de São Paulo, n. 88, de 1981). Tanto a forma de classificação dos mesmos com a sua preservação vêm sendo feitas da maneira que se é possível realizar. O acervo de jornais, bastante valioso, também deixa a desejar quanto ao tratamento recebido, pois são precários os recursos disponíveis. O AHE começou a editar uma Revista, mas dela foram publicados poucos números.

Relativamente aos acervos cartoriais, foi realizado levantamento parcial, por equipe da Universidade Federal de Goiás, coordenada pela Profa. Dalísia E. Martins Dolles, com financiamento da SUDECO, no início da década de 80. A situação desses documentos é, via de regra, precaríssima, tanto do ponto de vista de conservação, como de acesso para os pesquisadores. Alguns dos inventários e testamentos mais antigos estão no acervo de Frei Simão, em Goiás. Há a registrar, como alerta e como denúncia, o desaparecimento do inventário do legendário Comendador Joaquim de Oliveira, que consultamos pessoalmente, em 1978, no Cartório do 1o. Ofício de Pirenópolis, e que foi dali subtraído. Não se trata de um ocorrência isolada, infelizmente. Não é incomum verificar-se o desaparecimento do Cartório, que os guardava, de inventários e outros autos de vital importância para a história de Goiás. Os que assim procedem certamente não sabem que o escrito histórico, como trabalho científico, requer a comprovação das fontes levada a efeito por outros investigadores.

ALGUMAS SUGESTÕES - A documentação manuscrita encontrada nos acervos goianos está a merecer cuidados urgentes, segundo duas ordens de providências:

- a. reunir o acervo, que se encontra disperso e mal acondicionado;
- b. restaurar, conservar e catalogar tal acervo, colocando-o ao alcance dos pesquisadores.

Para reunir e guardar essa valiosa documentação, deverá ser construído prédio adequado, com as indispensáveis condições de preservação dos manuscritos: climatização, proteção contra fogo, reprodução para manuseio, etc. Esse Arquivo deverá centralizar a mão-de-obra a ser formada, sob a forma de especialistas em restauração, em leituras paleográfica, em arquivolo-

gia e documentação e outros. Como opinião pessoal, entendemos que o mesmo deverá localizar-se preferencialmente na Cidade de Goiás, pelo seu caráter de cidade histórica, enquanto que microfímes poderão ser levados para Goiânia e outros locais acaso interessados.

Com essa finalidade, poderia o Ministério da Cultura, através da 8a. Delegacia Regional da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), dar início a uma política de proteção de arquivos históricos em convênio com o Ministério da Justiça e o Arquivo Nacional, para orientação técnica, objetivando a soma de esforços na preservação de parte expressiva do que há de mais substancial para a memória nacional, ou seja, os acervos documentais.

II DOCUMENTOS IMPRESSOS

As fontes impressas, de interesse para a História de Goiás, inserem-se nas categorias de livros, relatórios, jornais e revistas.

Livros - a produção historiográfica inclui obras escritas por historiadores, cronistas e estudiosos que nasceram ou residiram em Goiás, bem como livros produzidos por pessoas que tão somente percorreram a região ou a visitaram, seja em missão oficial, seja em caráter particular. Do ponto de vista da metodologia empregada, a bibliografia relativa a Goiás inclui crônicas ou relatos elaborados sem preocupações de natureza científica, ao lado de estudos que deliberadamente se voltam para a pesquisa documental e a consulta a fontes primárias e secundárias. Estes últimos oscilam entre obras de cunho nitidamente factual, na vertente da história historizante (a expressão é tirada a Henri Berr), até a recente produção acadêmica, influenciada pela *École des Annales* ou pela vertente marxista, com a elaboração de teses de doutorado ou dissertações de mestrado, as primeiras predominantemente apresentadas à Universidade de São Paulo, e as segundas, ao Curso de Mestrado em História das Sociedades Agrárias, da Universidade Federal de Goiás.

Ensaçando a periodização dessa produção historiográfica, poderíamos, grosso modo, delimitar três períodos, a saber:

- a) Trabalhos produzidos no século XIX - dentre os quais predominam as memórias, crônicas e relatos de viajantes ou de governantes/autoridades que, de algum modo, residiram ou prestaram serviços em Goiás.
- b) Trabalhos produzidos entre 1900 e 1960 - incluindo obras que se preocupam com o registro de fatos, e a transcrição de docu-

mentos. Nessa fase, situam-se, também, estudos genealógicos, que estiveram em voga, em todo o País, na segunda e terceira décadas do século. De igual modo, a obra pioneira de Americano do Brasil, que ensaia vãos elevados e busca as conexões causais da história goiana, foi produzida nesse período.

- c) Trabalhos produzidos a partir de 1960, quando se deu a criação da Universidade Federal de Goiás. O marco inaugural desse período é o livro de Luis Palacín. **S. J. Goiás (1722 - 1822). Estrutura e Conjuntura de uma Capitania de Minas**, apresentado como tese de Livre-Docência e publicado em 1972. A produção historiográfica passa, então, a apresentar cunho predominantemente monográfico e a privilegiar temas relativos à História Econômica e à História Social, desenvolvidos com rigor científico. Registre-se, todavia, o fato de que, mesmo em épocas recentes, continuam a ser publicados mais adequadamente ao lado daqueles referidos no item anterior. Cronistas, viajantes e governantes/autoridades (século XIX).

São livros tidos como clássicos da historiografia goiana, muitos dos quais imprescindíveis para a elaboração de trabalhos voltados para os séculos XVIII e XIX. Veja-se:

- ALENCASTRE, José Maria Pereira de. **Anais da Província de Goiás**. A 1a. Edição data de 1854, em publicação na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Em 1979 foi reeditado pela Editora Gráfica Ipiranga, de Goiânia, com apoio do Estado de Goiás e da Sudeco.
- ALINCOURT, Luis D. **Memória sobre a viagem de Porto de Santos à Cidade de Cuiabá**. Foi reeditado em 1975 pela EDUSP e Itatiaia, esta de Belo Horizonte.
- BARATA, José Rodrigues. "Memória em que se mostram algumas providências tendentes ao melhor sucesso da agricultura e comércio da Capitania de Goiás". Editado pela UCG in **Memórias I**. Goiânia, 1982.
- BERTHET, Michel Laurent, Frei. "Uma viagem de missão pelo interior do Brasil". Editado pela UCG in **Memórias I**. Goiânia, 1982. Tradução de Laura Chaer.
- BRANDÃO, Antônio José da Costa. **Almanaque da Província de Goiás para o ano de 1886**. Goiânia, UFG, 1978, Reimpresão.
- COUDREAU, Henri. **Viagem ao Tocantins-Araguaia**. Paris, 1897.
- CASTELNAU, Francis de. **Expedição às Regiões Centrais da América do Sul**. Reeditado em São Paulo, pela Editora Nacional, em 1949.

- GARDNER, George. Viagens no Brasil. Principalmente nas Províncias do Norte e nos Distritos de Ouro e do Diamante. Brasiliana (223) 1942, Reeditado pela Itatiaia, Belo Horizonte, e EDUSP, São Paulo, em 1975.
- LEAL, Oscar. Viagem às Terras Goianas. Lisboa, 1882. Reeditado pela UFG, em 1985.
- MAGALHÃES, José Maria Couto de. Relatório dos Negócios da Empresa de Navegações no Araguaia. Rio de Janeiro, Tipografia Imperial, 1871.
 . Viagem ao Araguaia. Rio de Janeiro, Nacional, 1946.
- MATTOS, Raimundo José da Cunha. "Chorographia Histórica da Província de Goiás". In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, Rio de Janeiro (37 - 38), 1874. Republicado em Goiânia, SUDECO, 1978.
- POHL, Johann Emmanuel. Viagem no Interior do Brasil. 2v. Rio de Janeiro, INL, 1951. Reeditado pela EDUSP, em 1976.
- S. J., Norberto de. "Damiana da Cunha". Rio de Janeiro, in: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (XXIV) 1851.
- SAINT-HILLAIRE, Auguste de. Viagem às Nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goyaz. São Paulo, Nacional, 1973. 2v. Reeditado recentemente.
- SEGURADO, Joaquim Theotônio. "Memória econômica sobre o comércio ativo da Capitania de Goiás, 1806. Editado pela UCG in: Memórias I, 1982.
- SOUZA, Luis Antônio da Silva (e Cônego). O Descobrimento da Capitania de Goyaz. Governo, População e Coisas Mais Notáveis. 30 de setembro de 1812. É considerada a obra mater da historiografiagoiana. Publicada pela 1a. vez no Jornal O Patriota, do Rio de Janeiro. Republicada in Jornal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (16), 1849. Edição recente: Goiânia, Universidade Federal de Goiás, 1967.
 "Memória Estatística da Província de Goyaz". Republicada in Revista Goiana de História. Goiânia, Centro de Estudos Históricos, UFG, 1971.

Trabalhos de história factual (1900 - 1960) .

São obras voltadas predominantemente para temas da história política e administrativa de Goiás, com exceção de alguns estudos genealógicos e estatísticos. Nesse período, surgem também publicações que se dedicam a temas locais ou municipais.

- ALMEIDA, Victor Coelho de. Goyaz - usos, costumes, riquezas naturais. São Paulo, Gráf. "Rev. dos Tribunais", 1944.
- ARTIAGA, Zoroastro. Geografia Econômica, Histórica e Descritiva do Estado de Goiás. Goiânia, Tipografia Triângulo, 1951. O autor publicou inúmeras obras, prejudicadas, todavia, pela inexistência de referências às fontes utilizadas.
- . Dos índios do Brasil Central. Uberaba, Gráf. Triângulo s/d.
- AZEVEDO, Francisco Lopes F. Dados biográficos e históricos do Município de Anápolis. São João de Boa Vista, s/e (1938).
- AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. Anuário Histórico, Geográfico e Descritivo do Estado de Goiás. Uberaba, Ed. Livraria Século XX, 1910.
- BRASIL, Americano do. Súmula da História de Goyaz. Cidade de Goiás, Imprensa Oficial, 1932. Livro elaborado com fins didáticos; é marco importante na historiografia goiana. Reeditado em 1961, pelo Departamento Estadual de Cultura.
- BRASIL, Americano do. Pela terra goiana. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1923.
- . Questão de Limites Goyaz-Pará. Goyaz, Correio Oficial, 1920.
- BUENO, J. Carvalho. História da Medicina em Goiás. Goiânia, s/e, 1979.
- CARVALHO, J. B. Fragmentos da História de Ipameri. Ipameri, 1958.
- CASTRO, Abel Soares de. Origem dos Institutos Jurídicos de Goiás. Goiânia, s/e, 1946.
- CASTRO, Derval. Annaes da Comarca do Rio das Pedras (História e Chorografia). São Paulo, Ed. Casa Duprat, 1933.
- CRULS, Gastão. Relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil. São Paulo, Nacional, 1947.
- COSTA, Gerson de Castro. Goiânia, a MetrÓpole do Oeste. Goiânia, Academia Goiana de Letras, 1947.
- COELHO, Guilherme F. Expedição histórica nos sertões de Goiás: S. José do Duro. Goiás, Ed. "O Popular", 1937.
- COUTO, Goiás do. Memórias e belezas da Cidade de Goiás. Goiás, s/e, 1958.
- CURADO, Ângelo Arlington Fleury. Fleurys e Curados. Goiânia, Ed. E. T. G., 1956.
- CURADO, Sebastião Fleury. Memórias Históricas. São Paulo, Gráfica da Revista dos Tribunais, 1956.

- FRANÇA, Basileu Toledo. I. E. G. Estabelecimento padrão de ensino. (1882 - 1956). Goiânia, Tipografia Popular, 1956.
- . Pioneiros. S. J. Rio Preto. s/e, 1954. Foi reeditado em 1972, pelo Departamento Estadual de Cultura, Goiânia.
- GALLAIS, Estevão O. P. O Apóstolo do Araguaia - Frei Gil Vilanova, missionário dominicano. São Paulo, Gráf. da "Revista dos Tribunais", 1942.
- IBGE. Goiânia. Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Geografia, 1942.
- JAYME, Jarbas. Cinco Vultos Meiapontenses. São Paulo, Biblioteca Genealógica Brasileira, n. 5, 1943.
- . Esboço histórico de Pirenópolis. Goiânia, UFG, 1971, Edição póstuma.
- . Famílias pirenopolinas (Ensaio genealógico). 5v., Goiânia, s/e (1952).
- . Do passado ao presente (Ensaio genealógico). Goiânia, s/e (1952).
- LACERDA, Regina. Vila Boa. São Paulo, Bolsa de Publicações "Hugo de Carvalho Ramos", 1957.
- LOBO, José. Ligeiras notas históricas da cidade de Bela Vista de Goiás. Ribeirão Preto, Tipografia Baribare, s/d.
- LOBO, José. Contribuição à história da imprensa goiana. Goiânia, Gráfica Ingra, 1949.
- LOWEL, Joan. Terra prometida. São Paulo Melhoramentos, s/d.
- LIMA, Guimarães. Goiás libertado (O livro branco da campanha democrática). Rio de Janeiro, AGIR, 1947.
- MARCIGALIA, P. Luiz. Dom Emanuel Gomes de Oliveira, 1o. Arcebispo de Goiás. São Paulo, s/e, (1955).
- MONTEIRO, Ophélia Sácrates do Nascimento. Como nasceu Goiânia. São Paulo, Ed. Gráfica "Revista dos Tribunais", 1938.
- . Goiás, coração do Brasil. São Paulo, Tip. Paulista, 1933.
- . "Escola Normal Oficial". In: Oeste, Goiânia, 3(19): 795, agosto/1984.
- . História de São José de Mossâmedes. S/r, 1951.
- . Reminiscências (Goiás d'antanho). Goiânia, Oriente, 1974.
- Moraes, Jeronymo Rodrigues de. Herança do Dr. Corumbá. Rio de Janeiro, 1914.
- Paternostro, Júlio. Viagem ao Tocantins. Brasiliana (248), Rio de Janeiro, Nacional, 1945.

- RAMOS, Alcide Celso Jubé. Ensaio de Chorografia de Goyaz, Goiaz, 1919.
- RAMOS, Victor de Carvalho. O descobrimento de Goiás e o seu bicentenário, Uberaba, Of. Jardim, 1925.
- . Traço biográfico de Guimarães Natal. Goiânia, s/e, 1937.
- SABINO Jr., Oscar. Goiânia documentada. São Paulo, Ed. 1960. Reeditado e atualizado com o nome de Goiânia Global. Goiânia, Oriente, 1960.
- SANTANA, Moysés. Vultos e factos de Goyaz. v. I. Rio de Janeiro, Papellaria Brazil, 1928.
- SILVA, Henrique. Sumé e o destino da Nação Goiana. Rio de Janeiro, 1960.
- . Coletânea de mapas coloniais. S/ referências.
 - . A Bandeira do Anhanguera a Goiás em 1722. Niterói, 1917. Transcreve os roteiros de Urbano de Couto e do Alferes Silva Braga. Foi reimpresso pela UCG in Memórias Goianas I. Goiânia, 1982.
 - . Esboço biográfico do Comendador Francisco José da Silva. Rio de Janeiro, 1907.
- SILVA, Colemar Natal e. História de Goiás. 2v. Rio de Janeiro, Estabelecimento Gráfico Mundo Médico, 1935. Reeditado, em Goiânia, Gráfica e Ed. Lider, (1979).
- . O crime do Procurador Geral do Estado de Goyaz. Razões de defesa. Rio de Janeiro, Estabelecimento Gráfica do Mundo Médico, 1934.
 - . Súmula da defesa. Goiânia, UCG, (1964).
- SILVA FILHO, C. &. Goiás tétrico. Goiás, s/e., 1931.
- SILVA, Eurídice Natal e. Notas da viagem ao Araguaia. Goiânia 1939.
- SILVA, Hermano Ribeiro. Nos sertões do Araguaia. São Paulo, Edições Cultura Brasileira (1935).
- SILVA, Inácio José Xavier da. De Goiás Velho e de Cuiabá. Goiânia, Ed. ETG, 1950.
- SILVA, J. Trindade da Fonseca. Lugares e pessoas. São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas, 1948.
- SILVEIRA, José Peixoto da. A Nova Capital. Rio de Janeiro, Ed. Pongetti, 1957.
- . Belo Horizonte e Goiânia-Exemplos para a mudança da Capital Federal. S/r.
- SIQUEIRA, Joaquim Bonifácio Gomes de. A descoberta de Goiás, s/e, s/d.
- . Através dos séculos. (Esboço genealógico da família Si-

- queira). Goyaz, Typ. "Jornal de Goyaz", 1921.
- SIQUEIRA, José Assuero de. *Pequena Corografia de Goiás*. Pirnópolis, Tipografia Siqueira, 1937.
- TAUNAY, Affonso D'Escragnole. *Os Primeiros Anos de Goiás (1722/1748)*. São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 1950, 212 p.
- . Goyaz. São Paulo, Melhoramentos, 1931.
- TEIXEIRA, Pedro Ludovico. *A Mudança da Capital de Goiás*. Goiânia, s/e 1955. Conferência proferida para os estagiários da Escola Superior de Guerra.
- TRINDADE, Cônego. "O centenário do Liceu de Goiás". In: *Revista de Educação e Saúde*. Goiânia, 12(25-26): 46-49, abr/maio, 1946.
- VEIGA, Netto. *Autologia Goiana (Prosadores, jornalistas e poetas falecidos)*. São Paulo, Gráf. da "Rev. dos Tribunais", 1944. Edição da Bolsa de Publicações "Hugo de Carvalho Ramos".
- VIGGIANO, Pedro. "Memórias do Liceu Goiano". In: *Revista de Educação*, Goiânia 17(37): 63-66, jan/fev. 1959.
- . "Centenário do Liceu de Goiás". In: *Revista de Educação e Saúde*. Goiânia, 14(27-28): 14-18, jun/jul. 1946.
- . "Escola Normal - sua origem e evolução em nosso Estado". In: *Revista de Educação e Saúde*. Goiânia, 12(23-24): 13-16, fev/março de 1946.
- AUTORES DIVERSOS. "Subsídios para a História da Capitania de Goiás". In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*(84). 1946. (84). 1946.

Trabalhos elaborados a partir de 1960

A Universidade Federal de Goiás foi criada em 14 de dezembro de 1960, quando já funcionava a Universidade de Goiás (Católica), cujo embrião foi a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Nesta, o Curso de Geografia e História formou sua primeira turma em 1951, sendo que muitos dos atuais historiadores de Goiás são ex-alunos dessa instituição. Em nível superior, a disciplina História de Goiás foi, inicialmente, oferecida pelo Centro de Estudos Brasileiros, da UFG, em 1963. Com a extinção deste, no ano seguinte, a disciplina passou a ser ministrada no Curso de Geografia e História (depois Curso de História) da Faculdade de Filosofia e Ciências da UFG. Implantada a reforma universitária (1968), foi criado o Instituto de Ciências Humanas e Letras, que

absorveu a Licenciatura em História e deu início a um Curso de Pós-Graduação, nessa área, mediante convênio com a Universidade de São Paulo (1970). Em 1972, teve início o Curso de Mestrado em História, com que a produção historiográfica regional tem sido enriquecida e aperfeiçoada. A instalação da Editora da UFG (1980) e a criação da Revista do ICHL têm possibilitado a publicação de teses, dissertações, ensaios e estudos. De igual modo, a Universidade Católica de Goiás vem incentivando a produção historiográfica, entre professores e alunos, divulgando-a, sobretudo, através da publicação da Revista Estudos (anteriormente denominada de Estudos Goianienses). Dentre os trabalhos publicados após 1960, ao lado de teses e dissertações acadêmicas, foram como se afirmou, editadas obras que mantêm as mesmas características do período anterior, elaboradas por estudiosos da História que não possuem formação especializada.

Não dispomos de informações completas sobre a mais recente produção historiográfica de Goiás, mas uma listagem preliminar de livros e autores incluirá, certamente, os que a seguir se relecciona.

ALMEIDA, Nelly Alves de. *Tempo de ontem*. Goiânia, UFG, 1972.

. *Literatura e Sentimento*. Goiânia, Oriente, 1974.

. *Jaraguá - história e memória*. Goiânia, s/e, 1982, 35 p.

Conferência.

ALVES, Joaquim Rodrigues. *Santa Cruz de Goiás*. Goiânia, s/e (1984).

AMORIM, Eduardo Guedes. *Aruanã*. Goiânia, Oriente, 1973.

ARAÚJO, Délio Moreira et alii. "Faculdade de Ciências Econômicas de Goiás". In: *Estudos*. Goiânia, UCG, 1987. Número especial.

"Mais planos que realizações: A Estrada de Ferro no Estado de Goiás". In: *Estudos Goianienses*. Goiânia 2(2): 85-98, 1o. sem/1974.

BERNARDES, Carmo. *Força da Nova (Relembranças)*. Goiânia, Secretaria de Educação e Cultura, 1981.

BORGES, Ana Maria e PALACIN, Luiz S. J. *Patrimônio Histórico de Goiás*. Goiânia, Secretaria de Cultura e Desporto, s/d

BORGES, Humberto Crispim. "Henrique Silva (1865-1935)". In: *Goiás Cultura*, Goiânia, 1(1): 67-77, jan/jun. 1982.

"Francisco Ferreira dos Santos Azevedo". In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás*. Goiânia, 1(3): 45-54, 1975.

- . História de Silvânia. Goiânia, CERNE, 1981.
- . Moisés Santana. Vida e obra. Goiânia, CERNE, 1980.
- BORGES, Mauro. O golpe em Goiás (História de uma grande injustiça). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.
- BORGES, Venerando de Freitas. Dobras do tempo. Goiânia, "O Popular", 1980.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. "Cavalhadas em Goiás e em Pirenópolis: breves registros históricos". In: . Cavalhadas de Pirenópolis. Goiânia, Oriente, 1974.
- BRETAS, Genésio Ferreira. "127 anos de Liceu". In: Nossa - Revista Noticiosa. Goiânia 1(2): 6-11, mar/1974.
- BRITTO, Célia Coutinho Seixo de. A mulher, a história e Goiás. Goiânia, Departamento Estadual de Cultura, 1974.
- BRITO, Maria Helena Oliveira. A colônia alemã de Uvã - uma tentativa oficial de colonização em Goiás. Goiânia, UFG, 1971. Mimeo. Dissertação de Mestrado.
- BRZEZINSKI, Iria. A formação do professor para o início da escolarização. Goiânia, UCG/SE, 1987.
- BUENO, Jerônimo Carvalho. História da medicina em Goiás. Goiânia, s/e. 1979.
- CÂMARA, Jaime. Os tempos da mudança. Goiânia, (Gráf. "O Popular"), 1976.
- CAMPOS, Francisco Itami. Coronelismo em Goiás. Goiânia, UFG 1983.
- CAMPOS, Onaldo. Rio Verde histórico. São Paulo, Edigraf. 1971
- CANESIN, Ma. Teresa e LOUREIRO, Walderês N. "Império: a proposta da Escola Normal". In: Inter-Ação. Goiânia (9-10): 1-37, 1985/6.
- CASSIMIRO, Maria do Rosário. Desenvolvimento da Educação no interior brasileiro. Goiânia, Oriente, 1974.
- CHAIM, Marivone Matos. Os Aldeamentos Indígenas na Capitania de Goiás. Goiânia, Oriente, 1974.
- CHAUL, Nasr N. F. A Construção de Goiânia e a Transferência da Capital. Goiânia, UFG, 1983.
- COSTA, Lena Castello Branco Ferreira. Arraial e Coronel. Dois Estudos de História Social. São Paulo, Cultura, 1978.
- . "O Desenvolvimento das Comunicações Urbanas de Goiás". In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Goiânia 5(6): 129-163, 1977.
- . "A Transferência da Capital de Goiás para Goiânia". In: Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História. São Paulo, 1972.

- . "A bandeira do Anhanguera e o desenvolvimento do Centro-Oeste". In: **Cultura**, Brasília, n. 9, 1976.
- COSTA, Waldir Luiz. "Ciclos evolutivos da economia goiana". In: **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás**. Goiânia, 8(9): 15-29, 1980.
- CURADO, Glória Grace. **Pirenópolis, uma cidade para o turismo**. Goiânia, Oriente, 1980.
- CUNHA, Wilson Ferreira. "Anápolis: um enfoque histórico". In: **Estudos Goianienses**, Goiânia, 4(6): 71-78, 2o. sem/1977.
- DAHER, Nice Monteiro. **Lembranças em 4 tempos**. Goiânia, s/e, 1984.
- DAYRELL, Eliane Garcindo. "A bançada do PCB na Assembléia Legislativa de Goiás". In: **Revista do ICHL**, Goiânia - vol. 3 nos. 2, p. 235 e 3 p. 197 - 210, 1984 e vol. 4, n. 1, p. 23 - 53, 1984.
- DOLES, Dalísia E. Martins. **As Comunicações Fluviais pelo Tocantins e Araguaia no Século XIX**. Goiânia, Oriente, 1974.
- .. et alii. **Arquivos Cartorais: Anápolis, Catalão, Jataí**. Goiânia, UFG, 1983.
- . "Fontes Primárias: Relativas à Escravidão em Pirenópolis 1784 a 1888". In: **Anais do IX Simpósio de Professores Universitários de História**. Florianópolis, 1977.
- ÉLIS, Bernardo. **Os enigmas de Bartolomeu Antônio Cordovil**. Goiânia, Oriente, 1980.
- . **Vila Boa de Goiás**. Rio de Janeiro, Berlendis e Vertechia Ed., 1979.
- . **Chegou o Governador**. Rio de Janeiro, José Olympio Ed. 1987.
- FERREIRA, Joaquim de Carvalho. **Presidentes e Governadores de Goiás**. Goiânia, UFG, 1980.
- FERREIRA, Manoel Rodrigues. **O mistério do ouro dos Mártirios**. São Paulo, 1960.
- . **As bandeiras do Paraupava**. São Paulo, Prefeitura Municipal, 1977.
- . "Cidade de Goiás: onde findou a grande era das bandeiras paulistas". In: **A Cidade de Goiás e o escultor goiano Veiga Valle**. São Paulo, MASP, 1978.
- FLEURY, Rosarita. **Eurydice Natal e Silva - Evolução cultural e sociológica de uma vida**. Goiânia, Ed. Lida (1977).
- FRANÇA, Basileu Toledo. **Estudos de Educação**. Goiânia, s/e, 1961.
- FRANÇA, Maria de Souza. **Povoamento do Sul de Goiás (1872 1900)**. Goiânia, 1979. Mimeo.

- FUNES, Euripedes Antônio. Goiás 1800 - 1850-1850: um período de transição da mineração à agropecuária. Goiânia, UFG, 1986.
- GARCIA, Ledonias Franco. Estudos de História. Goiânia UFG.
- GODOY, Claro Augusto. Fragmentos do Passado. Goiânia, Gráf. "O Popular", 1975.
- GRAEFF, Edgar Albuquerque. Goiânia: 50 anos. Goiânia, UFG, 1985, 46 p.
- HELOU, Bourhan. Memórias de um imigrante. Goiânia, Oriente, 1969.
- LACERDA, Regina. "Traços da cultura portuguesa em Goiás". In: A Folclórica, Goiânia, 1(1): 43-48, 1972.
 . Henrique Silva, General das Letras Goianas. Goiânia, Gráf. do Livro Goiano, 1973.
 . A Independência em Goiás. Goiânia, Oriente, 1970.
- LEFEVRE? Renée & LEMOS, Carlos A. C. São Paulo, sua arquitetura: Colônia e Império. São Paulo, Nacional/EDUSP, 1974.
- LLECH, Frei Francisco. "A Ordem Dominicana em Goiás". In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, Goiânia, 4(5): 187-226 out/1976. Trad. do Genesco Ferreira Bretas.
- LOBO, José. Goianos ilustres. Goiânia, Oriente, 1974.
- LOBO, José Sêneca. Bonfim de Goiás - minha terra, minha gente. Goiânia, s/e, 1984.
- MACHADO, Lais Aparecida. A administração provincial em Goiás e seus antecedentes coloniais. Goiânia, 1978. Mimeo.
- MAGALINSKI, Jean. Deslocados de Guerra em Goiás. Goiânia, UFG, 1980.
 . "Imigrantes alemães em Goiás". In: Revista do ICHL. Goiânia, vol. 3, n. 2, 1983.
- MARINHO, Maria Marlene. As funções dos técnicos de supervisão no ensino de primeiro grau em Goiânia - Goiás. Relação entre seu desempenho e os princípios da supervisão escolar. Goiânia, UFG, 1980.
- MARTINS, Gildete Inácio. A participação de Goiás na Guerra do Paraguai. Goiânia, UFG, 1983.
- MENDONÇA, Belkiss S. Carneiro de. A música em Goiás. Goiânia, UFG, 1981.
- MENEZES, Irmã Áurea Coraleiro. O Colégio Santa Clara e sua influência educacional em Goiás. Goiânia, Instituto Goiano do Livro, 1981.
- MIRANDA, Anna Britto. História de Pedro Afonso. Goiânia, Oriente, 1973.

- MONTEIRO, Margarida Ma. de Jesus. Mecanismo do planejamento educacional: sua implantação em Goiás. Goiânia, UFG, 1980.
- MONTEIRO, Ophélia S. Nascimento. Reminiscências (Goiás d'antanho). Goiânia, Oriente, 1974.
- MORAES, Ma. Augusta Santana. História de uma Oligarquia: os Bulhões Goiânia, Oriente, 1974.
- . "Conjuntura econômica, administrativa e política de Goiás nas primeiras décadas do século XIX". In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Goiânia 7(6): 27-37, 1977.
- MOREYRA, Sérgio Paulo. "O Processo de Independência em Goiás. In: MOTTA, Carlos Guilherme. 1822. Dimensões. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- MOTA, Atico Vilas Boas e GOMES, Modesto (org). Aspectos da cultura goiana. Vol. 2, Goiânia, Oriente, 1971.
- MOURA, Francisco Carlos. "Viagem através de Goiás e Mato Grosso em 1772". In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, 5(6): 165-203, 1977.
- NEY, Licardino. Um lutador. Goiânia, Gráf. Olímpica Editora, 1975.
- ONOFRE, Manoel. "Comentários sobre a Guerra do Paraguai inclusive sobre o concurso de Goiás". In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Goiânia 4(5): 159-168, 1976.
- PALACIN, Luis (Pe.). Goiás 1722-1822. Estrutura e Conjuntura de uma Capitania de Minas. Goiânia, Oriente, 1972. Reeditado sob o título: O Século do Ouro em Goiás.
- . "Linhas estruturais da História de Goiás". In: Estudos Goianienses. Goiânia 2(2): 45-53, 1o. sem/1974.
- . Fundação de Goiânia e Desenvolvimento de Goiás. Goiânia, Oriente, 1976.
- . "Limites e Possibilidades de um Administrador Colonial. O Governo do Conde dos Arcos (1749-1755)". In: Estudos Goianienses. Goiânia (4) 5, 1977.
- . Subversão e Corrupção: um estudo da administração pombalina em Goiás. Goiânia, Ed. UFG, 1983.
- . A Sociedade Colonial. Goiânia, UFG, 1982.
- . Trabalho Escravo: Produção e Produtividade nas Minas de Goiás. In: Anais do V Simpósio de Professores Universitários de História. São Paulo. 1973.
- "Os três povoamentos de Goiás". In: Revista do Institu-

- to Histórico e Geográfico de Goiás. Goiânia. 7(8): 81-95, 1979.
- . e MORAES, M. Sant'Anna. História de Goiás. Goiânia, UFG, 1979.
- PARANHOS, Ricardo. Obras completas. Goiânia, CERNE, 1972.
- PASSOS, Elder Camargo. História de Goiás. Goiânia, Departamento Estadual de Cultura, (1970).
- . "Vida e obra do escultor Veiga Valle". In: A Cidade de Goiás e o escultor Veiga Valle. São Paulo, MASP, 1978.
- PAULA, Ney Telles de. Antônio Americano do Brasil - um esboço biográfico. Goiânia, Secretaria de Cultura e Desportos. 1978.
- PEREIRA, Niomar S. e JARDIM, Mára Públio V. Uma festa religiosa brasileira (Festa do Divino em Goiás e Pirenópolis). São Paulo, Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978.
- PINA, Braz de. Goiás: História da Imprensa. Goiânia, Departamento Estadual de Cultura, 1971.
- . Conservatório de Música da UFG - 16 anos. Goiânia, Oriente, 1973.
- PINA, Léa Araújo de. Meu pai, Bernardo Sayão. Goiânia, UFG, 1964.
- QUEIROZ, Jerônimo Geraldo de. Evolução Cultural de Goiás. Goiânia, Oriente, 1970.
- RASSI, Sara L. T. R. Machado e Ma. Cristina T. "Aspectos culturais da Província de Goiás através da imprensa (1873-1877)". In: Estudos Goianienses. Goiânia 4(5).
- REBELLO, Xavier. Goiás: usos e costumes - estudo e interpretação: 1900-1980. Goiânia, Gráf. Lider, 1987.
- REIS, Gelmires. Efemérides goianas. Goiânia, Secretaria de Educação e Cultura, 1979.
- REIS, Maria Barbosa. Meio século de magistério. Goiânia, Oriente, 1979.
- RODRIGUES, Ma. Augusta Calado S. "Alguns Aspectos do caldeamento em Goiás". In: A Folclórica, Goiânia, 3(4):33-37, 1974.
- ROSA, Durval Borges. Rio Araguaia: corpo e alma. São Paulo, IBRASA/EDUSP, 1987.
- ROSA, Joaquim. Por esse Goiás afora. Goiânia, Livraria Cultura Goiana, 1974.

- ROSA, Ma. Luiza Araújo. *Dos Bulhões aos Caiados*. Goiânia, UCG, 1984.
- SALGUEIRO, Heliana Algoot. *A singularidade da obra de Veiga Valle*. Goiânia, UCG, 1983.
- SALLES, Gilka Vasconcelos Ferreira de. *Economia e escravidão em Goiás colonial*. Goiânia, UFG, 1983.
- . "O povoamento de Goiás (1736-1970)". In: *Revista do ICHL*, Goiânia, 1(1): 79-114. 1981.
- . "O trabalhador escravo em Goiás nos séculos XVIII e XIX". In: *Anais do VI Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*. São Paulo, 1973.
- SANTOS, Fernando Gomes dos, Dom. *Sem violência e sem medo*. Goiânia, UCG, 1982.
- SEGURADO, Joaquim Theotônio. "Memória econômica sobre o comércio da Capitania de Goiás". In: *Memórias Goianas I*, Goiânia, UCG, 1982.
- SILVA, Benedicto. *O Estadista Leopoldo de Bulhões*. Goiânia, UFG, 1979.
- SILVA, Colemar Natal e. "Os sertões goyazes - a conquista da terra e a catequese do índio". In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás*, Goiânia, 1(2): 15-57, 1973.
- SILVA., Francisco Ayres da. *Caminhos de outrora (Diário de viagens)*. Goiânia, Oriente, (1972).
- SILVA, Nancy Ribeiro de. *Tradição e renovação educacional em Goiás*. Goiânia, Oriente, 1975.
- . "Contribuição ao estudo das aulas régias em Goiás". In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás*. Goiânia, 6(7): 75-98, jun/ 1978.
- . "Estudo comparativo de dois regulamentos de ensino - São Paulo e Goiás". In: *Inter-Ação*, Goiânia 1(1): 35-48, nov/1975.
- . "Aula Pública". In: *A Folclórica*. Goiânia 5(6): 102-119, 1977.
- . "Historiografia Regional da Educação". In: *Anais da V Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*, p. 267-274; São Paulo, 1986.
- SILVA, Vindex A. da. *Um carioca "decobre" Goiás*. Goiânia, UFG, 1968.
- TEIXEIRA, Pedro Ludovico. *Memórias*. Goiânia, Livr. Ed. Cultura Goiana, 1973.
- . *Como e por que construí Goiânia*. Brasília, s.e., 1966, 35 p. Depoimento.

- TELLES, Gilberto Mendonça. *A poesia em Goiás*. Goiânia, UFG, 1964. Reeditado.
- TELLES, José Mendonça. *General Curado (Estudo biográfico)*. Goiânia, Oriente, 1974.
- . "Os dominicanos em Goiás - um livro de Frei Germano". In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás*. Goiânia, 4(5): 39-58, 1976.
- . "Imprensa goiana: síntese histórica". In: *Goiás Cultura*, Goiânia 1(1): 43-65. jan/jun. 1982.
- . *Gente e Literatura*. Goiânia, UCG, 1983. Dentre outros, são biografados: Americano do Brasil, Joaquim Alves de Oliveira, Cunha Matos, Henrique Silva e Luiz Antônio da Silva e Souza.
- . Org. *Memórias goianienses*. Goiânia, UCG/SUDECO, 1986. Depoimentos de pioneiros de Goiânia.
- VAZ, Geraldo Coelho. *Vultos Catalanos*. Goiânia, Gráfica Ed. Lider, 1984. 2a. edição. Antologia.
- VAZ, José Carlos Lima, Pe. "Os jesuítas e a UCG - três textos". In: *Estudos Goianienses*. Goiânia 6(10): 31-45, 2o. sem/1979.
- VAZ, Ma. Diva de A. Coelho. *Natividade*. Goiânia, UCG, 1985.
- VIGGIANO, Pedro. "A bela história de Goiás - historiadores". In: *Revista da Academia Goiana de Letras*. Goiânia, p. 20-21. maio/1960.

Jornais - A imprensa goiana surgiu em Meia Ponte por iniciativa do Comendador Joaquim Alves de Oliveira, que fundou o periódico *Matutina Meia-Pontense*, cujo primeiro número data de 05 de março de 1830. Impresso na "Typographia D'Oliveira, onde funciona va a primeira impressora do Centro Oeste, que ali chegara em 31.13.1829 (cf. *Fazenda - Entradas - Meia Ponte, 1823-1833*. in *Museu das Bandeiras*, pacote n. 995), o jornal circulava às 3as e 6as feiras, podendo ser assinado em Cuiabá (Mato Grosso), Goiás, Traíras (Goiás) e São João Del Rei (Minas Gerais). A *Matutina Meia-Pontense* deixou de existir em 1833, e a tipografia foi vendida ao Governo da Província, destinando-se à impressão do *Correio Oficial*. O Governo de Goiás promoveu edição fac-similar da *Matutina Meia-Pontense*, em 1979 (nos. 1 a 526).

Na antiga capital, a Cidade de Goiás-ex-Villa Boa- proliferaram inúmeros jornais, alguns de vida bastante longa, mas quase todos vinculados a partir dos políticos. Sem a pretensão de oferecer uma listagem exaustiva, relaciona-se: *Correio Oficial* - órgão

do governo da Província, depois Estado de Goiás; seu primeiro número data de 31 de junho de 1887; **O Constitucional** - do Partido Conservador; **O Lídador** - órgão da Diocese de Goiás, fundado em 1903; **O Bocayuva**-republicano; **A Imprensa** - ligado ao grupo Xavier de Almeida, fundado em 1911; **O Estado de Goyaz** - da facção bulhonista, fundado em 1911; **O Democrata** - fundado em 1917; **A Província de Goyaz** - hebdomadário literário e noticioso; **O Bouquet** - dedicado ao belo sexo; **O Lar** cujo corpo redatorial era predominantemente feminino, tendo início na década de 20 deste século. A esta lista, outros jornais devem ser acrescentados, tais como: **O Goiaz** (1885-1922); **Cidade de Goiaz** (1938/39 - 1938/48); **Jornal de Goyaz** (1892/95); **A Coligação** (1934/36); **O Comércio** (1879/80 - 1879/81); **A Tribuna Livre** (1879/83); **Gazeta Goiana**; **Sul de Goiás**; **A Imprensa**; **Voz do Povo** (1930/35); **Bonfim**; **O Publicador Goiano** (1885/87); **O Anápolis**; **A Razão** (1936/47); **O Social**; **Novo Horizonte**; **Voz do Sul**. Coleções incompletas desses periódicos podem ser consultadas no Arquivo Estadual, em Goiânia, e no Gabinete Literário, da Cidade de Goiás. Há informações de que alguns deles (**Correio Oficial** e **O Goyaz**) foram microfilmados na Câmara dos Deputados, em Brasília.

O Governo do Estado de Goiás, em edição fac-similar, reimprimiu a revista, ilustrada, mensal, **Informação Goiana** (1917 - 1935). Este veículo foi fundado e teve como diretores Henrique Silva e A. Americano do Brasil, sendo editada no Rio de Janeiro e destinando-se a oferecer informações das possibilidades econômicas do Brasil Central. Dentre outros, foram seus colaboradores: Leopoldo de Bulhões, Guimarães Natal, Victor de Carvalho Ramos, Hugo de Carvalho Ramos, Miguel Calmon, Prof. Eusébio de Abreu, Moysés Santana, Capistrano de Abreu, Cora Coralina. A Universidade Católica de Goiás reprimiu a **Revista Oeste**, em 1983.

Nos dias recentes, são os seguintes, os principais periódicos que, na Capital do Estado, publicam artigos e ensaios históricos: **Estudos goianienses** - revista da UCG, fundada em 1973. Semestral, de publicação regular. **Inter-Ação** revista da Faculdade de Educação, da UFG, fundada em 1975. Traz artigos de interesse para a História da Educação. **Revista do ICHL** (Instituto de Ciências Humanas e Letras) da UFG, fundada em 1981. Publicação semestral, por vezes irregular. **Revista do Instituto Histórico e**

Geográfico de Goiás. Fundada em 1972, transcreve documentos importantes para a História de Goiás.

QUEM É, QUEM É?

Carlos Augusto *

Quem é, quem é?
Que mesmo nos momentos difíceis
Está sempre de pé?

Quem é, quem é?
Que transformou em educativos
instantes
A vida de vários estudantes?

Quem é, quem é?
Que com sua luta e ânsia
Ajudou a acabar com as trevas da
ignorância
E que acendeu a luz, a luz do saber
Para os que queriam aprender.

Quem é, quem é?
Que construiu nesta cidade
Cidade onde eu nasci
Uma obra de verdade
A realidade de uma universidade

Acabei de fazer a vocês uma aposta
Alguém sabe a resposta?
Orador e escritor, bom filho, bom pai,
bom avô
Este homem que aqui está, é o meu
bisavô

Goiânia, 24 de agosto de 1987.

*Carlos Augusto tem 9 anos e é bisneto do professor Colemar Natal e Silva, para quem escreveu o poema.

HOMENAGEM PÓSTUMA

AO MAGNÍFICO REITOR DA UNIVERSIDADE DO BRASIL
PEDRO CALMON

— Prof. Colemar Natal e Silva —

É uma mensagem, ao mesmo tempo de amizade, de admiração e de apreço, a palavra que ora trago a V. Excia., Magnífico Reitor Pedro Calmon, em nome da Diretoria e do Corpo Docente da Faculdade de Filosofia de Goiás.

As coisas verdadeiramente grandes são simples, dizia São Tomás de Aquino.

Eis porque, na simplicidade desta nossa homenagem, de caráter íntimo, algo existe de grande: o sentimento de júbilo pela honra de tê-lo conosco.

Não é homenagem de um Instituto de Ensino Superior recoberto pela pedraria reluzente da fama, do renome, da consagração, conseguidos, como é natural, com o concurso do tempo. Sim, porque o tempo, no dizer Vitor Hugo, só respeita as obras nas quais colabora.

A nossa Faculdade é muito jovem. Ela constrói, agora, os alicerces sobre os quais, no futuro, o apoiará o edifício soberbo da cultura e do saber da gente goiana.

Nenhum lugar seria mesmo mais próprio para uma realização destas, do que o Centro Geográfico do País. O influxo mais salutar que recebemos aqui, é o dos sentimentos de brasilidade sem mesclas.

Nestes altiplanos batidos do sol, de ar, de luz, o aroma das matas virgens que nos circundam, a inspiração do panorama de uma natureza luxuriante, são desafio perene a capacidade de luta, de realizações, da gente brasileira. Aqui, temos que pensar mesmo em construir uma civilização que seja nossa, respeitadas as

conquistas de uma tradição de quatro séculos, naquilo que ela tem de bom, de nobre, de duradouro.

Dar à civilização brasileira um cunho próprio, não seria jamais repudiar o patrimônio comum, que a inter-penetração hoje impôs, pelo convívio mais estreito criado pelo encurtamento de distância, principalmente pelo desenvolvimento vertiginoso da aviação, que ensejou o intercâmbio contínuo de idéias.

Num inquérito entre escritores, sobre ideais, crenças e afirmações, colhemos esta observação que ilustra o nosso pensamento: "a cultura universal, sobretudo nos fenômenos sociais, se generaliza de tal modo, na imprensa, em conferências, em congressos contínuos, nos quais todos os povos concorrem com a sua experiência, no reclamo de suas necessidades, que se tem hoje, quase tangível, diante dos olhos e da inteligência, a marcha da civilização e a visão do caminho mais curto e mais claro ao evoluir de cada País, segundo o seu tipo social e cultural".

A cultura moderna dos fenômenos sociais econômicos e políticos, acrescenta textualmente, o pensador, está sendo feita nas revistas, nos jornais, livros de crítica, e relatórios da vida dos povos, em movimento ininterrupto. Isso não quer dizer que, como se dá nas características individuais de cada ser, não se possam fixar, na vida dos povos, notadamente nas expressões de sua vida espiritual, cultural, contornos próprios e definidos.

Poderíamos chamar a isso, a mentalidade de cada povo. E é a cultura, sob todas as suas múltiplas modalidades, que fixa e define essa mentalidade. Avulta, então, o trabalho precursor que irá moldar esses contornos.

Evocando, a propósito, o quadro épico de nossa formação, encontramos logo aquela característica que todos acolhem, sem discrepância: — Nasceu a nossa civilização sob esse signo, não direi singular, mas bemfazejo, que, no Brasil Central, se lançaram também as bases do edifício de nossa cultura. Aqui, se erguem e se agitam duas figuras de intemeratos soldados de Cristo: D. Emanuel Gomes de Oliveira, consagrado por todos como o Arcebispo da Instrução, que vem, há mais de vinte e cinco anos, espalhando a mancheias núcleos de ensino pelo Estado inteiro, é o fator máximo a quem se deve o alto empreendimento, da criação da Faculdade de Filosofia. Coadjuvado pela figura verdadeiramente apostolar de D. Abel Ribeiro Camelo, cuja dedicação pelo estabelecimento jamais conheceu limites, porque é

de toda hora, de todo o instante, sem desfalecimentos, é ele a própria alma da Faculdade, o Diretor querido por todos.

Do outro lado, uma centena de moços e moças representando uma amostra magnificante de pujança intelectual, capaz disso estamos certos de elevar muito e sempre, o nome do magistério e das letras goianas.

Dentre as múltiplas impressões, que, por certo, terão assaltado o seu espírito, no curso desta viagem, nenhuma deve ter superado a da grandeza geográfica de nossa Pátria.

Cortando a abobada celeste do Brasil, sobrevoando o dorso azul de nossas serras, V. Excia., Magnífico Reitor, há de ter pensado, por vezes, lá das alturas, que cruza as longas e aspérrimas estradas salineiras, outrora trilhadas pelos indomitos bandeirantes, aqueles que realizaram a obra estupenda, jamais assás cantada, de alargar as fronteiras do Brasil, dentre de si mesmo.

Bem andou V. Excia., Emérito Professor Pedro Calmon, em acolher o convite da mocidade de Goiás, e vir até Goiânia.

Não é só, o que já seria muito, a honra excelsa de sua presença. E a certeza plena de que V. Excia há de bem compreender e bem julgar, os objetivos verdadeiros de nosso esforço, criando e mantendo aqui, a custa de trabalhos ingentes e cotidianas lutas, um centro de cultura intensiva, capaz de elevar bem alto, em futuro próximo, o nome de nosso Estado; é o estímulo imenso que a sua presença nos dá.

O que fazemos, em última análise, é, pois, trabalhar pelo engrandecimento do Brasil.

Tudo aqui é construção: de um lado, o ruído dos martelos, são as casas que se erguem, as avenidas que se abrem, as praças que se delineiam, pelos quadrantes de cidade - de outro lado, o mourejar incessante pela construção do edifício de nossa cultura; faculdades e mais faculdades, de Farmácia e Odontologia, de Agronomia, de Belas Artes, de Ciências Econômicas, já agora de Engenharia, de centros de estudos e de pesquisas, para os quais se mobilizam todos os recursos disponíveis, se chamam técnicos, se convocam professores de renome, e os mais devotados estudiosos.

Por alguns anos, em Goiânia, superou, como era natural, o problema da instalação, o problema, por assim dizer, material.

Se é verdade, como dizia Capistrano de Abreu, que as cidades, como os indivíduos, necessitam resolver esse problema inicial, para disporem dos lares necessários a alta cultura, - se as cidades antigas, como dentre outras a cidade de Goiás, se fizeram redutos culturais, renomados, no remanso de sua vida estabilizada, não poderia nos bastar, ao construir esta nova Capital, erigir

belos palácios, ruas bem traçadas, vivendas aprazíveis e moderníssimas.

O que mais urgia forjar, era, sim, o acabamento de uma mentalidade ainda mais evoluída e ousada, apta a enfrentar e resolver, sem dúvidas e sem tibiezas, que o momento não comporta, os problemas da vida complexa de nossos dias.

Plantar, enfim, aqui, um novo marco de civilização, dentro dos imperativos da vida contemporânea, sobre todos os seus múltiplos aspectos.

Sem isso, de que nos valeriam os palacetes, as avenidas, as praças, ou a mais requintada expressão de progresso material?

Ora, a história nos revela que "das pedras que compuseram Cartago, não ficou uma partícula transfigurada em espírito ou em luz. A imensidão da Babilônia e do Ninivem não apresenta mais na memória dos homens, do que o esforço que vai da Acrópole ao Pyrêo "...

Disse admiravelmente Rodó: "Grande civilização, grande povo, na acepção que tem valor para a História são aqueles que, ao desaparecerem materialmente no tempo, deixam vibrante, para sempre, a melodia floredida do seu espírito, fazendo persistir, na posteridade o seu imperecível legado.

Nem recito à sedução de trazer, de novo à baila. Est'outra observação feliz do pensador cisplatino:

"Grande será, nessa perspectiva, a cidade cujos arrabaldes de seu espírito, se estendam, para além dos cumes e dos mares, e cujo nome, ao pronunciar-se apenas, ilumine para a posteridade, toda uma jornada da história, todo um horizonte do tempo.

Aí está o sonho que embala e acalenta a Faculdade de Filosofia ao lançar em Goiânia, as bases de sua atividade cultural.

Seja-nos lícito, porém, lhe dizer, na intimidade deste breve convívio intelectual: se já lutamos bastante, ou se algo já realizamos, a nossa meta encarna ideal inda maior no rumo de um objetivo supremo: a instalação da Universidade do Brasil Central, já criada em moldes amplos e adequados.

Sob a inspiração de D. Emanuel Gomes de Oliveira, e sob o alto patrocínio de Sua Eminência. D. Jaime Câmara, esse ideal. foi sem sombra de dúvida, um dos muitos frutos do Congresso Eucarístico de Goiânia.

Deus, por certo, no-lo permitirá ver realizado em breve.

Perdõe-me, Magnífico Reitor, se me alonguei pelas alamedas sedutoras dos assuntos de Ensino, já que estamos reunidos aqui tantos professores.

Pode V. Excia. crer que a sua presença entre nós é uma generosa recompensa a labuta incessante que nos congrega, em prol da difusão do ensino e da cultura.

Para nossa jovem Capital, bem como para todo nosso Estado, é uma honra excelsa tê-lo ao nosso lado.

Nós bem o conhecemos, professor Pedro Calmon, e acompanhamos a esteira luminosa de sua ascensão, as cumiadas da glória, onde se encontra como legítimo expoente da inteligência, da cultura, e do saber, da mais alta intelectualidade brasileira.

Professor emérito, -parlamentar e orador, Reitor, Ministro da Educação do Brasil, além de membro da Academia Brasileira de Letras, e detentor de numerosos outros títulos, por igual meritórios e nobres, o seu nome, da há muito, transpôs as fronteiras da Pátria; é hoje um símbolo.

Longe de mim, vulgarizar a sua obra fecunda cobrindo-a de adjetivos. Prefiro mil vezes estar com aquele conceito simples e certo de Emerson: "é grande aquele que o é naturalmente, aquele que nunca nos faz recordar outros homens".

Em nome de D. Abel Ribeiro, Digníssimo Diretor da Faculdade de Filosofia e, em nome de todo o seu corpo docente, receba esta pequenina homenagem: homenagem pequenina em si mas grande em seu propósito.

Devo ainda acrescentar que ela é extensiva, em nome da Faculdade de Filosofia, a sua Exma. Esposa, D. Herminia Cailler Calmon. que nesta reunião se apresenta como lídima representante da mulher brasileira, e a quem nos ufanamos de considerar d'oravante, cidadã goiana, pela simpatia e apreço que nos merece.

O que de mais grato poderemos ainda esperar de V. Excia., junto aos altos círculos culturais onde pontifica, é que possa dizer, Magnífico Reitor, ao voltar deste vasto Brasil Central: lá também há um povo que pensa, que sonha, que trabalha por um Brasil melhor.

Goiânia, 13 de dezembro de 1952.

DIRETORIA

Presidente

Professor Colemar Natal e Silva

1o. Vice Presidente

José Mendonça Teles

2o. Vice Presidente

Waldir do Espírito Santo Castro Quinta

3o. Vice Presidente

Belkiss S. Carneiro de Mendonça

SECRETARIA

Secretário Geral

José Normanha de Oliveira

1o. Secretário

Nancy Ribeiro de Araújo e Silva

2o. Secretário

M. da Glória S. A. Coutinho

TESOUREIRO

1o. Tesoureiro

Cel. Cristovam Francisco de Castilho

2o. Tesoureiro

Augusto da Paixão Fleury Curado

ORADOR

1o. Orador

Ursulino Tavares Leão

2o. Orador

Gerson de Castro Costa

DIRETOR DA BIBLIOTECA

Diretor da Biblioteca

Nelly Alves de Almeida

1o. Bibliotecário

Marilda Godoi Carvalho

2o. Bibliotecário
Mari Yazzigi

DIRETOR DO MUSEU
Eli Brasiliense

DIRETOR DO ARQUIVO E DOCUMENTOS
Humberto Crispim Borges e Marilda Godoi

DIRETOR DA REVISTA
Geraldo Coelho Vaz

ASSESSOR PARA HISTÓRIA
Gilka Vasconcelos Ferreira Sales e Lena Castelo Branco Ferreira Freitas

ASSESSOR PARA GEOGRAFIA
Itaborai Velasco Nascimento e Dalísia Elizabeth Martins Doles

COMISSÕES

Fundos e Orçamento
Augusto da Paixão Fleury Curado
Waldir do Espírito Santo Castro Quinta
Rosarita Fleury
Nancy Ribeiro de Araújo e Silva
Jacy Siqueira

ESTATUTO

Gerson de Castro Costa
Elder Camargo de Passos
Geraldo Coelho Vaz
Maria da Glória S. A. Coutinho
Jacy Siqueira

HISTÓRIA

Isócrates de Oliveira
Gilka Vasconcelos Ferreira Sales
José Lopes Rodrigues
Maria Augusta Callado Saloma Rodrigues
Mari Yazzigi
Basileu Toledo França

GEOGRAFIA

Braz Wilson Pompeu de Pina Filho
Dalísia Elizabeth Martins Doles
Humberto Crispim Borges
Cel. Cristovam Francisco de Castilho
Itaborai Velasco Nascimento

ETNOGRAFIA E ARQUEOLOGIA

Mari de Nasaré Baiocchi
Acary dos Passos Oliveira

Antônio Theodoro da Silva Neiva
Maria da Glória S. de Azeredo Coutinho
Eli Brasiliense
Regina Lacerda

BIBLIOGRAFIA

Ester Barbosa Oriente
Pe. Luiz Palacin Gomez
José Luiz Bitencourtt
Nelly Alves de Almeida

ADMISSÃO DE SÓCIOS

Altamiro de Moura Pacheco
Belkiss Simão Carneiro de Mendonça
Mari de Nasaré Baiocchi
Itaboraí Velasco Nascimento

— RELAÇÃO NOMINAL DOS SÓCIOS DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE GOIÁS, com os respectivos patronos, endereços e telefones—

NOME	PATRONO	ENDEREÇO	FONE
Altamiro de Moura Pacheco	Henrique Silva	Av. Araguaia, 240	
Antônio Theodoro da Silva Neiva	Antônio Americano do Brasil	Rua R-17, n. 60 - S. Oeste	223-1364
Ana Maria de Almeida Camargo	Correspondente	Rua Alfredo Ellis, 262 ap. 9 (01322 - S. Paulo)	251-4737
Ático Vilas Boas da Mota	J. Pereira de Alencastro	Rua 109, n. 183 - S. Sul	
Augusto da Paixão Fleury Curado	Luiz do Couto	Rua 131, n. 234 - S. Sul	241-7332
Acary dos Passos Oliveira	Pedro Ludovico Texeira	Rua 87, n. 618 - Ed. Tamper, S. Sul	241-0359
Basileu Toledo França	Crispiniano Tavares	Rua 29, n. 123/apto. 502 (Centro)	241-9213
Belkiss Spenciera Carneiro de Mendonça	M. Angélica do Couto Brandão	Av. Tocantins, n. 776 - Centro	225-6928
Bernardo Elis Fleury de Campos Curado	Francisco T. Colombina	Rua C-267, n. 189 - Jardim América	223-1272
Braúlio do Nascimento	Correspondente	Rua S4 Ferreira, 205/901 - Copacabana (22.071 - Rio)	251-1529
Braz Wilson Pompeu de Pina Filho	Sebastião Pompeu de Pina	Rua 92, n. 215 - S. Sul	225-3206
Bueno de Azevedo Filho	Gal. Barão de Taguari	Rua Dr. Augusto Miranda, 1.092 - Ap. 37	(021) 247-2790
			- Cep. 05026 - São Paulo
Carlos Francisco Moura	Correspondente	Rua Prof. Manoel Ferreira, 171, ap. 202 - Gávea-Rio	
Colemar Natal e Silva	Capistrano de Abreu	Av. 85, Ed. Itatiaia, Bl. D. Ap. 502 - S. Marista	241-9218
Cornélio Ramos	Correspondente	Rua Nassim Agel, n. 446, Catalão-GO (Cep. 76.000)	
Cristovam Francisco de Castilho (Ten. Cel.)	Luís Gonzaga de Faria	Rua C-50, Q. 115, Lt. 7 - S. Sudoeste	251-5204
			do Comando Geral
Dalféia Elizabeth Martins Dolos	Emanuel Pohl	Av. Oeste, n. 279 - S. Aeroporto	224-2022
			224-1445
Eli Brasileira de Oliveira	Cândido Mariano de S. Rondon	Al. dos Buritis, 564 - Centro	225-5981
Elder de Passos Camargo	Joaquim Bonifácio de Siqueira	Rua 90, n. 790, ap. 304 - B. S. Sul	241-1973
Eliana Garcindo Dayrell		Rua 14, n. 95, Ed. João Paulo I - S. Oeste	223-0352
Esther Barbosa Oriente	Maria Barbosa Reis	Rua 2, esq. c/a 9, Ed. Mirtes - Centro	224-0572
Fátima Araújo	Correspondente	Av. Pombal, 1566 - Praia Manaira - Centro	
Fernando Antônio de Faria	Correspondente	Caixa Postal 48.047 - Rio de Janeiro (Cep. 20.510)	
Geraldo Coelho Vaz	Honestino Guimarães	Rua 14, n. 25 Ap. 103 - Ed. João XXIII - S. Oeste	224-6913
Germano Dias Machado			
Gerson de Castro Costa	Pedro Camon	Ed. Parthenon Center, s/1.716 - Rua 4, Esc.	224-3052
Gilberto Mendonça Teles	Manuel Aires Cazal	Rua Pompeu Loureiro, n. 36, ap. 802 - Copacabana - Rio	
Gilka Vasconcelos Ferreira Sales		Av. Tocantins, 850 ap. 906, Ed. Jarina	224-0836
Humberto Crispim Borges	Raimundo J. da Cunha Matos	Rua 19, n. 71, ap. 906 - Ed. D. Abel T. 224-1810 - R	224-4625
Hildegardes Vianna	Correspondente	Rua Oito de Dezembro, 703, ap. 1 - Ed. Ferreira Graça-Salvador-BA	
Isócrates de Oliveira	Correspondente	Rua 86, n. 775 - S. Sul	224-8614
Itaboral Velasco Nascimento	Manoel Onofre de Andrade	Rua R-16, n. 86, apto. 101 - Ed. Sândalo, S. Oeste	251-6310
Jaime Câmara	Francisco F. dos Santos	Rua Thomaz Édson, Q-7, S. Serrinha	241-5533
Janaína Passos Amado		BR-060 Km 7, Chácara Luanda	
José Lopes Rodrigues	Rufino Teotônio Segurado	Rua 71, n. 100 - Centro	223-1722
Joaquim Thomaz	Correspondente	Rua Presidente Vargas, n. 633 - Rio de Janeiro	
José Dilermando Meireles	Correspondente	Q 705, Bl. F, casa 44 - DIGS - Brasília (Cep. 70.350)(061) 224-6909 e 224-5529	
José Mendonça Teles	Pe. Luiz Ant. da Silva e Souza	Rua 89, n. 333 - S. Sul	241-3612
Joaquim Gilberto	Correspondente	Praça Evangelino Meireles, n. 180, Luziânia (Cep. 77.220)	(061) 621-1187
Jerônimo de Carvalho Bueno		Rua 136-B, n. 84 - S. Sul	241-2438
Luís Philips Pereira Leite	Correspondente	Trv. João Dias, 317 - Cuiabá, MT (Cep. 78.000)	(065) 321-3512
Luís Câmara Cascudo	Correspondente		
Lena Castelo Branco Ferreira	Francis Castelnau	SON, 106, Bl. J-Brasília	(061) 274-8323 273-1628
Manoel Diegues Júnior	Correspondente	Av. Erasmo Braga, n. 118, 11 andar - Rio de Janeiro (Cep. 20.020)	
Manoel Rodrigues Ferreira	Pedro Taques de A. P. Leme	Av. Higienópolis, n. 240, ap. 31 (Cep. 01238), S. Paulo	
Maria Augusta de Moraes Santana		Av. N. S. de Copacabana, n. 424, ap. 501 - Copacabana - Rio	
Maria do Rosário Fleury (Rosarita)	Jerbas Jaime	Av. Paranaíba, n. 1445	224-0461
Maria da Glória Scartezini Azeredo Coutinho	Waldir Luis Costa	Rua 1129, Q. 237, Lt. 29 - S. Marista	241-0926
Maria Augusta Callado Di Saloma Rodrigues	Antônio Félix de Bulhões Jardim	Rua 128, n. 150 - S. Sul	241-6598
Mari de Nazaré Baiocchi	Couto Magalhães	Rua 5, n. 1031 - S. Oeste	223-1901
Martiniano José da Silva	Correspondente	Rua 86, n. 783, S. Sul (em Mineiros: 3a. Av. - IC. Postal 26)	224-6983
Marivone Matos Chaim	Augusto Saint Hilaire		
Modesto Gomes da Silva	Afonso E. Taunay	Rua 70, n. 382 - Centro	225-5148
Nancy Ribeiro de Araújo e Silva	José Roiz Barala	Rua 107, n. 312, S. Sul	241-0783
Nelly Alves de Almeida	Gelmires Reis	Rua 103, n. 103 - S. Sul	241-5357
Nertan Macêdo	Correspondente	Rua Aperena, n. 38, ap. 205 - Leblon, Rio de Janeiro (Cep. 22.450)	
Paulo Bertran Wirth Chaibub	Leopoldo de Bulhões	Rua 9-B, n. 257 - S. Oeste	223-0630
		em Brasília: MLI, Trecho 9, conj. 4, casa 41	(061) 557-4431
Pe. Luiz Palacin Gomez	W. L. Von Eschwege	11a. Av. n. 933 - S. Universitário	261-2328
Regina Lacerda	Dom Emanuel Gomes de Oliveira	Rua 24, n. 47 - Centro	223-2236
Silvío Augusto Bastos Meira	Correspondente	Rua Xavier da Silveira, n. 80/701 - Copacabana - Rio (Cep. 22.061)	
		Fones: 541-2812, 232-9550 e 225-9611	
Ursulino Tavares Leão	Guimarães Natal	Rua 14, n. 95, ap. 503 - Ed. João Paulo I - S. Oeste	225-9230
Vicente Salles	Correspondente	SQS 210, Bl. A, ap. 508 - Brasília (Cep. 70.000)	(061) 224-6765
Waldir do Espírito Santo Castro Quinta	Zoroastro Artiga	Rua 1, n. 800, Ed. Minerva, ap. 101 - S. Oeste, Tr. 225-2822 - resid.	225-9895

GOVERNO DE
GOIÁS

CAMINHANDO PARA O FUTURO

Incentivando a Cultura
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

